

Espiritismo

Científico

e

Assuntos diversos

- Por que Allan Kardec? – S. S. Chibeni
- A Ciência confirma o Espiritismo? – Aécio P. Chagas
- Polissemias no Espiritismo – Aécio P. Chagas
- As provas científicas – Aécio P. Chagas
- Considerações sobre as relações Espiritismo-Ciência – Ademir L. Xavier Jr.
- Ciência espírita – S. S. Chibeni
- A excelência metodológica do Espiritismo – S. S. Chibeni
- O paradigma espírita – S. S. Chibeni
- As paixões: Uma breve análise filosófica e espírita – S. S. Chibeni
- A concepção espírita de fatalidade – Silvia e Silvio S. Chibeni
- Estudo sobre o passe – Clarice Seno Chibeni
- Estudo sobre a mediunidade – Silvio e Clarice S. Chibeni
- Quadro dos principais fatos referentes a Allan Kardec e às origens do Espiritismo – S. S. Chibeni
- Kardec, obrigado! – Irmão X

Os textos poderão ser livremente copiados para uso particular ou de grupos.
Citações de trechos em outras publicações deverão conter referências às fontes originais.
A republicação total ou parcial dos artigos está sujeita à lei dos direitos autorais,
só podendo ocorrer com a autorização expressa e por escrito dos autores e dos editores
originais.

This page is hosted by Geocities. Get your free homepage and e-mail at <http://www.geocities.com>

Alguns artigos elaborados a partir dos estudos desenvolvidos no GEEU, ou que nele foram ou serão analisados:

- **Por que Allan Kardec? – S. S. Chibeni**
- **A Ciência confirma o Espiritismo? – Aécio P. Chagas**
- **Polissemias no Espiritismo – Aécio P. Chagas**
- **As provas científicas – Aécio P. Chagas**
- **Considerações sobre as relações Espiritismo-Ciência – Ademir L. Xavier Jr.**
- **Ciência espírita – S. S. Chibeni**
- **A excelência metodológica do Espiritismo – S. S. Chibeni**
- **O paradigma espírita – S. S. Chibeni**
- **As paixões: Uma breve análise filosófica e espírita – S. S. Chibeni**
- **A concepção espírita de fatalidade – Silvia e Silvio S. Chibeni**
- **Estudo sobre o passe – Clarice Seno Chibeni**
- **Estudo sobre a mediunidade – Silvio e Clarice S. Chibeni**
- **Quadro dos principais fatos referentes a Allan Kardec e às origens do Espiritismo – S. S. Chibeni**
- **Kardec, obrigado! – Irmão X**

O GRUPO DE ESTUDOS ESPÍRITAS DA UNICAMP: HISTÓRICO E DIRETRIZES

Silvio Seno Chibeni

Resumo:

Neste trabalho relata-se a experiência do Grupo de Estudos Espíritas da Unicamp (GEEU), que promove reuniões semanais de estudo no campus universitário desde 1979. Inicialmente, apresenta-se um breve histórico do Grupo. Em seguida, as diretrizes que têm direcionado suas atividades são expostas e comentadas.

I. UM BREVE HISTÓRICO

1. As origens

Ao ingressar na universidade, em 1977, fiquei sabendo da existência Grupo Universitário de Estudos Espíritas (GUEE), que se reunia semanalmente nas dependências da Faculdade de Engenharia de Alimentos. Aberto à participação de todos os interessados, esse grupo era coordenado por alguns alunos bastante dedicados à tarefa. Deixou de existir no final de 1978 ou início do ano seguinte, quando quase todos os seus integrantes concluíram suas atividades na Unicamp.

Pouco depois, muito provavelmente no ano de 1979, alguns alunos espíritas, em sua maioria dos cursos de graduação em física e química, convidaram-me para uma reunião de estudos, na sala IF-15 do Instituto de Física Gleb Wataghin. Éramos não mais do que dez pessoas, nenhuma das quais, com exceção de mim, havia participado do extinto GUEE. Afigura-se-me à percepção presente que foi a primeira reunião do atual grupo de estudos. Consolidando-se gradativamente, e divulgando suas atividades, passou a ser freqüentado também por funcionários e, mais tarde, por alguns docentes da universidade.

2. As reuniões

Visto que a universidade é uma instituição que, por sua natureza, não se dedica a pesquisas espíritas, sempre tivemos o cuidado de solicitar autorização oficial para utilizarmos suas dependências. Essa circunstância influiu na transferência do Grupo, poucas semanas após a referida reunião, para uma das salas de aula do Instituto de Química (IQ). À época, o Instituto tinha como diretor o Professor Aécio Pereira Chagas, que desde então vem colaborando com o Grupo, não apenas quando das renovações anuais do pedido de uso de sala (para o que alguns outros docentes do IQ também têm emprestado seu apoio), mas também participando ativamente das reuniões, em diversas oportunidades.

Nos anos iniciais, havia em geral mais do que uma reunião por semana, até o máximo de quatro, durante um ou dois semestres, com vistas ao desenvolvimento de estudos específicos de diversas obras. Depois, fatores circunstanciais diversos acabaram determinando a concentração das atividades em apenas uma reunião semanal, como ocorre hoje.

No final de 1994 o Grupo transferiu-se para o auditório da Diretoria Geral da Administração (DGA), na qual à época trabalhavam alguns de seus mais assíduos integrantes. Pudemos utilizar esse local até o final de 1996. No presente ano, reinstalamos-nos no IQ.

As reuniões têm duração aproximada de uma hora e meia, e são iniciadas e encerradas com breves momentos de prece. O número de pessoas tem variado muito ao longo dos anos e ao longo dos períodos letivos. Ordinariamente, observa-se acentuado declínio da freqüência nos finais de semestre, época de provas e exames. Houve tempos em que estávamos presentes apenas uma ou duas pessoas. Atualmente, têm comparecido de quinze a trinta pessoas, acima portanto, da média histórica, que deve girar em torno de dez freqüentadores.

3. Algumas dificuldades

Entre os problemas de ordem material enfrentados pelo Grupo, destaca-se a alteração e, por vezes, a precariedade do local de reunião. Ressente-se também da insuficiência e efemeridade dos meios de divulgação.

Mas, acima de tudo, a flutuação do público tem sido o fator que mais negativamente interfere no desenvolvimento de estudos sistemáticos e seqüenciais ao longo dos anos. Essa flutuação tem um componente inevitável o fato de que, por sua natureza, o corpo discente da universidade não é fixo, e outro que se liga ao interesse e dedicação incertos de boa parte daqueles que se aproximam do Grupo. A experiência evidencia que nos agrupamentos espíritas costuma ser reduzida a fração daqueles que perseveram no estudo, que assumem responsabilidades e flexibilizam suas demais atividades em benefício da causa espírita.

4. Atividades adicionais

A finalidade precípua do GEEU é o estudo sistematizado do Espiritismo em suas reuniões semanais. No intento de incrementar a divulgação do Espiritismo, nos anos de 1995 e 1996 o Grupo promoveu três semanas espíritas, que consistiram de ciclos de palestras e feiras do livro espírita. Nas feiras, procuramos dar ênfase às obras de Allan Kardec e outras de reconhecido valor doutrinário. Serviram não somente para divulgar a literatura espírita, mas também para dialogar mais diretamente com pessoas da comunidade universitária interessadas no Espiritismo.

Desde 1995, um membro do Grupo mantém na Internet uma homepage destinada a divulgar o Espiritismo em sua pureza original. Trata-se de uma das primeiras iniciativas do gênero, explorando esse novo canal de divulgação doutrinária, cuja importância é cada dia maior. Voltada prioritariamente à comunidade internacional, essa página é escrita quase que integralmente em inglês, e tem apresentado expressivo e compensador retorno. (Nota de 10/3/97: por razões de força maior, a homepage original, intitulada "[Spiritism to the World](#)", encontra-se temporariamente fora do ar.)

II. DIRETRIZES DE ATUAÇÃO

1. Divulgação.

O GEEU sempre julgou indispensável estar aberto à participação de todos os interessados. A cada semestre, renova-se a divulgação das reuniões por toda a universidade, por meio de cartazes, boletins de notícias (quando possível) e, mais recentemente, pela Internet.

2. Fidelidade doutrinária.

O GEEU é um grupo de estudo de Espiritismo. Embora respeitemos as demais abordagens do elemento espiritual, de natureza religiosa, mística, filosófica ou supostamente científica, acreditamos que, assim como ocorre nas academias, deve haver uma especialização de atividades. Pessoas que queiram estudar essas vertentes não-espíritas têm toda a liberdade de formar outros núcleos e participar das instituições que melhor atendam aos seus interesses. O GEEU, porém, tem por finalidade exclusiva manter dentro da universidade um espaço no qual se possa aprender e aprofundar os conhecimentos genuinamente espíritas.

Análises do Espiritismo à luz da moderna filosofia da ciência revelam seguramente que ele constitui uma verdadeira ciência, um programa científico de pesquisa, ou paradigma científico, com corpo teórico, conceitos e metodologia próprios e autônomos, como lucidamente notou o próprio Allan Kardec. No primeiro capítulo de seu livro *A Gênese*, ele adverte que embora o Espiritismo seja progressivo e aberto como qualquer ciência, seu desenvolvimento deve se processar segundo os recursos heurísticos e teóricos do próprio programa espírita, sem a enxertia apressada de elementos estranhos, venham de onde vierem. Reconhecendo as "[verdades práticas](#)" das demais ciências, o Espiritismo estará em harmonia com elas, naquilo que houverem estabelecido de forma estável. Seu papel é complementá-las na investigação da Natureza, examinando o elemento espiritual, de que elas não se ocupam, por sua própria concepção.

Igualmente, pode-se mostrar que as propostas de investigação dos aspectos espirituais da realidade que surgiram depois do Espiritismo com o propósito de suplantá-lo enquanto ciência, tais como a metapsíquica e a parapsicologia, invariavelmente não lograram alcançar esse objetivo, por falhas conceituais, teóricas e metodológicas diversas. É comum que pessoas e grupos do meio universitário interessados no estudo de fenômenos espíritas não percebam adequadamente esse fato, e acreditem que o estudo científico de tais fenômenos deva se desenvolver segundo essas perspectivas paralelas ao Espiritismo. Indivíduos com esse enfoque aparecem, de tempos em tempos, no nosso Grupo, afastando-se alguns, quando verificam que ali estudamos "[só](#)" Espiritismo, integrando-se outros, quando se dispõem a aprofundar conosco a questão. (Aliás, esse assunto foi, em diversas ocasiões, detalhadamente examinado por nós, resultando daí alguns textos que se encontram publicados na imprensa espírita. Veja-se, por exemplo, Chibeni 1988 e 1994. Os artigos de Aécio Chagas, Ademir Xavier Jr. e Juvanir Borges de Souza listados no final poderão também ser consultados a esse respeito.)

3. O roteiro de estudos

Embora este ponto não estivesse claro para todos os participantes das reuniões iniciais do Grupo, gradualmente foi-se estabelecendo que os estudos deveriam gravitar em torno do núcleo doutrinário estabelecido por Allan Kardec. Desse modo, alguns meses após sua criação o GEEU já tomava o "[O Livro dos Espíritos](#)" como o centro de suas atenções. Não apenas essa obra aborda de maneira segura, embora por vezes sucinta, todos os princípios centrais do Espiritismo, mas igualmente define-lhe os conceitos fundamentais. Além disso, sua organização didática dos assuntos pode ser aproveitada como um excelente roteiro de estudos, que enseja as oportunas complementações, com base nas demais obras de Kardec e da literatura espírita de boa qualidade que surgiu após elas.

Conforme já mencionado, houve épocas em que o GEEU manteve mais de uma reunião semanal: uma para o estudo do "[O Livro dos Espíritos](#)", outra para o "[O Livro dos Médiuns](#)", outra para o "[O Evangelho segundo o](#)

Espiritismo” e outra para principiantes. Essa multiplicidade de reuniões especializadas não se pôde sustentar por muito tempo, dada a falta de recursos humanos. Mas por diversos anos conseguimos manter a reunião dedicada ao estudo aprofundado do **“O Livro dos Médiuns”**, que constitui a base experimental da ciência espírita. Posteriormente tentamos, em vista do interesse mais direto das pessoas que então freqüentavam o Grupo, introduzir um roteiro de temas que não obedeciam à ordem estrita do **“O Livro dos Espíritos”**, sempre porém, com base nas obras fundamentais. Esse roteiro mostrou-se útil durante algum tempo. De uns anos para cá, retomamos a seqüência do **“O Livro dos Espíritos”**, ao lado de alguns tópicos especiais, como a história do Espiritismo e questões relativas ao movimento espírita.

Não nos propomos a percorrer tantos capítulos ou itens em tanto tempo, como é comum acontecer em cursos de instituições espíritas mais formalizadas. O que nos interessa é a compreensão satisfatória dos textos básicos, desde a introdução, parágrafo por parágrafo, bem como dos pontos complementares suscitados por seu estudo. Não temos pressa de cumprir programas, mas de aprender. Tem acontecido de o estudo de um único capítulo de **“O Livro dos Espíritos”** estender-se por quase um semestre.

Dado o caráter fluante do grosso dos freqüentadores, há uma recorrente necessidade de esclarecer e orientar novos membros, que não raro chegam com um nível de conhecimento doutrinário elementar, ou com distorções de compreensão doutrinária. Isso nos leva a abrir **"parênteses"** mais ou menos longos no roteiro estabelecido. Se tal circunstância dificulta o aprofundamento e o estudo metódico dos temas, por outro lado é levada em conta em nossa proposta. Não estamos lá para nos encerrar em um círculo de pretensão saber; além de não corresponder à realidade, isso representaria a extinção certa do Grupo. Queremos tornar a idéia espírita disponível a todos os interessados que se acerquem de nós, seja qual for a sua condição doutrinária ou cultural, contanto que movidos pela vontade sincera de aprender. Em meio a um movimento espírita onde vicejam tantas idéias mal fundamentadas e tantas esquisitices, acalentamos a esperança de contribuir para a preservação da doutrina, ainda que de forma muito limitada, divulgando textos fundamentais e ressaltando sua excelência em nossas discussões.

4. Desvinculação institucional.

Não obstante a seriedade com que sempre procurou atuar, o GEEU nunca pretendeu institucionalizar-se.

Não obstante constitua uma verdadeira ciência (e também, pode-se argumentar, uma filosofia e uma religião), o Espiritismo distingue-se das ciências acadêmicas, pela especificidade de seu objeto de estudo e de seus objetivos. Assim, não vemos como apropriada a sua inserção institucional nas academias, pelo menos na presente era da Humanidade (veja-se Chagas 1994).

Quanto às relações do GEEU com o movimento espírita, igualmente não formalizadas, têm sido harmônicas e produtivas. Vários dos participantes do Grupo desenvolvem atividades regulares ou excepcionais junto a instituições espíritas de Campinas e de outras cidades. O Grupo também já teve a oportunidade de convidar pessoas ligadas a essas instituições para apresentar palestras ou seminários, especialmente quando da realização das semanas espíritas. As três feiras de livros promovidas nessas ocasiões contaram com a eficiente e simpática colaboração da distribuidora de livros da USE-Campinas.

5. Integração fraterna.

Temos envidado esforços para que as relações humanas entre os membros do Grupo sejam o mais fraternas possível. Gostaríamos que laços de amizade se juntassem ao interesse comum pelo estudo do Espiritismo, e isso em muitos casos tem-se verificado. O clima fraterno não apenas faz parte essencial de nossa vida moral, incrementando as condições de nossa felicidade, mas também mostra-se altamente favorável para o próprio desenvolvimento dos estudos, contribuindo para a superação dos melindres, da timidez, do isolamento durante as reuniões.

Referências

BORGES DE SOUZA, J. "Pesquisas e métodos", **Reformador**, abril de 1986, pp. 99-101.

CHAGAS, A. P. "O que é a ciência", **Reformador**, março de 1984, pp. 80-83 e 93-95. "As provas científicas", **Reformador**, agosto de 1987, pp. 232-33. "A Ciência confirma o Espiritismo?" **Reformador**, julho de 1995, pp. 208-11. "O Espiritismo na Academia?" **Revista Internacional de Espiritismo**, fevereiro de 1994, pp. 20-22 e março de 1994, p. 41-43.

CHIBENI, S.S. "A excelência metodológica do Espiritismo", **Reformador**, novembro de 1988, pp. 328-33, e dezembro de 1988, pp. 373-78. "O paradigma espírita", **Reformador**, junho de 1994, pp. 176-80.

XAVIER JR., A. L. "Algumas considerações oportunas sobre a relação Espiritismo-Ciência", **Reformador**, agosto de 1995, pp. 244-46.

This page is hosted by Geocities. Get your free homepage and e-mail in <http://www.geocities.com>

Local e dia das reuniões:

Sala IQ-21 do Bloco F do Instituto de Química da Unicamp, toda quinta-feira, das 12 às 13:30 h.

A colaboração de todos na divulgação de nossas atividades é muito importante!

Textos presentemente em estudo no GEEU:

Programação para o primeiro semestre de 1999:

Manteremos o esquema do semestre passado, reservando as primeiras quintas do mês para temas evangélicos. O primeiro tema abordado será a Amizade.

Nos demais dias, continuaremos o estudo de **“O Livro dos Espíritos”**. Decidimos recomeçar a partir do primeiro capítulo da segunda parte. Após a conclusão desse capítulo, provavelmente abriremos espaço para estudar um pouco o tema Mediunidade, com base no **“O Livro dos Médiuns”** e no texto "Estudo sobre a mediunidade" (disponível nesta homepage, seção "Artigos").

**This page is hosted by Geocities. Get your free homepage and e-mail at <http://www.geocities.com>
Artigo publicado em Reformador, abril de 1986, pp. 102-3.**

Por que Allan Kardec?

Silvio Seno Chibeni

- Dogmatismo?
- Tradicionalismo?
- Fanatismo?
- Visão estreita?

Vejamos:

1. A obra de Allan Kardec, quando analisada internamente, revela uma solidez lógica, uma racionalidade, uma limpidez argumentativa, uma coerência de fazerem inveja aos mais conceituados tratados filosóficos que a Humanidade possui;

2. Allan Kardec revelou, em tudo o que fez, uma prudência, um equilíbrio, uma sobriedade, um espírito positivo e despreconcebido, um bom senso, enfim, que singularizam sua figura entre todos os expoentes da cultura humana;

3. A obra de Allan Kardec, contrariamente ao que em geral acontece com outras que abordam os mesmos assuntos, está firme e amplamente baseada em fatos, cuidadosa e minuciosamente examinados à luz dos referidos critérios racionais; não surgiu entre as quatro paredes de um gabinete, mas de uma extensa convergência de informações;

4. Allan Kardec era possuidor de uma vasta erudição, transitando inteiramente à vontade pelos mais variados campos do saber – das ciências às artes, das filosofias às religiões – o que lhe permitiu trazer ao seu domínio de estudo os mais relevantes problemas que interessam ao homem, dentro de uma visão abarcante e integrada da realidade;

5. A obra de Allan Kardec apresenta-se dentro de padrões de clareza e objetividade tais, que não deixa nenhuma margem a ambigüidades e mal-entendidos, especialmente quanto aos pontos fundamentais;

6. Allan Kardec soube ser impessoal, separando com rigor suas opiniões pessoais e peculiaridades de sua vida privada do conhecimento doutrinário, que é independente e objetivo; jamais pretendeu a posse exclusiva e completa da verdade, nunca recusou um princípio pelo só fato de ter sido descoberto ou proposto por outrem, nunca hesitou em abandonar uma idéia quando provada errônea por argumentos insofismáveis;

7. A obra de Allan Kardec é incomparavelmente abrangente, ocupando-se desde os fatos mais palpáveis, destacadamente os relativos à sobrevivência do ser, até as mais profundas investigações da ética, passando pelo exame lúcido das grandes questões filosóficas que ao longo das eras têm desafiado o raciocínio do homem;

8. Allan Kardec tem sido confirmado, por fontes independentes e fidedignas, como um grande emissário de Jesus, especialmente escolhido por Ele para concretizar na Terra a Sua promessa do envio do Consolador, ⁽¹⁾ que nada mais é do que o Espiritismo, que veio para nos ensinar todas as coisas (o esclarecimento abundante que traz), para nos fazer lembrar tudo o que Jesus nos disse (a sanção e explicação que ele nos dá dos Evangelhos), e que estará sempre conosco (a perenidade do Espiritismo);

9. A obra de Allan Kardec não é uma estrutura estática e fechada, mas sim dinâmica e aberta a complementações futuras, incorporando a característica da progressividade, essencial a todo sistema científico ou filosófico que não pretenda ser sepultado pelas constantes e inevitáveis descobertas de fatos novos e pela ampliação geral do conhecimento humano;

10. Allan Kardec testemunhou em todos os atos de sua vida a sua condição de Espírito de escol: jamais prejudicou a alguém; só com o bem retribuiu as ingratidões, ofensas e calúnias com que em vão tentaram embaraçar-lhe os passos; doou-se por completo à grande obra de educação dos homens que é o Espiritismo: a ela sacrificou o conforto, o repouso, os bens materiais, a saúde e até a própria vida.

Estudemos com seriedade essa obra. Conheçamos de perto esse autor. ⁽²⁾

Depois, comparemo-los à obras e autores que os pretendam superar. Quais se poderão gloriar de fazer-lhes frente em apenas algumas das dez características enumeradas (para não dizer em todas)?

Retornemos, por fim, à questão: Por que Allan Kardec?

Talvez já não seja difícil respondê-la... ⁽³⁾

Artigo publicado em Reformador, julho de 1995, pp. 208-11. Digitado por Rodrigo Almeida Gonçalves.

⁽¹⁾ Cf. Evangelho de João, cap. 14.

⁽²⁾ Para uma visão precisa, detalhada e completa da personalidade de Allan Kardec, bem como das origens, dimensões e significado de sua obra, consulte-se o livro Allan Kardec (3 vols.), de Zêus Wantuil e Francisco Thiesen, editado pela Federação Espírita Brasileira em 1979/80.

⁽³⁾ Para uma exposição do caráter legitimamente científico (à luz da moderna filosofia da ciência) do desenvolvimento de uma atividade de pesquisa em torno de um núcleo de princípios básicos (como o Espiritismo o faz em relação aos princípios fundamentais da obra de Allan Kardec), veja-se o artigo "Espiritismo e ciência", em **Reformador** de maio de 1984. (Nota do Autor em outubro de 1998: Para o mesmo tema, ver também os artigos "A excelência metodológica do Espiritismo" e "O paradigma espírita", publicados na mesma revista, números de novembro e dezembro de 1988 e junho de 1994, respectivamente.)

A CIÊNCIA CONFIRMA O ESPIRITISMO?

Aécio Pereira Chagas

Temos observado na literatura espírita (livros, revistas, jornais) que constantemente surgem afirmações do tipo "**a Ciência moderna confirma o Espiritismo**", seguida de citações, a nosso ver, muito duvidosas a respeito de questões científicas. Muitas vezes percebemos no autor uma seriedade de propósitos, porém suas citações nem sempre se apóiam bem no que poderíamos chamar de um "**conhecimento científico estabelecido**". São citadas obras de divulgação científica que nem sempre primam pelo rigor e, o que é pior, são às vezes escritas com uma "**segunda intenção**". Perguntará então o leitor: "**O que há de errado nos textos de divulgação científica? Será que a Ciência moderna não confirma o Espiritismo?**" Neste artigo vamos tecer inicialmente algumas considerações sobre materialismo, espiritualismo, a Ciência e sua divulgação, sobre outros temas decorrentes e, finalmente, tentaremos responder a estas duas questões.

1. Materialismo e espiritualismo

Muitos compêndios de Filosofia ensinam que as escolas filosóficas, as visões de mundo, as ideologias, etc., podem se alinhar em dois grandes grupos: o grupo materialista, para os quais tudo é matéria, senso ou pensamento uma qualidade da matéria, e o grupo espiritualista ou idealista, para os quais o espírito existe como uma realidade independente da matéria (vide, por exemplo, Dicionário de Filosofia, Durozoi e Roussel, Papirus, 1993). "**(...) Com efeito, o espiritualismo é o oposto do materialismo. Quem quer que acredite haver em si alguma coisa mais do que matéria, é espiritualista (...)**" (Allan Kardec, **O Livro dos Espíritos**, Introdução, 75ª edição, FEB, pág. 13). As filosofias, as ideologias, dentro de cada um dos dois grupos, estão longe de concordarem entre si em muitos outros pontos, a não ser neste único aspecto de aceitar ou não a existência do espírito. O Espiritismo evidentemente está no segundo grupo e, como já bem apontou Deolindo Amorim (**O Espiritismo e as doutrinas espiritualistas**, 3ª ed., Livraria Ghignone Editora, 1979), o fato de uma doutrina ser espiritualista não significa que está de acordo com o Espiritualismo, a não ser na crença do espírito como algo diferente da matéria.

Conforme já tivemos oportunidade de expressar no artigo "**O Espiritismo na Academia?**" (**Revista Internacional de Espiritismo**, fevereiro 1994, pp. 20-22, e março 1994, pp. 41-43), dentro do contexto cultural ocidental, no qual estamos inseridos, desde o início do século passado, após a Revolução Francesa, tem havido uma luta ideológica que pode ser rotulada de materialismo x espiritualismo. Não vamos discutir sobre a origem desta luta e como ela está inserida na sociedade, suas conseqüências, etc., o que não caberia aqui.^(*) Mas esta luta tem-se travado nos vários segmentos da sociedade e da cultura; a ponto de não mais se perceber que ela existe, salvo no aspecto religioso, que costuma ser mais gritante. Do lado materialista a ideologia predominante é a que podemos chamar de positivista ou mecanicista, não necessariamente ligada à filosofia positivista, formulada por Auguste Comte, a partir de 1830, mas com muita coisa em comum. A ideologia (ou mentalidade) positivista essencialmente é de índole materialista, anticlerical, pretensamente racionalista, valorizando o "**conhecimento objetivo**", ou seja, o conhecimento apreendido pelos sentidos. Já do lado espiritualista, o principal representante tem sido a Igreja Católica Romana, seguida das diversas igrejas reformadas. No final do século passado houve uma "**grande batalha**" entre essas facções, que se traduziu num debate ideológico e em coisas mais "**práticas**", como disputas por cátedras, pelo controle de instituições culturais e acadêmicas, etc., visando ao controle do "**saber oficial**". Com a entrada de uma outra facção do lado materialista, o marxismo, depois da Revolução Russa de 1917, a balança pendeu para este lado, porém a guerra ainda não acabou, e estamos nela. Os leitores espíritas poderão ler, com a atenção voltada nesta direção, o extraordinário livro de Camille Flammarion, Deus na Natureza (Rio, Federação Espírita Brasileira), escrito no século passado, onde perceberão o debate deste com os positivistas. A Filosofia, as Ciências, as Artes, e a própria Religião, têm sido usadas como armas nesta luta. No caso das Ciências, têm sido utilizadas teorias científicas para justificar determinadas posições ideológicas. Por exemplo, a teoria de Darwin e Wallace, ou seja, a "**Teoria da Seleção Natural**", formulada para explicar a evolução biológica das espécies animais e vegetais, foi utilizada para explicar o desenvolvimento das sociedades humanas, sob o nome de "**Darwinismo Social**", justificando as desigualdades sociais, principalmente na Inglaterra e nos Estados Unidos, dos fins do século passado.

2. A palavra 'ciência' e seus significados

Passemos agora a um outro tópico: os significados da palavra "**Ciência**". Vários são os sentidos que esta palavra pode ter, obviamente relacionados entre si. "**Ciência**" significa conhecimento, sendo usada com significado geral ("**o fruto da árvore da ciência do bem e do mal**") ou restrito ("**a ciência de fazer papagaios de papel**"). Significa um determinado tipo de conhecimento já consagrado como tal, como a Física, a Química, a Biologia, etc. Significa a ati-

^(*) É bem conhecido o caso de um candidato a um importante cargo público em nosso país que foi derrotado "na boca da urna" por se dizer ser ateu. Em muitos países, inclusive o nosso, muitos candidatos fazem suas campanhas políticas de Bíblia na mão.

vidade através da qual se obtém este conhecimento ("fazer ciência" = realizar uma determinada atividade científica). Significa também o conjunto de pessoas empenhadas na atividade científica: "a comunidade científica". Quando se diz que a "ciência aceita a tese de que há outros mundos também habitados", está se querendo dizer que a comunidade dos cientistas (ou parte dela) aceita esta tese, pois obviamente não há ainda um estudo científico, no sentido convencional do termo, sobre outros mundos habitados.

Nem sempre porém a comunidade científica é homogênea e coesa. Os cientistas são pessoas que em suas atividades profissionais buscam objetividade, precisão, rigor lógico, etc., porém for a dessas atividades são pessoas comuns, com todas idiosincrasias, prenoções e preconceitos do vulgo. Kardec já comenta isto na Introdução de **O Livro dos Espíritos** e em **O que é o Espiritismo**. Bertrand Russell, conhecido filósofo deste século, menciona em um de seus textos (**A perspectiva Científica**, trad. J. B. Ramos, Cia. Ed. Nacional. 1956):

Se algum de vossos amigos for um cientista, acostumado a maior precisão quantitativa em suas experiências, e que possua a mais recôndita capacidade de inferir, podereis sujeitá-lo a pequena experiência sem dúvida significativa. Caso escolherdes em palestra como assunto política, teologia, impostos sobre a renda, corretagem, a vaidade das classes trabalhadoras e outros tópicos de natureza semelhante, provocareis sem dúvida uma explosão e ireis escutá-lo expressar opiniões que não foram verificadas, com um dogmatismo que nunca poderia expressar com relação a resultados que fossem fundados em suas pesquisas de laboratório.

3. A divulgação do conhecimento científico

O conhecimento científico, ou seja, o conhecimento resultante da atividade científica, é divulgado de várias maneiras, ou, como chamaremos, níveis. ⁽⁵⁾ Vamos considerar apenas a divulgação que gera publicações (revistas, livros, etc.) ou eventualmente filmes, vídeos, etc. Então podemos ter os seguintes níveis:

1º nível – É a divulgação que um ou vários pesquisadores fazem de seu trabalho, de suas idéias, entre os outros pesquisadores da mesma área. É feita normalmente no jargão próprio e seu entendimento requer um treino adequado naquela área de conhecimento. São utilizadas revistas especializadas, livros, etc., que têm uma característica toda própria: o autor e o leitor são pessoas da mesma profissão e, grosso modo, do mesmo nível de conhecimento, ou seja, ambos são membros da mesma comunidade na qual a publicação circula.

2º nível – O conhecimento é divulgada principalmente entre os estudantes de uma dada disciplina. O conhecimento é preparado de forma a iniciar os estudantes naquele campo do conhecimento. São geralmente escritos por pessoas com treino naquele campo (cientistas, professores), e utilizam o jargão próprio, porém de uma forma "amenizada". São os materiais didáticos na forma de livros, revistas, filmes, etc. Evidentemente o autor e o leitor são pessoas de profissão e nível de formação diferentes, pois o estudante está se iniciando naquela comunidade, porém ainda não é um membro.

3º nível – Divulgação para os "leigos". O conhecimento é também preparado para ser transmitido aos não especialistas, porém sem a preocupação de formar o futuro especialista, senso às vezes, feito até em forma de lazer. Podem ser escritos por cientistas, professores ou divulgadores. Estes últimos nem sempre têm um treino naquela área de conhecimento; são profissionais da escrita (escritores, jornalistas, e outros) que estão mais preocupados na "digestibilidade" do conhecimento pelo "leigo".

No 2º e 3º níveis têm papéis importantes na preparação do conhecimento. Estes mesmos pontos de vista que externamos poderá o leitor também os encontrar na interessante matéria veiculada na revista Veja, de 21 de dezembro de 1994, pág. 138, da autoria de Neuza Sanches, referente aos textos de História do Brasil para estudantes secundários. Muitas vezes, nesta preparação do conhecimento, verdades são transformadas em meias-verdades, involuntária ou voluntariamente ... e é neste buraco que muitas vezes caímos. ⁽⁶⁾

4. Matéria e energia

Para ilustrar o que dissemos no item anterior, vejamos um caso frequentemente mencionado em textos espíritas, e em muitos outros, que "a matéria é energia condensada ... de acordo ... com Einstein, através de sua equação $E=mc^2$...".

Nesta afirmação equivocada nunca é encontrada em textos de Física ou Química sérios, seja do 1º, 2º ou 3º níveis. Mas em muitos do 3º nível (e até do 2º), que são, muitas vezes, utilizados como fonte de referência. Por que estas afirmações, no nosso entender, são equivocadas?

Não vamos aqui, for falta de espaço, discorrer sobre o que vem a ser energia, no sentido empregado pela Física. ⁽⁷⁾ O ponto importante que queremos frisar é que energia e massa são propriedades da matéria. A célebre equação

⁽⁵⁾ Não vamos considerar a comunicação oral, que também satisfaz aos critérios que vamos apresentar, mas seu lado informal confunde-se com o lado formal, do qual estamos tratando.

⁽⁶⁾ Ouvi certa vez a expressão "duas meias-verdades não fazem uma verdade inteira"

⁽⁷⁾ A palavra energia tem também outros significados, o que pode provocar confusões. Vide Xavier Jr. A. L., "Algumas considerações oportunas sobre a relação Espiritismo-Ciência", **Reformador** de agosto de 1995, pp. 244-46.

de Einstein, $E=mc^2$, diz que a energia total de um sistema é calculada através do produto da massa pelo quadrado da velocidade da luz, ou seja, como a maioria das equações físicas, relaciona duas propriedades da matéria: a massa e a energia. Esta equação, e outras no âmbito da teoria da relatividade, vai unificar os princípios de conservação de massa e de energia, que passam agora a ser um só: "**princípio de conservação da massa e energia**".

Por que então surgiu esta afirmação "**a matéria é energia condensada**"?

Como falamos acima, no item 1, os grupos empenhados na luta ideológica que mencionamos procuram buscar apoio na Ciência. E no caso interpretou-se um resultado científico à luz de uma determinada ideologia, no caso espiritualista, interessada em negar, se possível, a existência da matéria, ou pelo menos em diminuir sua importância dentro da visão de mundo dessa ideologia. À medida que isto é feito (negar a matéria), este conjunto de idéias se torna "**mais verdadeiro**". Esta interpretação interessou (e interessa) a muitos grupos espiritualistas, que desta forma tentam mostrar a primazia do espírito sobre a matéria, sem usar de outros fenômenos ou argumentos como a mediunidade e a reencarnação. A Doutrina Espírita não necessita deste tipo de "**argumento**" para afirmar a existência do espírito e sua primazia sobre a matéria, pelo fato de o espírito ser o princípio inteligente. Isto é um ponto básico da Doutrina e suas conseqüências são verificadas na prática. Não é pelo fato de o Espiritismo ser espiritualista que necessita negar a existência da matéria. Recordemos a Questão 27 de **O Livro dos Espíritos** (43ª edição, FEB):

P : "**Há então dois elementos gerais do Universo: a matéria e o Espírito?**"

R : "*Sim e acima de tudo Deus, o criados, o pai de todas as coisas. Deus, espírito e matéria, constituem o princípio de tudo o que existe (...).*"

Emmanuel, este Espírito que nos tem dado tantos ensinamentos e orientações, disse alhures que "**matéria é luz congelada**". Estaria Emmanuel, segundo o que dissemos acima, errado? Não. Em primeiro lugar a frase tem um certo sentido metafórico, porém, mesmo considerando-a ao pé da letra, ela não está errada, pois a luz é matéria. A luz, como outras formas de radiações, é um determinado tipo de matéria, e como tal apresenta diversas propriedades desta, como a massa e a energia. Muitas vezes se utilizam, no meio espírita, expressões como: "**o passe é uma transferência de energia**". Tal expressão não é incorreta, pois a energia está associada aos fluidos transferidos, o que fica subtendido. (8) Esta, como grande parte das expressões coloquiais que utilizamos, carece de precisão, porém se fôssemos ser sempre precisos em nossa linguagem usual, acabaríamos doidos ou mudos.

5. A Ciência é materialista?

Retomemos os significados da palavra Ciência, que vimos acima. Costuma-se mencionar que "**a Ciência é materialista**". Mas qual "**Ciência**"? Dos significados vistos podemos considerar dois: um primeiro, significando conhecimentos específicos (Física, Química, etc.), e um segundo significando a comunidade científica.

O primeiro significado nos faz pensar também nos significados do termo "**materialista**". As Ciências da matéria (Física, Química, Biologia, etc.) são "**materialistas**" porque evidentemente estudam a matéria e somente a matéria, pois foram feitas para isso. Querer que elas sirvam para outra finalidade, ou seja, estudar aspectos não materiais da Natureza, é propor, a nosso ver, uma temerosa aventura. Essas tentativas, algumas registradas na história, outras não, sempre redundaram em fracasso. Por outro lado o termo materialista, no sentido filosófico (como visto no item 1), não faz muito sentido ao ser aplicado às ciências da matéria.

Tomando agora o segundo significado do termo ciência – a comunidade dos cientistas – a pergunta - título deste item: "**A Ciência é materialista?**", é bem apropriada. Como também já mencionamos, o cientista é cientista apenas enquanto exerce sua profissão; for a dela é um cidadão comum, com todas as idiossincrasias comuns. De fato, a maioria da comunidade científica, em âmbito mundial, é materialista no sentido filosófico do termo, assim como também o é a maioria dos membros das sociedades aos quais pertencem os grandes contingentes científicos da atualidade (e isto gostaríamos de frisar). E aqui vale lembrar a advertência de Emmanuel, ou seja, da necessidade de os cientistas se evangelizarem.

Em resumo, a Ciência, pelo fato de estudar a matéria não deve ser por isso considerada materialista, porém a comunidade científica é, em sua maioria, materialista. (9)

6. A Ciência confirma o Espiritismo?

Voltemos então às perguntas iniciais: "**O que há de errado nos textos de divulgação científica? Será que a ciência moderna não confirma o Espiritismo?**" Cremos que o que foi dito acima já responde, em parte, a estas perguntas, principalmente à primeira.

Os textos de divulgação científica, independentemente da qualidade individual de cada um, o que não vem agora ao caso, costumam trazer em seu bojo alguma coisa a mais que os resultados das investigações científicas. Tudo

(8) Estaria Emmanuel utilizando um sentido diferente para a palavra energia? Se ele usou, já não temos o que comentar, pois o sentido da frase é agora praticamente literal. Vide a nota 4.

(9) Não vamos estender mais sobre esta questão do materialismo na Ciência. O leitor interessado poderá consultar o livro **A Ciência em Ação**, de Claude Chrétien, trad. M. L. Pereira, Papirus Editora, 1994.

bem, cada um tem o sagrado direito de se expressar. No entanto cada um tem também o sagrado direito de aceitar ou não. Este sagrado direito nem sempre é exercido e aceitam-se certas afirmações cegamente. Kardec nos ensinou o que fazer com as mensagens mediúnicas; vamos aplicar estes critérios também nas mensagens dos encarnados. Em resumo, acho que com os textos de divulgação científica não há nada de errado; alguém está "vendendo seu peixe" e outros simplesmente estão "comprando", sem verificar se o mesmo "está bom ou não".

E a Ciência confirma o Espiritismo?

O outro aspecto a considerar é que o Espiritismo é também uma Ciência. O sucesso das ciências em geral significa também o sucesso da ciência espírita. O raciocínio pode parecer simplista, em parte devido à maneira rápida com que estamos tratando, porém as dificuldades de se entender o que vem a Ciência. Com relação a esta questão o leitor poderá compulsar o artigo "O paradigma espírita", do nosso confrade Silvio Seno Chibeni (**Reformador**, junho 1994, pp. 176-80), bem como as referências aí citadas que, cremos, esclarecerão melhor a questão. A nosso ver, este é um dos caminhos de confirmação do Espiritismo pela Ciência. O Espiritismo é uma ciência que trata de uma ordem diferente de fenômenos que aqueles de que tratam as ciências da matéria, como já afirmou Kardec. A comparação dos resultados destas ciências não faz portanto muito sentido, principalmente tendo em vista que os "últimos resultados científicos", das ciências da matéria, estão entre as coisas mais mutáveis que existem.

Uma outra linha de comparação que se pode fazer entre Ciência (ainda entendida com conhecimento específico) e Espiritismo seira através do desenvolvimento dos estudos psicológicos ou dos estudos do ser humano em geral. A Psicologia atual está longe de ser considerada uma ciência madura (ou mesmo Ciência, no pensar de alguns), no entanto muitos estudiosos, quase sempre fora do contexto do que poderíamos chamar de "Psicologia Oficial", têm dado contribuições interessantes. Os trabalhos de Ian Stevenson (**Vinte casos sugestivos de reencarnação**, Difusora Cultural, São Paulo, 1978 e **Vida antes da vida**, Livraria Freitas Bastos, Rio de Janeiro, 1988) e outros, trouxeram resultados notáveis. O leitor interessado nesta área poderá consultar o livro **Alquimia da Mente**, do conhecido escritor espírita Hermínio C. de Miranda (Publicações Lachâtre, Niterói, RJ, 1994), onde muitos outros estudiosos não-espíritas têm apresentado contribuições interessantes. Essa área de estudo, ou seja, o estudo da mente, é uma área comum ao Espiritismo. É possível que num futuro não muito longínquo, os estudos nesta direção chegarão aos mesmos resultados já afirmados pelo Espiritismo, porém, de todo o vasto leque de tentativas de se estudar a mente humana sem considerar a existência do Espírito, a maior parte tem esbarrado em resultados ou em dificuldades onde se faz necessário considerar esta hipótese, sem a qual se entra num beco sem saída. Talvez pudéssemos atrevidamente "profetizar" que quando a psicologia adotasse o paradigma espírita, estaríamos realmente no "início dos novos tempos".

Há ainda um outro ponto a observar, ligado às ciências da matéria. Muitos estudiosos têm-se envolvido numa determinada linha de pesquisa, que remonta à época das mesas girantes, e que tem por objetivo provar a existência do Espírito através de métodos físicos. Apesar de não estar só, em minha obscura opinião, esta linha não chegou e nem chegará a nada, pois os métodos físicos são adequados para se estudar a matéria (foram feitos para isto). Caso alguém evidencie a presença do Espírito através de um método físico, cabe sempre um questionamento metodológico, e daí não se chega a parte alguma. Por outro lado, muitos confrades poderiam ainda argumentar com o fato de Kardec, em suas obras, mencionar várias vezes que o Espiritismo e a Ciência marchariam lado a lado. Estas afirmações poderiam causar (e causam) em muitos leitores a impressão de que Kardec falava das ciências da matéria. Creio que Kardec tinha em mente a Ciência Espírita, que ele acreditavam com toda a certeza, que ainda estava no começo e que iria crescer, porém é melhor passar a palavra ao próprio Mestre Lionês (**O que é o Espiritismo**, Cap. I, **Segundo Diálogo – O Céptico, Oposição da Ciência**, págs. 77 e 78, 36ª ed., FEB):

As ciências vulgares repousam sobre as propriedades da matéria, que se pode, à vontade, manipular; os fenômenos que ela produz têm por agentes forças materiais.

Os do Espiritismo têm, como agentes, inteligências que têm independência, livre-arbítrio e não estão sujeitas aos nossos caprichos; por isso eles escapam aos nossos processos de laboratório e aos nossos cálculos, e, desde então ficam fora dos domínios da ciência propriamente dita.

A Ciência enganou-se quando quis experimentar os Espíritos, como experimenta uma pilha voltaica; foi mal-sucedida como devia sê-lo, porque agiu visando uma analogia que não existe; e depois, sem ir mais longe, concluiu pela negação, juízo temerário que o tempo se encarregou de ir emendando diariamente, como já tem emendado outros; e, àqueles que o preferiram, restará a vergonha do erro de se haverem levemente pronunciado contra o poder infinito do Criador.

As corporações sábias não podem nem jamais poderão pronunciar-se nesta questão; ela está tão fora dos limites de seu domínio como a de decretar se Deus existe ou não; é pois, um erro fazê-las juiz dela.

Cremos também ter respondido, ainda que de maneira incompleta, à pergunta título desde artigo. O que nos moveu a percorrer este caminho foi justamente a preocupação com as afirmações que colocamos no início. Se não fosse isto, seguiríamos o caminho adotado pelo confrade Luiz Signates, expresso no excelente artigo "**Ciência versus Religião: o debate vazio**" (**Reformador**, abril de 1994, pág., 118), com o qual concordamos plenamente e que, de um

certo modo, converge aos pontos de vista que externamos também no artigo já mencionado "[O Espiritismo na Academia?](#)".

As críticas que aqui fizemos são genéricas e não são de modo nenhum, pessoais. Gostaríamos que outros pontos de vista fossem também colocados.

**This page is hosted by Geocities. Get your free homepage and e-mail at <http://www.geocities.com>
Artigo publicado em Reformador, agosto de 1987, pp. 232-33. Digitado por Luiz Otávio Ferreira.**

POLISSEMIAS NO ESPIRITISMO

Aécio Pereira Chagas

Há tempos atrás, compulsando uma gramática (Gramática Normativa, Rocha Lima, José Olympio Ed.), deparei com este termo: polissemia, nome dado ao fenômeno lingüístico em que uma palavra tem vários significados. Como exemplo pode-se citar:

massa, significa quantidade de matéria (Física); o material com que se faz pão, bolo etc. (mistura de farinha, água e outros ingredientes); multidão, turba.

cabo, posto militar; acidente geográfico; fim (ao cabo de uma semana terminara sua tarefa); matar (deu cabo de seu desafeto); cabeça ou princípio (de cabo a rabo); extremidade por onde se segura um objeto (cabo de vassoura, de panela etc.); corda (cabo de aço).

O leitor poderá encontrar mais exemplos consultando um dicionário.

Convivemos com este fato e em nossa vida muitos mal-entendidos são consequência desta pluralidade de significados. Muitas vezes o sentido de uma palavra é dado pelo seu contexto, pelo sentido geral do assunto, da frase dita ou escrita, da expressão de quem a diz etc. Outras vezes, quando estas condições não existem ou não são claras, ficamos ou sem entender ou entendemos aquilo que achamos ser, ou o que queremos que seja. Por exemplo, a frase solta "o cabo avança pelo mar", o que significa? Qual aí o sentido da palavra "cabo"?

Quando escrevia este texto vi também que esta preocupação não era só minha. O Editorial da **Revista Internacional de Espiritismo** (abril de 96), A Doutrina e a Semântica externava as mesmas preocupações. Kardec, no item I da Introdução de **O Livro dos Espíritos**, fala do significado das palavras, das anfibologias, termo que significa (cf. Dicionário do Aurélio) duplicidade de sentido em uma construção sintática, ambigüidade. Apesar dos esforços do Codificador, termos com vários significados surgiram entre os espíritas e alguns deles, às vezes, causam confusão. Isto é natural em qualquer linguagem, em qualquer idioma. Na linguagem científica, que se esmera para não ser ambígua, isto ocorre freqüentemente, havendo então a necessidade de se especificar ou adjetivar os termos... quando se quer evitar a confusão.

Vamos considerar três palavras que, talvez pelo fato de serem utilizadas dentro e fora do contexto espírita, tornaram-se polissêmicas. São elas: fluido, magnetismo e energia.

FLUIDO: Esta palavra é utilizada na Física e no Espiritismo com sentidos bem diferentes. No século XIX, fluido, em Física, era empregado para designar materiais capazes de penetrar pelos vazios da matéria e de se escoar. A eletricidade, o calor, a luz etc., eram tidos como fluidos, além dos gases e líquidos em geral (ar, água etc.). Posteriormente estas idéias foram abandonadas pelos físicos, passando o termo fluido a designar somente os gases e os líquidos em geral, e não mais a eletricidade, o calor, a luz etc. Nessa época, século XIX, Kardec, fazendo uma analogia dos "materiais" mencionados e manuseados pelos espíritos, com a eletricidade (então caracterizada pelo fluido elétrico), denomina-os de fluidos, às vezes adjetivados ou não, como o chamado fluido magnético, para designar o fluido utilizado pelos magnetizadores. Com o abandono do termo pelos físicos para caracterizar a eletricidade, o calor etc., o termo fluido introduzido por Kardec tornou-se interessante, sem perigo de confusão, pois o significado atualmente utilizado em Física não tem com ser confundido com o significado utilizado pelo Espiritismo. Parece que Kardec adivinhou...

MAGNETISMO: Este termo surge associado à palavra magneto, outro nome dado ao ímã. O comportamento de atração e repulsão dos corpo imantados, como a bússola, parece ter inspirado muitos pesquisadores, principalmente o famoso médico e químico suíço Paracelsus (1493 - 1541), a utilizarem a analogia destes com os fenômenos humanos que eles pesquisavam (simpatias e antipatias, indução psíquica, cura pela imposição das mãos etc.), dando o nome "magnetismo animal". Este nome ganhou grande notoriedade com o famoso médico austríaco Franz Anton Mesmer (1775 - 1815). Posteriormente, em 1841, o tema foi rebatizado por hipnotismo, pelo médico escocês James Braid (1795 - 1860). O termo magnetismo seguiu sendo utilizado até hoje, conforme pode-se constatar inclusive na literatura espírita. Magnetismo tem então dois significados: o primeiro (mais antigo) corresponde ao utilizado em Física: estudo dos ímãs, efeitos das correntes elétricas, eletroímãs etc. O segundo corresponde ao conjunto de fenômenos humanos caracterizados por uma influência de um indivíduo sobre outro(s), que transcende à ação e percepção puramente sensorial (não sei se esta é uma boa definição, porém creio ser suficiente para os propósitos deste artigo). Apesar da polissemia, não há porque confundir os dois significados. Se o magnetismo humano e/ou animal está ou não relacionado com o magnetismo dos ímãs e correntes elétricas (é até possível que esteja) não importa, o ponto principal, atualmente, é que ambos são conceitos diferentes e em âmbitos diferentes.

ENERGIA: Talvez seja um dos termos polissêmicos mais geradores de confusão. A palavra energia (do grego, significando capacidade de trabalho, dentre outros) já havia sido utilizada por Aristóteles, porém introduzida (ou reintroduzida) na Física por William Thomson, mais conhecido por Lord Kelvin (1824 - 1907), em 1852, praticamente com o mesmo sentido: capacidade de produzir trabalho. Este é o primeiro significado da palavra. Antes disto, em

Física, usava-se as palavras força e vis (do latim, também significando força). Ao longo do século XIX, o termo energia vai se popularizando entre os físicos, e depois fora da Física. Na época de Kardec, o termo força, com o sentido de energia, é ainda predominante. Atualmente força e energia, no contexto da Física Clássica, têm significados distintos, o primeiro está associado à segunda lei do movimento de Newton (força = massa aceleração) e o segundo à capacidade de produzir trabalho (trabalho = força deslocamento). Força e energia são propriedades da matéria. Note que Kardec praticamente não utiliza esse último termo. Posteriormente a palavra energia foi tomando outras acepções, sendo ampliado, generalizado, adquirindo outras conotações. No final do século XIX e início deste, o famoso químico alemão Wilhelm Ostwald (1853 - 1932) desenvolveu uma doutrina filosófica materialista chamada de Energeticismo. Esta doutrina era uma extensão, ou variante, do empiriocriticismo, nome da filosofia positivista nos países de língua alemã. Ostwald, baseando-se na ciência da Termodinâmica, procura explicar os fenômenos naturais e humanos reduzindo-os às transformações energéticas. Quem leu o livro de Camille Flammarion Deus na Natureza (edição FEB), nota que ele debate com vários filósofos e cientistas materialistas, Moleschott e Büchner, entre outros. Ostwald é um continuador destes, procurando ampliar e melhorar as idéias dos mesmos. O próprio desenvolvimento da Ciência no começo deste século acabou por enterrar o Energeticismo, porém esta idéia de que matéria é energia (e energia, no caso, já não sabemos mais o que é) permaneceu. Muitos vêm na expressão "matéria é energia condensada" um dos últimos esforços do materialismo para poder explicar o espírito. Talvez por isto muitas pessoas trazem esta idéia para o movimento espírita, supondo que estão explicando a existência do espírito à luz da "ciência moderna" (que não é ciência e nem moderna). Neste caso também podemos afirmar que energia é um termo que abrange a matéria. Eles não se contrapõem, um engloba o outro.

Talvez por influência do Energeticismo, energia passou a designar também radiações, como a luz, as ondas de rádio, a radioatividade etc. Este é outro significado do termo, popularizado pelos textos de divulgação científica (ver A Ciência confirma o Espiritismo?, Reformador, julho 1995).

Encontramos na literatura espírita a expressão: "o passe é uma transfusão de energias psíquicas" (Emmanuel; **O Consolador**, psicografia de F. C. Xavier, questão 98, edição FEB). Nesta frase, o sentido do termo energias tem o mesmo sentido do original: capacidade de produzir trabalho, no caso psíquico. Talvez, por extensão do termo, considerando que o passe seja visto também como uma transferência de fluidos, os termos energia e fluido passaram a ter o mesmo significado. E encontramos freqüentemente na literatura espírita expressões que contêm este último significado, como por exemplo: "Quando mais desmaterializado [o perispírito], mais energia possui e mais leve se torna" (Abel Glaser e Caibar Schutel (espírito), **Conversando sobre Mediunidade**, p. 193, Casa Editora "O Clarim"). Note que aqui o termo energia pode ter também o significado de "capacidade de produzir trabalho", porém de qualquer modo é sempre oposto à idéia de matéria, diferente do mencionado anteriormente, em que energia abrange matéria. O termo energia significando fluido leva-nos a interpretar de forma diferente a frase "matéria é energia condensada". Ela pode ser entendida agora como "matéria é fluido condensado", o que esta de acordo com os ensinamentos de **O Livro dos Espíritos**, que diz que a matéria é uma modificação do fluido cósmico universal

Para o termo energia há ainda outros significados a serem destacados. Na expressão "Fulano tem uma energia...", o significado de energia pode ser entendido como vitalidade, vigor (coerente com o sentido usado na Física), ou pode ser entendido como personalidade marcante, forte. Em Nutrição o termo energia aparece associado ao seu significado em Física. A expressão "alimento energético" significa um alimento que ao ser metabolizado produzirá uma grande quantidade de energia, uma grande capacidade de produzir trabalho, como as gorduras. Temos visto também a mesma expressão utilizada com sentido diferente: alimentos como broto de alfafa, broto de feijão designados como "alimentos energéticos" em suas embalagens. Pelo que pude entender, a idéia a ser transmitida é que este alimento é um "promotor de vitalidade", rico em vitaminas, em substâncias que, no organismo, podem ser precursores de catalisadores bioquímicos e, talvez, em fluidos vitais. Aqui o termo energético não tem o significado normalmente utilizado em Nutrição.

Realmente a coisa é confusa. Alguns podem ter a opinião contrária, que as coisas não são assim e que eu é que as estou fazendo confusas. Podem achar que estou "fazendo tempestade em copo d'água". É possível e espero estar. Muitos espíritas não levam o Espiritismo a outros campos do saber ou atividades humanas, porém trazem estes ao Espiritismo sem, às vezes, muito critério. É essa a nossa preocupação.

Para finalizar quero apenas realçar que não estou condenando as pessoas por utilizar este ou aquele termo. As idéias precisam ser expressas e nem sempre temos palavras para isto. Desejo apenas lembrar uma lição que Kardec nos deixou através de seu trabalho: critério para escrever e falar, critério para ler e ouvir.

This page is hosted by Geocities. Get your free homepage and e-mail at <http://www.geocities.com>

(Artigo publicado em Reformador de agosto de 1995, pp. 244-46. Digitado por Cristina em 5/98)

AS PROVAS CIENTÍFICAS

Aécio Pereira Chagas

Certas pessoas, muitas vezes bem-intencionadas, buscam provas científicas referentes à imortalidade do Espírito, à comunicabilidade deste conosco, à reencarnação e sobre outros pontos fundamentais da Doutrina Espírita. Isso é muito salutar, mas o problema é que, entre essas pessoas, algumas passam toda a existência terrena procurando essas provas, ou melhor, atrás "da prova", e nunca a encontram apesar de terem tido contato com inúmeros fatos que a confirmam. Algumas assim agem por um ceticismo crônico, crentes de bem procederem cientificamente, pois acreditam (aqui elas não são céticas) que um "verdadeiro cientista não tem idéias preconcebidas". Acho que essas pessoas que passam o tempo todo atrás das provas e continuam insatisfeitas precisam ser informadas do que vem a ser uma "prova científica". É o que pretendemos mostrar.

Vamos utilizar-nos de um exemplo para ilustrar nossos pontos de vista. E o que escolhemos é a "teoria atômico-molecular", devido à nossa experiência como pesquisador no campo da Química. O que se segue é um diálogo imaginário (ou não tão imaginário assim) que tivemos com uma pessoa a princípio cética.

Inicialmente ela nos perguntou:

– "Você acredita na existência de átomos e moléculas?"

– "Não só acredito, mas sei que eles existem", respondi.

– "Como você pode provar isso?"

– "Não lhe posso oferecer nenhuma prova como aquelas apresentadas nos tribunais; inclusive nunca os vi, toquei ou mesmo os senti de alguma maneira, nas formas que penso que sejam. O que me faz saber que os átomos e as moléculas existem é um conjunto de evidências experimentais, um conjunto de provas. Nenhuma delas por si é suficiente para provar a existência dos átomos ou das moléculas. Vendo a coisa de outra maneira, todo esse conjunto de evidências experimentais ou de experimentos só pode ser explicado, entendido, racionalizado, por meio da admissão da existência dos átomos e moléculas, e essa miríade de experimentos é que constitui "a prova". Cada um dos experimentos, considerados separadamente, pode até ser explicado por outras hipóteses ou teorias, mas até hoje ninguém encontrou nenhuma outra alternativa que desse conta de todo o conjunto de experimentos considerados, a não ser a "teoria atômico-molecular". Um dado experimento pode ser explicado pela hipótese de que a matéria é contínua, alguns outros também, mas há muitos outros que não. Podemos até inventar hipóteses as mais estapafúrdias, mas com lógica e bom senso perceberemos que poderão dar conta apenas de alguns poucos fatos. Não vou citar aqui os experimentos; nas bibliotecas encontramos centenas e centenas de descrições deles."

– "Ainda mais: como já sei que os átomos e as moléculas existem, como cientista não vou mais procurar provas de sua existência. Vou daí para a frente. Vou realizar experimentos nos quais a priori já considero existentes os átomos e moléculas, e os resultados têm sido até agora coerentes com isso. Assim procedem também os meus colegas cientistas do mundo todo."

Da mesma maneira que se faz a pergunta sobre os átomos e as moléculas, faz-se também com relação à existência dos Espíritos e a outros pontos que mencionamos no início deste artigo. A resposta que daríamos a essa pergunta seria a mesma dada sobre os átomos e as moléculas: – "Não só acredito, mas sei que eles existem." – "Como você pode provar isso?" – "Não posso lhe oferecer nenhuma prova, como aquelas apresentadas num tribunal; inclusive nunca os vi, toquei ou mesmo os senti de alguma maneira, na forma que penso que tenham. O que me faz saber que os Espíritos existem é um conjunto de provas (...)." O leitor poderá continuar o diálogo, é só trocar «átomos e moléculas» por «Espíritos». Alternativa para «Espíritos» (como a hipótese da matéria contínua no lugar dos átomos)? É só procurar uma dessas muitas explicações "parapsicológicas" que há por aí (o inconsciente etc.).

Quanto aos novos experimentos, já há uma diferença: são poucos os que vão à frente, a maioria ainda está querendo "provar" que o Espírito existe.

Se as pessoas que buscam provas sobre esses pontos básicos da Doutrina Espírita, após examinarem todo esse conjunto de evidências que a própria Doutrina oferece, além de outras procedentes de fontes não espíritas, ainda quiserem "a prova", é porque continuam desinformadas sobre a atividade científica (ou não a aceitam) ou realmente não querem aceitar nada. Mas isso não acontece apenas com o Espiritismo. Com átomos e moléculas hoje em dia não se pode ser cético, mas com outras coisas... Há pouco ouvi: "(...) afinal de contas, a teoria da Evolução ainda não está cientificamente provada"...

This page is hosted by Geocities. Get your own free homepage and e-mail at <http://www.geocities.com>
(Artigo publicado em Reformador, abril/1998, pp. 112-15 e 125-7.)

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES OPORTUNAS SOBRE A RELAÇÃO ESPIRITISMO-CIÊNCIA

Ademir L. Xavier Jr.

1- CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A nosso ver, têm ocorrido recentemente alguns abusos que se exteriorizam na forma de afirmações, que acreditamos um tanto descabidas, publicadas em diversos periódicos espíritas e obras diversas. Elas são todas concernentes ao contexto em que o Espiritismo pode ser (pretensamente) inserido no conjunto das ciências modernas. Tais abusos tentam, de uma maneira algo desesperada, não só estabelecer uma possível conexão entre o Espiritismo e as demais ciências ordinárias (principalmente a Biologia, Química e notadamente a Física) como também justificar a Doutrina Espírita diante de tais disciplinas. Nosso objetivo aqui é estabelecer as causas principais de tal movimento, apontando sua prescindibilidade e seu aspecto prejudicial ao Movimento Espírita.

O que move a tentativa acima mencionada de justificar a importância do Espiritismo via ciência, bem como sua possível interpretação científica diante de outras doutrinas científicas são, basicamente, a falta de compreensão do aspecto científico real do Espiritismo, a ignorância em relação ao verdadeiro significado da Ciência (como ela opera e se estabelece) e, de algum modo, um certo gosto por novidades, modernismos e fatos extraordinários.

O aspecto científico do Espiritismo anunciado por Kardec está, ao que parece, longe de ser compreendido em sua última expressão dentro do atual Movimento Espírita. Não compreendendo os ingredientes essenciais e suficientes que identificam uma doutrina como sendo genuinamente científica (ingredientes que o Espiritismo possui completamente), busca-se uma adequação da Doutrina Espírita dentro dos moldes do puro empirismo, ou de outra forma, lançando mão de argumentos em torno do indutivismo ingênuo. Há, de uma maneira ou de outra, um forte apelo ao senso comum. Para avaliarmos completamente o aspecto científico do Espiritismo é necessário o emprego da análise moderna da Filosofia, mais precisamente o ramo que estuda a teoria do conhecimento científico ou Epistemologia da Ciência. Não entraremos aqui nos detalhes dessa análise, aliás, um tanto complexa, afirmamos apenas que tal estudo já pode ser encontrado, e indicamos ao leitor o lugar onde encontrá-lo (ver Chibeni 1988 e 1994).

Uma possível fonte de confusão entre a relação Espiritismo e as demais ciências é gerada, muitas vezes, pela falta de significado preciso para certas palavras. Os exemplos são muitos, um clássico é o da palavra energia. Há diversos significados ligados a essa palavra, e é necessário imenso cuidado em se especificar claramente tais significados. Na Física Clássica, por exemplo, ela designa uma qualidade inerente aos corpos materiais, que permanece latente até que certas condições sejam satisfeitas. Não é infrequente o uso do termo energia por diversos autores espirituais, mas nesse caso, nenhuma tentativa de associação direta com o significado implicado pela Física pode ser inferido. Existem, entretanto, muitos autores (encarnados, é claro!) que parecem confundir, não poucas vezes, as duas acepções possíveis, sugerindo uma tradução da energia de que falam os Espíritos em termos da energia usada na Física, nossa velha conhecida.

De outras vezes, a precipitada justificativa científica do Espiritismo segue a freqüente moda de justificação científica feita em outras doutrinas, como por exemplo a Teosofia e doutrinas orientalistas (ver, por exemplo, Phillips 1980). Essa justificativa caracteriza-se por uma tentativa de inserção de certas idéias religiosas, na maioria das vezes de origem oriental, no contexto de recentíssimas descobertas ou modelos da Física contemporânea. É natural que haja pessoas que pensem ser necessário o mesmo procedimento com o Espiritismo. Não compreendem, entretanto, que a Doutrina Espírita já possui uma base científica própria, e que a natureza do fenômeno que ela estuda, bem como o estado atual de nosso conhecimento sobre a matéria não permitem uma conexão tão direta entre a Física, por exemplo, e o Espiritismo. Além disso, é necessário que se saiba que muitos dos modernos modelos da Física (como exemplo, o diversos modelos teóricos de interação entre partículas e campos no microcosmo) sofrem radicais revisões todos os dias. O Espiritismo, por sua vez, tem uma estrutura muito mais estável, porque repousa em fenômenos de caráter mais diretamente observável, sendo suas afirmações de muito maior confiança⁷. É certo que o Espiritismo guarda uma relação com as outras ciências, mas os fatos espíritas, por si sós, já asseguram uma especial independência de seu objeto de estudo com o das demais ciências materiais. Não obstante, essa independência foi muito bem identificada e analisada por Kardec em **O que é o Espiritismo**.

Dentro do Movimento Espírita, muitas vezes a anúncio de descobertas gerais das ciências materiais (como a Física, com seus novos modelos acerca do funcionamento do Universo) é feita, em geral, tendo por base obras de divulgação científica (ver Chagas 1995) que, a nosso ver, pecam por falta de precisão da discussão das idéias, sem contar com a dificuldade inerente de se expressarem conceitos altamente abstratos, muitas vezes (como, por exemplo, a unificação do espaço e do tempo em um contínuo quadri-dimensional, a dilatação do tempo, etc., da Teoria da Relatividade Restrita) em termos de uma linguagem mais acessível ao leigo. Isso implica, idealmente, a tentativa de fazer o não especialista compreender plenamente tais conceitos, tais quais são dentro da teoria em que estão inseridos. É bastante clara a impossibilidade de tal tentativa. Se desprezarmos os erros grosseiros de tradução que muitos textos de

divulgação trazem, quando de origem estrangeira, concluímos que eles podem, no máximo, passar ao leitor não especialista uma idéia vaga de tais conceitos. Ora, assim sendo, uma importante questão seria: Que valor pode ter a tentativa de se relacionar conceitos e fundamentos das ciências ordinárias com fundamentos importados de Doutrina Espírita, quando tal intento é feito tão-só baseando-se em textos de propaganda científica? A precariedade de tradução, a dificuldade de expressão apropriada dos conceitos, bem como a transitoriedade das teorias que tais textos podem trazer são suficientes para termos uma idéia clara da resposta a essa questão.

Relacionada à dificuldade de entendimento do aspecto científico real do Espiritismo está a profunda falta de informação existente nos meios espíritas (o que é, no nosso entender, bastante natural) e, por que não dizer, acadêmicos (o que já não parece tão natural assim), em torno do conceito de Ciência. Mais uma vez, um apelo à Epistemologia se faz necessário (ver Chibeni 1988 e 1994, Chalmers 1976). As implicações dessa ignorância são as eternas e mal fundamentadas críticas ao Espiritismo feitas por diversas escolas parapsicológicas e demais adeptos das denominadas "ciências psi" (Chibeni 1988). Esses rejeitam, explicitamente, a idéia do Espírito como causa envolvida em grande parte, se não em todos, dos posteriormente denominados "fenômenos paranormais". Assim agindo, queremos deixar claro ao leitor, tais escolas são levadas por uma idéia ultrapassada de Ciência, bem como por concepções obsoletas do método científico.

2 - UM EXEMPLO

Um exemplo um tanto exagerado das confusões com relação às questões expostas anteriormente pode ser encontrado no artigo "Matéria e antimatéria" (**Reformador**, abril 1994). O autor inicia dizendo que "a ciência terrestre chama de matéria tudo o que tem energia e massa, é sólido (...) ou fluídico (...) e ocupa lugar no espaço e no tempo". Essa afirmação, de caráter geral, confere à matéria determinadas propriedades como, por exemplo, massa, mas não pode ser usada para caracterizar certos tipos de matéria no universo. O ponto crítico está onde é afirmado:

"É de antimatéria o plano vital em que se movem os Espíritos desencarnados".

E, mais abaixo:

"É pela diferença de sinalização de carga elétrica dos elementos que formam o 'plano invisível' que, em condições normais, não o percebemos fisicamente".

Em nenhum lugar dentro da bibliografia espírita, escrita por autores abalizados e de peso, podem ser encontradas ou sequer deduzidas tais afirmações. Muito ao contrário, das obras de Kardec tem-se claramente que o mundo espiritual constitui um universo paralelo, totalmente independente do material, tanto que, ainda que o mundo material percesse, o espiritual continuaria existindo. Isso porque matéria e espírito são dois princípios independentes no universo com uma origem desconhecida. As questões 25, 26, 27, 84, 85 e 86 de **O Livro dos Espíritos**, são suficientes para esclarecer quaisquer dúvidas. Vejamos, por exemplo, a questão 86:

"O mundo corporal poderia deixar de existir, ou nunca ter existido, sem que isso alterasse a essência d mundo espírita?

– Decerto. Eles são independentes; contudo, é incessante a correlação entre ambos, porquanto um sobre o outro incessantemente reagem."

Por outro lado, o que a Física estabelece como certo com respeito à antimatéria torna absurdas as afirmações propostas acima relacionadas ao mundo espiritual.

Conforme H. Alvé (1965), que foi ganhador do Prêmio Nobel em 1935, em "Propriedades da Antimatéria":

"A teoria de Dirac do elétron e a descoberta do pósitron criou a crença de que toda partícula possui sua correspondente antipartícula. Essa crença foi confirmada pela descoberta do antipróton. Todas as outras partículas parecem Ter também antipartículas. Disso se conclui que os «antiátomos» devem existir, e são semelhantes aos átomos ordinários, com núcleos formados de antiprótons e nêutrons envoltos por pósitrons. Tais antiátomos devem Ter as mesmas propriedades dos átomos ordinários. Eles devem formar compostos químicos similares aos compostos químicos ordinários, que emitem linhas espectrais a exatamente os mesmos comprimentos de onde dos átomos ordinários".(Grifo nosso.)

Assim sendo, as propriedades da antimatéria são as mesmas da matéria ordinária, ou, em outros termos, antimatéria é o nome dado a um tipo especial da matéria! Por outro lado, a existência da antimatéria foi confirmada experimentalmente, assim como a impossibilidade de coexistência simultânea de matéria e antimatéria. Essa é, também, a causa da inexistência natural de antimatéria em nosso mundo. Está claro, entretanto, que de nenhum lugar, nem do atual conhecimento da Física, nem da Doutrina Espírita, semelhantes afirmações podem ser inferidas.

3 - A NÃO NECESSIDADE E OS PERIGOS

Do que foi exposto, é bastante óbvio que as tentativas de inserção do Espiritismo no contexto das modernas teorias científicas, bem como sua justificação diante da academia estabelecida, o que visa um tanto à sua valorização, são totalmente desnecessárias. De fato, elas são desnecessárias porque, tendo como objetivo de estudo algo que não se identifica como sendo a matéria ordinária, o Espiritismo consegue suficiente independência com relação às demais

doutrinas científicas que estudam a matéria, para caracterizar-se como um ramo independente de conhecimento. Não só por isso, pelo caráter harmônico com que os princípios espíritas interagem entre si, fruto de sua boa fundamentação, pela maneira com que estão estabelecidos tais princípios e por suas bases experimentais, pode-se considerar a Doutrina Espírita como uma teoria genuinamente científica no sentido epistemológico moderno. Essa doutrina tem como objetivo o estudo do elemento espiritual, e não se confunde de nenhuma maneira com as demais ciências, embora guarde alguma relação com elas. Lembramos, também, que Allan Kardec jamais se atreveu a tentar interpretar os novos conceitos que descobriu de acordo com os conhecimentos científicos de sua época. Se o tivesse feito, não sabemos quais teriam sido as conseqüências, desastrosas com certeza, ao posterior desenvolvimento e expansão da Doutrina Espírita.

Os prejuízos de uma campanha indiscriminada que visa a ressaltar ou inferir precipitadamente semelhante relação podem ser facilmente previstos. Tais prejuízos podem não ser grandes para aqueles que já possuem um conhecimento considerável do corpo doutrinário espírita, mas o que dizer dos iniciante? Quantas confusões totalmente desnecessárias podem ser evitadas nas mente dos principiantes em Espiritismo se certas afirmações simplesmente não forem feitas? Acreditamos não serem poucas.

O verdadeiro trabalho espírita está no aprimoramento do espírito humano em sua bagagem moral, na sublimação dos instintos humanos, vertendo-os em valores divinos, em suma, no progresso moral do mundo. Para isso, sim, o estudo acurado e cauteloso é imprescindível. Também por isso, experimentações científicas detalhadas no campo espírita só podem ser feitas com a expressa colaboração do Plano Espiritual superior que, para isso, exige uma definitiva demonstração desses valores divinos em nós. (Ver **No Mundo Maior**, de André Luiz, p. 31.)

REFERÊNCIAS

1. Chibeni, S. S. "A excelência metodológica do Espiritismo", **Reformador**, novembro de 1988, pp. 328-333, e dezembro de 1988, pp. 373-378.
2. Chibeni, S. S. "O paradigma espírita", **Reformador**, junho de 1994, pp. 176-80.
3. Phillips, S. M. **Extra-Sensory perception of Quarks, Wheaton**, Illinois, Theosophical Publishing House, 1980.
4. Kardec, A. **O que é o Espiritismo**, 36ª ed., FEB.
5. Kardec, A. **O Livro dos Espíritos**, 75ª ed. FEB.
6. Chagas, A. P. "A Ciência confirma o Espiritismo?" **Reformador**, jul. 1995.
7. Chalmers, A. F. **What is this thing called science?** St. Lucia, University of Queensland Press, 1976.
8. "Matéria e antimatéria", **Reformador**, abr. 1994.
9. Alvé, H. "Antimatter and the Development of the Metagalaxy", *Rev. Modern Phys.*, vol. 37, p. 652, 1965.
10. André Luiz, **No Mundo Maior** (psic. F. C. Xavier), 19ª ed., FEB.

Trabalho apresentado no X Congresso Estadual de Espiritismo - USE - São Paulo, 30/6/1997. Publicado em Reformador, novembro de 1998.

Le Spiritisme est une science qui traite de la nature, de l'origine et de la destinée des Esprits, et de leur rapports avec le monde corporel.

Allan Kardec

1. INTRODUÇÃO: CIÊNCIA E PSEUDO-CIÊNCIA

Com a frase em epígrafe, que figura no Preâmbulo do importante livro **O que é o Espiritismo**, Allan Kardec indica, de modo sumário porém preciso, o objeto de estudo do Espiritismo, enquanto ciência. Quando a escreveu, em 1859, Kardec já havia, ao longo de alguns anos de investigações teóricas e experimentais intensas, desenvolvido suficientemente o Espiritismo para poder afirmar sem hesitação que se tratava de uma nova disciplina científica. Como é bem sabido, os desdobramentos filosóficos e morais que essa disciplina comporta foram igualmente objeto de grande atenção por parte de Kardec. No presente trabalho centralizaremos nossa análise no aspecto científico do Espiritismo, atendendo à natureza desta seção da Revista Internacional de Espiritismo.⁽¹⁰⁾

A questão de que características tornam uma disciplina merecedora do qualificativo científica tem ocupado lugar proeminente nos estudos dos filósofos da ciência. Notadamente nas últimas três décadas, progressos significativos foram realizados no sentido de se lhe oferecer uma resposta satisfatória. Um dos elementos mais importantes nesse aperfeiçoamento de nossa concepção de ciência foi a maior atenção que os filósofos da ciência passaram a atribuir à análise detalhada da história da ciência, dentro de uma abordagem historiográfica renovada.

Reconhece-se hoje entre os especialistas que a concepção comum de ciência padece de defeitos sérios, por não resistir nem a variados argumentos filosóficos recentemente levantados, nem ao confronto com a descrição da gênese, evolução e estrutura das disciplinas científicas maduras, ou seja, da Física, da Química e da Biologia. Os elementos problemáticos dessa visão ordinária de ciência, esposada tanto pelo homem comum como por expressiva parcela dos próprios cientistas, compareciam igualmente nas concepções que os filósofos defendiam até a primeira metade de nosso século. A versão mais bem articulada dessa concepção é a doutrina filosófica conhecida como Positivismo Lógico, que teve seu apogeu nas décadas de 1920 e 1930. Por motivos que não cabe aqui examinar, essa posição filosófica exerceu entranhada influência sobre os cientistas, e essa influência perdura até nossos dias, a despeito daquela concepção haver sido abandonada há muito pelos filósofos.

Esses fatos são importantes em nossa análise das linhas de pesquisa que pretendem competir com o Espiritismo, pois elas começaram a surgir precisamente quando o Positivismo Lógico fornecia os parâmetros segundo os quais uma atividade genuinamente científica se desenvolveria. Ora, tais parâmetros sendo equivocados, como se percebeu depois, aquelas linhas de pesquisa nascentes, que alimentavam a pretensão à cientificidade, acabaram por assimilar uma visão de ciência irreal. Isso levou a que adotassem métodos inadequados aos fins a que se propuseram, bloqueando-lhes as possibilidades de contribuir significativamente para o avanço de nosso conhecimento no domínio do espírito.

Lamentavelmente, a adoção de uma concepção falha de ciência levou os pesquisadores da Parapsicologia e demais linhas de investigação que surgiram após ela a não somente empenharem infrutiferamente os seus esforços, como também a desprezarem, ou mesmo repelirem, as conquistas e métodos de uma legítima ciência do espírito, surgida ainda no século XIX, a saber, o Espiritismo.

Em trabalhos anteriores (*ver Nota 1, acima*) procuramos fornecer alguns detalhes dessa situação, que embasam as afirmações precedentes. Essa tarefa pressupõe, naturalmente, a comparação dos fundamentos, estrutura e métodos do Espiritismo com aqueles que as investigações recentes em Filosofia da Ciência mostraram caracterizar as disciplinas paradigmaticamente científicas, como a Física, a Química e a Biologia. Não há espaço para reproduzir aqui as análises que empreendemos naqueles trabalhos. Para fins de completude, porém, indicaremos a seguir, de forma simplificada, alguns de seus pontos principais.

Grosso modo, a visão comum de ciência envolve a assunção de que uma ciência inicia seu desenvolvimento com um período longo de coleta de dados experimentais (dados empíricos, na linguagem filosófica); nessa etapa não compareceriam hipóteses teóricas de nenhuma espécie. Uma vez de posse de um conjunto suficientemente grande e

⁽¹⁰⁾ Em nosso artigo "Espiritismo e ciência" abordamos de modo mais extenso o aspecto científico do Espiritismo, à luz da moderna Filosofia da Ciência. Retomamos o assunto no trabalho mais abrangente e menos técnico "A excelência metodológica do Espiritismo", que contém também uma análise do aspecto religioso do Espiritismo. Em "Os fundamentos da ética espírita" examinamos com algum detalhe as implicações morais da ciência espírita. Para o aspecto científico do Espiritismo, recomendamos ainda a leitura dos artigos "O que é a ciência" e "As provas científicas", de Aécio Pereira Chagas, e "Pesquisas e métodos", de Juvanir Borges de Souza. As referências completas desses artigos, todos publicados em Reformador, encontram-se na lista bibliográfica, aposta no final deste artigo.

variado de dados, os cientistas aplicariam então certos métodos seguros e neutros para obter as teorias científicas, que seriam descrições objetivas da realidade investigada.

O exame cuidadoso da história da ciência e os argumentos filosóficos desenvolvidos pelos filósofos da ciência contemporâneos mostraram que essa caracterização da atividade científica não somente não corresponde ao que de fato ocorreu e continua ocorrendo com as ciências bem estabelecidas, como também pressupõe procedimentos impossíveis. Observação e teoria, experimento e hipótese nascem e se desenvolvem juntos, num complexo processo simbiótico de suporte recíproco. A acumulação prévia de dados neutros, ainda que fosse possível, seria inútil. Nenhum conjunto de dados leva de modo lógico a leis científicas a imaginação criadora do homem desempenha um papel essencial na gênese das teorias científicas.

A imagem de ciência a que os filósofos da ciência chegaram a partir das conquistas recentes indica que uma ciência autêntica consiste, simplificada, de um núcleo teórico principal, formado por hipóteses fundamentais. Esse núcleo é circundado por hipóteses auxiliares, que o complementam e efetuam sua conexão com os dados empíricos. Essa estrutura mais ou menos hierarquizada faz-se acompanhar de determinadas regras, nem sempre explícitas, que norteiam o seu desenvolvimento futuro. De um lado, há as regras "negativas", que estipulam que nesse desenvolvimento os princípios básicos do núcleo teórico devem, o quanto possível, ser mantidas inalteradas. Eventuais discrepâncias entre as previsões da teoria e as observações experimentais devem ser resolvidas por ajustes nas partes menos centrais da malha teórica, constituídas pelas hipóteses auxiliares; regras "positivas" sugerem ao cientista como, quando e onde essas correções e complementações devem ser efetuadas.

Ao contrário do que se supõe na visão comum de ciência, não há restrições sobre a natureza das leis de uma teoria científica, que podem inclusive ser de caráter predominantemente metafísico. A restrição fundamental é que a estrutura teórica como um todo forneça previsões empíricas corretas, ou seja, dê conta dos fatos. O exame das teorias científicas maduras e dos padrões avaliativos adotados pelos cientistas indica ainda que algumas características devem necessariamente estar presentes em qualquer boa teoria científica. Inicialmente, ela deve ser consistente. Deve ser abrangente, explicando um grande número de fatos. Deve, por fim, apresentar as virtudes estéticas de unidade e simplicidade, ou seja, a explicação que fornecem dos diversos fenômenos deve decorrer de maneira natural e simples de um corpo de leis teóricas integrado e tão reduzido quanto possível. Há ainda o vínculo externo de que uma teoria não deve conflitar com as demais teorias científicas bem estabelecidas que tratam de domínios de fenômenos complementares (por exemplo, uma teoria biológica não deve pressupor leis químicas e físicas que contrariem as leis bem assentadas da Química e da Física).

2. O ESPIRITISMO COMO CIÊNCIA

A inspeção meticulosa e isenta das origens, estrutura e desenvolvimento do Espiritismo revela que ele possui todos esses requisitos de uma ciência genuína. Em artigo anterior ("[A excelência metodológica do Espiritismo](#)") procuramos mostrar, além disso, que Allan Kardec admiravelmente antecipou-se às conquistas recentes da Filosofia da Ciência, e compreendeu essa realidade. Sua visão de ciência, exposta explícita e implicitamente em seus escritos, corresponde à visão moderna e justa mencionada acima. Isso teve a conseqüência feliz de que, ao travar contato com uma nova ordem de fenômenos, Kardec empregou em sua investigação métodos e critérios corretos, o que possibilitou o surgimento de uma verdadeira ciência do espírito.

O corpo teórico fundamental do Espiritismo encontra-se delineado em **O Livro dos Espíritos**. O exame dessa obra revela sua consistência e seu alto grau de coesão, uma notável concatenação das diversas leis, a amplitude de seu escopo, e o perfeito casamento da teoria com os fatos. Ademais, ali estão implicitamente presentes as diretrizes que nortearam os desenvolvimentos ulteriores das investigações espíritas. Parte significativa desses desenvolvimentos foi, como se sabe, levada a cabo pelo próprio Kardec, e se acham exarados nas demais obras que escreveu. Consoante com a natureza de uma verdadeira ciência, o desenvolvimento experimental e teórico do Espiritismo prossegue até hoje, pelos esforços de pesquisadores encarnados e desencarnados.

Contrariamente ao que alguns críticos mal informados acerca do Espiritismo e das teorias científicas contemporâneas alegam, o Espiritismo não conflita com qualquer uma das teorias científicas maduras, quer da Física, quer da Química ou da Biologia. É de crucial importância notar, como o fez Kardec, ⁽¹¹⁾ que embora o Espiritismo seja uma ciência, ele não se confunde com as referidas ciências, do mesmo modo como elas não se confundem entre si. Os domínios de fenômenos por elas tratados não coincidem, sendo antes complementares.

A percepção dessa distinção evita uma série de julgamentos e posturas equivocados, que têm ameaçado até mesmo o próprio Movimento Espírita. Vêm-se, com efeito, pessoas que imaginam que a ciência espírita consiste em determinadas investigações envolvendo experimentos conduzidos com o auxílio de aparelhagens de uso nos laboratórios de Física, e dentro de referenciais teórico-conceituais emprestados à Física. Assume-se, assim, que é o uso desses

⁽¹¹⁾ Para um tratamento desse ponto, ver a Seção 3 de nosso "[A excelência metodológica do Espiritismo](#)".

aparelhos e o emprego de terminologia técnica (aliás, quase sempre incompreendida por quem a usa dentro de tais contextos) que confere cientificidade a essas investigações. Dada a relevância da elucidação dos sérios enganos envolvidos em semelhantes alegações, nesta Seção e na seguinte nos deteremos um pouco mais sobre elas.⁽¹²⁾

A observação mais importante é a de que o estabelecimento dos princípios básicos do Espiritismo prescinde completamente do uso de qualquer aparelho e do recurso a qualquer teoria física. O mais fundamental de tais princípios é o da existência do espírito, ou seja, da existência de algo no homem que é a sede do pensamento e dos sentimentos e sobrevive à morte corporal. Como enfatizou Kardec, a comprovação cabal desse princípio se dá através dos fenômenos a que denominou "**de efeitos intelectuais**", quais sejam a tipologia, a psicofonia e a psicografia. Quem quer que reflita isentamente sobre fenômenos dessa ordem não terá dificuldade em reconhecer que atestam a existência do espírito de modo inequívoco às tentativas de "**explicações**" alternativas que se têm procurado oferecer surgirão como ridículas.

Nessa avaliação, é importante notar a diferença que existe entre esse princípio básico do Espiritismo e alguns dos princípios das teorias físicas e químicas contemporâneas, por exemplo. Neste último caso, o "**grau teórico**" (se assim nos podemos exprimir) é muito maior, ou, em outros termos, os princípios estão muito mais distantes do nível fenomenológico, ou seja, da observação empírica direta. Em tal caso, o caminho que vai da observação até o princípio teórico é bastante indireto e tortuoso, passando por uma série de teorias auxiliares, necessárias, por exemplo, para tratar do funcionamento e interpretação dos dados dos aparelhos envolvidos. Nessas circunstâncias, a segurança com que os princípios podem ser asseridos fica evidentemente limitada; há em geral possibilidades plausíveis de explicações dos mesmos fenômenos através de princípios teóricos diferentes; a história da Física e da Química tem ilustrado a vulnerabilidade de suas teorias.

No caso do princípio espírita em questão (bem como de vários outros dos princípios básicos do Espiritismo), a situação é bastante diversa. Trata-se de um princípio pertencente à classe de princípios a que os filósofos denominam "**fenomenológicos**", que estão na base do edifício do conhecimento, dado o seu alto grau de certeza. Proposições dessa classe são, por exemplo, as de que o Sol existe, de que o fogo queima e a cicuta envenena, a de que determinado familiar veio nos visitar no dia tal e nos deixou uma caixa de bombons, etc. Nestes casos, embora explicações alternativas sejam em princípio possíveis, ⁽¹³⁾ elas são tão inverossímeis que não merecem o assentimento de nenhum ser racional. Notemos que a inferência espírita diante de um fenômeno de efeitos intelectuais não difere em nada das inferências que fazemos a partir dos fenômenos ordinários. Quando, por exemplo, o carteiro traz à nossa casa um papel no qual lemos certas frases, não nos acudirá à cabeça a idéia de que elas não foram escritas por um determinado amigo, por exemplo, quando relatam fatos, contêm expressões e expressam pensamentos peculiares e íntimos. Exatamente o mesmo se dá com os abundantes e variados casos de psicografia de que todos somos testemunha. Não constitui exagero, pois, afirmar-se que a constatação cuidadosa de uns poucos casos dessa espécie (como por exemplo os que nos têm oferecido a extraordinária mediunidade de Chico Xavier) é suficiente para eliminar qualquer dúvida.

Como se isso não bastasse, a base experimental do Espiritismo incorpora ainda muitos outros tipos de fenômenos, como a psicofonia, a xenoglossia, as materializações, os casos de vidência, a pneumatografia e a pneumatofonia, etc. Além desses fenômenos, que formam uma classe específica, a dos fenômenos espíritas, o Espiritismo apoia-se também, em virtude de oferecer-lhes explicações científicas, em uma multidão de fenômenos ordinários. Referimo-nos, por exemplo, às nossas inclinações e sentimentos, às peculiaridades de nosso relacionamento com as pessoas que nos cercam, aos acontecimentos marcantes de nossas vidas, aos distúrbios da personalidade, aos efeitos psicossomáticos, aos sonhos, à evolução das espécies e das civilizações, etc.

Entendemos que a desconsideração desse vasto corpo de evidências indiretas a favor do Espiritismo constitui omissão séria da parte de seus críticos. Com seu agudo senso científico, Kardec percebeu desde o início que o alcance do Espiritismo transcendia de muito os fenômenos mediúnicos e anímicos específicos que motivaram o seu surgimento. Referindo-se às suas impressões diante das realidades novas que se lhe iam descortinando através de suas cuidadosas observações e raciocínios, Kardec assim se expressou: "**Logo compreendi a gravidade da exploração que ia empreender; entrevi naqueles fenômenos a chave do problema tão obscuro e tão controvertido do passado e do futuro da Humanidade, a solução do que eu havia procurado durante toda a minha vida; era, numa palavra, toda uma revolução nas idéias e nas crenças (...)**".⁽¹⁴⁾ "O estudo do Espiritismo é imenso", disse Kardec em outra passagem; "**interessa a todas as questões da metafísica e da ordem social; é todo um mundo que se abre diante de nós.**"⁽¹⁵⁾

⁽¹²⁾ Por exemplo, o ponto luminoso que vemos diariamente no céu poderia ser uma alucinação coletiva, ou a visita do parente pode não ter passado de um sonho, e a caixa de bombons pode coincidentemente ter sido trazida por um promotor de vendas ousado que por acaso tinha uma chave que serviu em nossa porta.

⁽¹³⁾ Por exemplo, o ponto luminoso que vemos diariamente no céu poderia ser uma alucinação coletiva, ou a visita do parente pode não ter passado de um sonho, e a caixa de bombons pode coincidentemente ter sido trazida por um promotor de vendas ousado que por acaso tinha uma chave que serviu em nossa porta.

⁽¹⁴⁾ **Oeuvres Posthumes**, item "**A minha iniciação no Espiritismo**". Nesta e nas demais citações de obras de Kardec, traduzimos diretamente a partir das edições francesas indicadas na lista de referências bibliográficas, aproveitando, em grande parte, as traduções publicadas pela Federação Espírita Brasileira.

⁽¹⁵⁾ Le Livre des Esprits, Introdução, Seção XIII.

3. PSEUDOCIÊNCIAS DO ESPÍRITO

Na Seção precedente iniciamos a enumeração dos métodos e procedimentos anticientíficos que caracterizam as linhas de pesquisa alternativas do espírito, indicando que a natureza de seu objeto de estudo é tal que o recurso a aparelhos e a métodos quantitativos em geral é dispensável e mesmo arriscado, pelos enganos a que pode levar. Isto vale pelo menos quanto ao estabelecimento dos princípios fundamentais da ciência do espírito, concebendo-se que em um futuro distante o detalhamento de alguns pontos mais técnicos, como por exemplo os relativos às leis dos fluidos, possa requerer uma integração mais estreita com a física e a química mais refinadas de então.

Prosseguiremos agora nossa enumeração, começando por um tópico ligado ao que expusemos no final da Seção precedente. Referimo-nos à abrangência do Espiritismo. O escopo dessa ciência é incomparavelmente mais amplo do que o de todas as teorias alternativas. Uma inspeção destas últimas mostra que consideram apenas uns poucos fenômenos isolados, sem levar em consideração uma multidão de outros, igualmente relevantes.

Esse desprezo de fatos importantes resulta essencialmente de duas fontes:

1. **preconceitos e interesses diversos; e**
2. **falta de um corpo teórico que norteie a pesquisa experimental. Quanto ao primeiro fator, não há o que comentar. Quanto ao segundo, notemos que está intimamente ligado à falsa concepção de ciência adotada, que imagina ser possível se fazer ciência sem teoria.**

Outra deficiência séria que apresentam esses sistemas não-espíritas é que mesmo para os grupos reduzidos de fenômenos que levam em conta, as explicações oferecidas pecam pela falta de unidade e organicidade, recorrendo a leis e princípios desconectados.

Além disso, tais explicações em geral falham em satisfazer um outro requisito fundamental de uma genuína explicação científica: a simplicidade. As explicações são em geral ainda mais inexplicáveis que os fatos que se propõem a explicar.

Encontramos ainda explicações puramente verbais, ou seja, que não apresentam qualquer conteúdo, limitando-se ao uso de termos técnicos, buscados nas diversas ciências ou criados a esmo, procurando-se com isso conferir ares científicos à suposta explicação. Muitas pessoas não familiarizadas com a ciência deixam-se fascinar por tais artifícios, não percebendo que qualquer explicação satisfatória deve caracterizar-se pela clareza e inteligibilidade (como nos dá magnífico exemplo o Espiritismo) e que o recurso à linguagem técnica só é legítimo dentro do contexto teórico que lhe é próprio.

Outro tipo freqüente de deficiência que notamos nos sistemas que pretendem competir com o Espiritismo refere-se ao recurso a conceitos e teorias científicas obsoletos, ou o uso não-profissional das teorias contemporâneas. As ciências, principalmente a Física e a Química passaram por transformações radicais em nosso século as teorias atuais envolvem conceitos extremamente abstratos, distantes da intuição do senso comum, além de técnicas matemáticas de grande complexidade. Em seus aspectos essenciais, essas teorias não são acessíveis ao leigo, que, quando instruído, em geral ainda tem para si a imagem do mundo fornecida pelas teorias do século passado. Os muitos livros de popularização da ciência via de regra não resolvem esse problema; mesmo quando são escritos por profissionais (o que é raro), inevitavelmente têm de recorrer a simplificações drásticas, que resultam em distorções sérias na imagem que oferecem das teorias expostas. Como resultado, a virtual totalidade das pessoas que têm se aventurado a estabelecer vínculos diretos entre os fenômenos espíritas e as teorias da Física cai, ou no recurso a teorias superadas, ou em confusões que mostram-se ridículas aos olhos dos cientistas com formação profissional. Essas pessoas acabam, pois involuntariamente prestando um desserviço à causa da investigação científica do espírito.

Mais um fator importante que entrava as linhas de pesquisa não-espíritas é o sistemático desprezo pelas contribuições anteriormente efetuadas por outros pesquisadores. Cada um quer começar tudo de novo, e criar seu próprio sistema. Se a dúvida equilibrada representa prudência, quando se torna irrestrita e irrefletida, aliando-se à presunção e ao orgulho, inviabiliza o avanço do conhecimento. Se nas ciências acadêmicas se tivesse adotado semelhante atitude, elas estariam ainda em seus primórdios.

Por fim, lembramos ainda que muitas das tentativas não-espíritas de estudo dos fenômenos espíritas fracassam por não reconhecer a influência de fatores morais em sua produção, influência essa que em certos casos é determinante.

4. PERSPECTIVAS DA CIÊNCIA ESPÍRITA

Como vimos na Seção 1, uma ciência autêntica deve envolver um programa de pesquisa, que auxilie o seu progresso. Com a lucidez científica que lhe era peculiar, Allan Kardec apontou diretrizes seguras para o desenvolvimento do Espiritismo.

De um lado, temos suas análises que advertem contra os métodos e procedimentos anti-científicos que poderiam embarçar a marcha do Espiritismo. Nas duas seções precedentes enumeramos alguns dos mais importantes deles; Kardec percorreu-os todos, e ainda outros, oferecendo sólida fundamentação às suas críticas. ⁽¹⁶⁾

⁽¹⁶⁾ Esses estudos de Kardec são comentados em nosso artigo "A excelência metodológica do Espiritismo", especialmente em sua seção 4.

De outro lado, Kardec legou-nos investigações paradigmáticas sobre os tópicos mais fundamentais da ciência espírita, que serviram de modelo pra os pesquisadores que vieram após ele, e que devem continuar desempenhando essa tarefa nas pesquisas futuras.

Simplificadamente poderíamos classificar assim as áreas principais de investigação espírita:

1. **Evolução do espírito: o elemento espiritual dos seres dos reinos inferiores; origem dos espíritos humanos; encarnação e reencarnação pluralidade dos mundos habitados.**
2. **O mundo espiritual.**
3. **Interação espírito-corpo: perispírito, efeitos psicossomáticos, mediunidade.**
4. **Implicações morais (uma área científica e filosófica): livre-arbítrio, lei de causa e efeito.**

Note-se que não incluímos o tópico "**comprovação da existência do espírito**". A razão é evidente: trata-se de uma questão já resolvida, na qual não devem as investigações estacionar. Foi uma etapa preliminar, e quem não a percorreu não pode, em boa lógica, pretender-se espírita, ou estar realizando pesquisas espíritas. É de lamentar que tal fato nem sempre seja percebido ou compreendido por pessoas que militam dentro das próprias fileiras espíritas. Os espíritas, para quem a existência do espírito é uma realidade insofismável, por a havermos constatado através de observações e argumentos racionais, devemos deixar àqueles que ainda não a reconheceram a tarefa de prová-la uma vez mais, pela maneira que bem entendam. Mas não devemos empenhar nossos esforços em uma investigação redundante, e que deporia contra as nossas próprias convicções. ⁽¹⁷⁾

Três outros aspectos importantes no desenvolvimento do Espiritismo foram enfatizados por Kardec.

No item VII da Introdução de **O Livro dos Espíritos**, Kardec afirma que "**o Espiritismo não é da alçada da ciência**". Evidentemente, trata-se aqui das ciências acadêmicas, ou seja, da Física, da Química e da Biologia. O argumento para tal assertiva baseia-se nas peculiaridades do objeto de estudo e métodos do Espiritismo e das referidas ciências, assunto este tratado na Seção 2, acima. Vale a pena reproduzir aqui, por sua propriedade, o arazoado que, no texto, antecede a assertiva em questão:

As ciências ordinárias assentam nas propriedades da matéria, que se pode experimentar e manipular livremente. Os fenômenos espíritas repousam na ação de inteligências dotadas de vontade própria e que nos provam a cada instante não se acharem subordinadas aos nossos caprichos. As observações não podem, portanto, ser feitas da mesma forma; requerem condições especiais e outro ponto de partida. Querer submetê-las aos processos comuns de investigação é estabelecer analogias que não existem. A ciência propriamente dita, é, pois, como ciência, incompetente para se pronunciar na questão do Espiritismo: não tem que se ocupar com isso, e qualquer que seja o seu julgamento, favorável ou não, nenhum peso poderá ter.

As relações entre o Espiritismo e as ciências ordinárias são, antes, de complementaridade, como também notou Kardec. No parágrafo 16 do Capítulo I de **A Gênese**, lemos a seguinte frase, ao final de uma extensa argumentação: "**O Espiritismo e a ciência completam-se reciprocamente**".

O segundo aspecto importante a ser notado liga-se parcialmente ao precedente: Kardec observa que não apenas existe uma relativa autonomia entre o Espiritismo e as ciências ordinárias como também os cientistas das academias não estão, pelo simples fato de serem cientistas, mais capacitados do que as demais pessoas para se pronunciar nas questões relativas ao Espiritismo. O assunto é abordado, entre outros lugares, em uma das respostas ao Céptico de **O que é o Espiritismo** (Cap. I, Segundo diálogo, seção "Oposição da ciência"). Vejamos estes trechos significativos:

Concordai, também, que ninguém pode ser bom juiz naquilo que está fora de sua competência. Se quiserdes edificar uma casa, confiareis esse trabalho a um músico? Se estiverdes enfermo, far-vos-eis tratar por um arquiteto? Se estais a braços com um processo, ides consultar um dançarino? Finalmente, quando se trata de uma questão de teologia, alguém irá pedir a solução a um químico ou a um astrônomo? Não cada um em sua especialidade. (...)

A ciência enganou-se quando quis experimentar os Espíritos como o faz com uma pilha voltaica; foi mal sucedida, como devia ser, porque agiu pressupondo uma analogia que não existe; e depois, sem ir mais longe, concluiu pela negação, juízo temerário que o tempo se encarrega de ir emendando diariamente, como já o fez com tantos outros. (...)

As corporações científicas não devem, nem jamais deverão pronunciar-se nesta questão ela está tão fora dos limites do seu domínio como a de decretar se Deus existe ou não é, pois, um erro tomá-las aqui por juiz.

Kardec lembra aqui que cada um é competente em sua especialidade, que alguém que haja se especializado no estudo de determinada ordem de fenômenos materiais (um físico ou um biólogo, por exemplo), não adquire, por esse simples fato, competência para se pronunciar sobre uma ordem de fenômenos completamente diferentes, a menos, obviamente, que essa pessoa tenha se dedicado séria e longamente ao seu estudo. Não devemos, pois, cair no erro frequente hoje em dia de atribuir aos cientistas das academias uma superioridade que eles de fato não possuem na avaliação das pesquisas espíritas.

Por fim, Kardec tomou um extremo cuidado em preservar, e recomendar a preservação, da coerência e integridade da ciência espírita, pela não-intromissão em sua estrutura teórico-conceitual de elementos heterogêneos, ori-

⁽¹⁷⁾ Para esse ponto, ver também o artigo "As provas científicas", de Aécio P. Chagas.

undos de outros programas de pesquisa. Kardec dotou o Espiritismo de um arsenal conceitual-nomológico próprio, e qualquer desenvolvimento da teoria espírita deve fazer-se recorrendo-se aos seus elementos, ou, se algum acréscimo se fizer necessário, o elemento adicionado não pode conflitar com as leis básicas bem estabelecidas do Espiritismo. Notemos que precauções semelhantes são tomadas na evolução das ciências ordinárias. No caso do Espiritismo, é admirável que ao propor o referido corpo de conceitos e leis, Kardec teve a lucidez de não admitir elementos demasiadamente vulneráveis às transformações futuras das ciências. É assim que o Espiritismo é uma teoria fenomenológica, pelo menos em seus fundamentos. Kardec não se aventurou, por exemplo, a formular modelos para o perispírito, ou explicações técnicas para os fenômenos mediúnicos em termos de conceitos e princípios vulneráveis das ciências de seu tempo. Retrospectivamente, vemos agora que isso providencialmente preservou o Espiritismo das reviravoltas profundas ocorridas nas ciências, durante as primeiras décadas de nosso século. Espelhando-nos na atitude prudente de Kardec, não devemos, por nossa vez, procurar fazer o que ele não fez, e prematuramente associar o Espiritismo às teorias científicas contemporâneas. A progressividade do Espiritismo, uma de suas características essenciais, dado que é uma ciência que se apóia em fatos, não significa a absorção irrestrita de qualquer teoria que apareça. Essa advertência foi claramente exposta no parágrafo 55 do Capítulo I de **A Gênese** (grifamos):

Entendendo com todos os ramos da economia social, aos quais dá o apoio das suas próprias descobertas, (o Espiritismo) assimilará sempre todas as doutrinas progressivas, de qualquer ordem que seja, desde que hajam atingido o estado de verdades práticas e abandonado o domínio da utopia, sem o que se suicidaria.

Não poderíamos encerrar estes apontamentos sem mencionar um ponto de crucial importância, sobre o qual Kardec não se cansava de insistir: O objetivo essencial do Espiritismo é tornar melhor o homem, convencendo-o, através dos fatos e da razão, de que somente o comportamento evangélico lhe assegurará um porvir feliz. E é nessa tarefa de esclarecimento que a ciência espírita é chamada a desempenhar a sua mais importante tarefa, conforme lemos nos comentários que Kardec tece às questões 147 e 148 de *O Livro dos Espíritos*:

... a missão do Espiritismo consiste precisamente em nos esclarecer acerca desse futuro, em fazer com que, até certo ponto, o toquemos com o dedo e o penetremos com o olhar, não mais pelo raciocínio somente, porém pelos fatos. Graças às comunicações espíritas, não se trata mais de uma simples suposição, de uma probabilidade sobre a qual cada um conjecture a vontade, que os poetas embelezem com suas ficções, ou cumulem de enganadoras imagens alegóricas. É a realidade que nos aparece, pois que são os próprios seres de além-túmulo que nos vêm descrever a situação em que se acham, relatar o que fazem, facultando-nos assistir, por assim dizer, a todas as peripécias da nova vida que lá vivem e mostrando-nos, por esse meio a sorte inevitável que nos está reservada, de acordo como os nossos méritos e deméritos. Haverá nisso alguma coisa de anti-religioso? Muito ao contrário, porquanto os incrédulos encontram aí a fé e os tíbios a renovação do fervor e da confiança. O Espiritismo é, pois, o mais potente auxiliar da religião. Se ele aí está, é porque Deus o permite, e o permite para que as nossas vacilantes esperanças se revigorem e para que sejamos reconduzidos à senda do bem pela perspectiva do futuro.

REFERÊNCIAS

BORGES DE SOUZA, J. "Pesquisas e métodos", **Reformador**, abril de 1986, pp. 99-101.

CHAGAS, A. P. "O que é a ciência?", **Reformador**, março de 1984, pp. 80-83 e 93-95. "As provas científicas", **Reformador**, agosto de 1987, pp. 232-233.

CHIBENI, S. S. "Espiritismo e ciência", **Reformador**, maio de 1984, pp. 144-147 e 157-159. "Os fundamentos da ética espírita", **Reformador**, junho de 1985, pp. 166-169. "A excelência metodológica do Espiritismo", **Reformador**, novembro de 1988, pp. 328-333, e dezembro de 1988, pp. 373-378.

KARDEC, A. **Le Livre des Esprits**. Paris, Dervy-Livres, s.d. **O Livro dos Espíritos**. Trad. Guillon Ribeiro, 43ª ed., Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, s.d. **Qu'est-ce que le Spiritisme**. Paris, Dervy-Livres, 1975. **O que é o Espiritismo**. S. trad., 25ª ed., Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, s.d. **La Genèse**, les Miracles et les Prédications selon le Spiritisme. Paris, La Diffusion Scientifique, s.d. **A Gênese**, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo. Trad. Guillon Ribeiro, 23ª ed., Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, s.d. **Oeuvres Posthumes**. Paris, Dervy-Livres, 1978. **Obras Póstumas**. Trad. Guillon Ribeiro, 18ª ed., Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, s.d.

This page is hosted by Geocities. Get your free homepage and e-mail at <http://www.geocities.com>
(Artigo publicado no **Reformador** de junho de 1994, pp. 176-80.)

A Excelência Metodológica do Espiritismo

(Publicado em Reformador, novembro de 1988, pp. 328-33 e dezembro de 1988, pp. 373-78. Digitado por Ademir L. Xavier Jr.)

Silvio Seno Chibeni

Seções:

5. **Introdução**
6. **O Espiritismo é científico**
7. **"O Espiritismo não é da alçada da ciência"**
8. **As deficiências das chamadas "ciências psi"**
9. **O Espiritismo é religioso**

1. Introdução

O Espiritismo não pode considerar crítico sério senão aquele que tudo tenha visto, estudado e aprofundado com a paciência e a perseverança de um observador consciencioso; que do assunto saiba tanto quanto o adepto mais esclarecido; que haja, por conseguinte, haurido seus conhecimentos algures, que não nos romances da ciência; aquele a quem não se possa opor fato algum que lhe seja desconhecido, nenhum argumento de que já não tenha cogitado e cuja refutação faça, não por mera negação, mas por meio de outros argumentos mais preempatórios; aquele, finalmente, que possa indicar, para os fatos averiguados, causa mais lógica do que a que lhe aponta o Espiritismo. Tal crítico ainda está por aparecer.

Allan Kardec, *Le Livre des Médiuns*, Cap. 2, item 14, n. 8. ⁽¹⁸⁾

Ao procurarmos aplicar esses critérios para a caracterização de um crítico legítimo do Espiritismo a cada um daquele que o têm pretendido ser durante os mais de cento e vinte anos que se passaram desde que Allan Kardec os enumerou, verificamos, facilmente e sem possibilidade de erro, que mesmo hoje tal crítico "ainda está para aparecer", em patente demonstração da excelência metodológica do Espiritismo, da solidez de seus fundamentos, de sua superioridade relativamente aos demais sistemas, doutrinas, teorias que com ele têm em comum o mesmo objeto de estudo, ou seja, a existência e a natureza do elemento espiritual.

Essa tese foi tão lucidamente defendida pelo próprio Kardec em várias de suas obras que acreditamos redundantes quaisquer argumentações posteriores. Nosso propósito aqui será, portanto, tão unicamente o de relembrar alguns dos aspectos já considerados pelo Codificador da Doutrina Espírita, comentando-os dentro do contexto de certas dificuldades encontradas por alguns espíritas quando da análise comparativa do Espiritismo com "sistemas" alternativos.

Não é inexpressivo o número de indivíduos e instituições ditos espíritas empenhados na busca de "novidades" que possam, segundo pensam, "atualizar" a Doutrina, dar-lhe "fundamentação científica", "harmonizá-la às conquistas da Ciência". Nesse sentido, procuram ressaltar e dar cobertura – inclusive através de periódicos espíritas, ciclos de palestras, etc – a pesquisadores das chamadas "ciências psi", notadamente aqueles detentores de títulos acadêmicos. Tentaremos, dentro das limitações de espaço de um artigo, mostrar que tais atitudes decorrem de uma injustificável inversão de valores, prejudicial tanto ao Movimento Espírita como ao próprio desenvolvimento da Doutrina e do conhecimento humano em geral.

2. O Espiritismo é científico

O Espiritismo é uma ciência que trata da natureza, origem e destino dos Espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal.

Allan Kardec, *Qu'est-ce que le Spiritisme*, Preâmbulo.

Evidentemente, o estatuto científico de uma teoria não pode ser decidido através da mera deliberação de se definir como uma "ciência". Esse atributo é inerente à natureza intrínseca da teoria, e não à denominação que se lhe dê.

A tarefa de determinar quais as características de uma teoria são necessárias e suficientes ao seu enquadramento na categoria de ciência cabe à sub-área da Filosofia intitulada Filosofia da Ciência. Essa disciplina, assim como outros ramos do saber, vêm evoluindo constantemente. Em seu caso específico, progressos essenciais ocorreram no

⁽¹⁸⁾ Em nossas citações das obras de Allan Kardec utilizamos os originais franceses, aproveitando amplamente as traduções editadas pela Federação Espírita Brasileira; ver Referências Bibliográficas, no final deste artigo.

século XX, e, mais acentuadamente, a partir da década de 60. Os trabalhos de vários filósofos, entre os quais Karl Popper, Willard Quine, Thomas Kuhn, Paul Feyerabend e Imre Lakatos, evidenciaram graves problemas na concepção de ciência que prevaleceu durante séculos, e ainda hoje é muito freqüente encontrar-se entre os não filósofos.

A compreensão dessa visão "antiga" de ciência, de suas várias dificuldades, dos argumentos avançados por esses filósofos e das novas concepções que propuseram requer estudos especializados de muitos anos, não podendo pois ser avançada dentro de um artigo, por maior que seja sua extensão. Em trabalho anterior tivemos ocasião de tentar fornecer uma tosca idéia dessas questões. Procuraremos aqui lembrar algo do que ali foi exposto, a fim de dar substância à nossa presente argumentação. ⁽¹⁹⁾

Muito simplificada, poderíamos dizer que pelo menos desde o surgimento da ciência moderna, por volta do século XVII, acreditava-se que a Ciência consistia na catalogação neutra de um grande número de "fatos", dos quais então resultariam, de maneira "espontânea", certa e infalível, as leis gerais que o regem; a reunião de tais leis constituiria então uma teoria científica.

Conforme mencionamos, essa visão "clássica" de ciência mostrou-se insustentável. Percebeu-se que a descrição busca a classificação dos fatos e necessariamente envolve pressuposições teóricas de um tipo ou de outro; que nenhuma lei teórica pode resultar lógica e infalivelmente de um conjunto de fatos, qualquer que ele seja; que uma teoria científica não é um simples amontoado de leis, sendo, antes, uma estrutura dinâmica complexa, na qual participam elementos de diversas naturezas, como resultados observacionais, hipóteses livremente concebidas, regras para o desenvolvimento futuro da teoria, decisões metodológicas, fragmentos de outras teorias etc.

Imre Lakatos sistematizou as novas idéias surgidas na Filosofia da Ciência, propondo que a atividade científica desenvolve-se em torno do que denominou "programa científico de pesquisa". ⁽²⁰⁾ Um tal programa de pesquisa consiste, em termos simplificados, de um "núcleo rígido" de hipóteses teóricas básicas, suplementado por um "cinturão protetor" de hipóteses auxiliares, que serve para ligar e ajustar o núcleo aos fenômenos de que a ciência trata. A cada programa ainda estão associadas duas "heurísticas", uma "negativa", que é a decisão metodológica de se manter inalteradas as hipóteses do núcleo, e outra "positiva", que é um conjunto de sugestões ou idéias de como mudar ou desenvolver o cinturão protetor de modo que o programa dê conta de novos fenômenos e explique os já conhecidos de maneira mais precisa. Um programa de pesquisa é dito "progressivo" caso leve sistematicamente à descoberta de novos fatos, que sejam por ele explicados; caso contrário, será dito "degenerante".

Tomando o exemplo de um dos mais bem sucedidos programas de pesquisa da Física, a Mecânica Newtoniana, vemos que possui um núcleo rígido formado pelas três leis newtonianas do movimento e pela lei da gravitação universal, que a heurística negativa do programa recomenda sejam mantidas inalteradas: eventuais discrepâncias com a experiência devem ser eliminadas através de ajustes nas hipóteses auxiliares do cinturão protetor. Esse processo ocorreu várias vezes durante o desenvolvimento do programa, como quando, no século XIX, se verificou que as previsões teóricas para a trajetória do planeta Urano conflitavam com os dados da observação astronômica; ao invés de imputar esse desvio a possível falsidade das leis do núcleo rígido, assumiu-se que deveria existir um corpo celeste desconhecido perturbando a trajetória do planeta; mais tarde, foi, de fato, observada a existência desse corpo, o planeta Netuno. Assim como nesse episódio, a conjunção das heurísticas negativa e positiva do programa newtoniano levou à inúmeros desenvolvimentos: novas teorias ópticas, novos aparelhos e técnicas de observação, criação de novos ramos da Matemática etc. A partir do início de nosso século, porém, o programa tornou-se degenerante, por motivos vários que não cabe expor aqui, vindo a ser substituído pelos programas das Teorias da Relatividade e da Mecânica Quântica.

Olhando agora para o Espiritismo, vemos que traz em si todas as características de um programa de pesquisa progressivo, sendo, portanto, genuinamente científico, segundo o critério lakatosiano.

Possui um núcleo rígido formado pelo princípio da existência de uma "inteligência suprema, causa primária de todas as coisas", dotada da suprema justiça e bondade; pela lei de causa e efeito; pela imortalidade dos seres vivos; por sua evolução ilimitada; pela existência do livre arbítrio, a partir de determinado estágio evolutivo. Desse núcleo pode-se, com o auxílio da lógica ("raciocínio") e de assunções auxiliares, deduzir ("explicar") a infinidade de fenômenos de que trata o Espiritismo: os fenômenos mediúnicos e anímicos, a evolução dos seres, seus estados psicológicos, sua condição após a morte etc. Todos esses fatos, analisados extensiva e objetivamente pelo Espiritismo, embasam e sancionam o corpo de seus princípios teóricos; este, a seu turno, concatena, torna inteligíveis, explica aqueles fatos.

Allan Kardec percebeu, em admirável antecipação às conquistas recentes da Filosofia da Ciência, a importância fundamental dessa "simbiose" entre fenômeno e teoria, e expendeu extensos comentários sobre ela em várias de suas obras. Os três capítulos iniciais da primeira parte de **O Livro dos Médiuns**, por exemplo, são uma obra prima de

⁽¹⁹⁾ "Espiritismo e Ciência. Esboço de uma análise do Espiritismo à luz da moderna Filosofia da Ciência"; ver Referências Bibliográficas. O leitor interessado em filosofia da ciência poderá consultar o livro de Alan Chalmers What is this thing called science, que é razoavelmente acessível e contém abundantes referências às fontes primárias.

⁽²⁰⁾ Ver, por exemplo, seu famoso artigo "Falsification and the methodology of scientific research programmes", citado nas Referências Bibliográficas.

argumentação filosófica que, embora visando à elucidação de uma questão ligeiramente diferente, contém valiosos elementos relevantes ao assunto que estamos analisando. Começemos por estas considerações do Parágrafo 19:

É crença geral que, para convencer, basta apresentar fatos. Esse, com efeito, parece o caminho mais lógico. Entretanto, mostra a experiência que nem sempre é o melhor, pois que a cada passo se encontram pessoas que os mais patentes fatos absolutamente não convenceram. A que se deve atribuir isso? É o que vamos tentar demonstrar.

No Parágrafo 29 Kardec volta ao ponto:

Podemos dizer que, para a maioria dos que não se preparam pelo raciocínio, os fenômenos materiais quase nenhum peso tem. Quanto mais extraordinários são esses fenômenos, quanto mais se afastam das leis conhecidas, maior oposição encontram e isto por uma razão muito simples: é que todos somos naturalmente a duvidar de uma coisa que não tem sanção racional. Cada um a considera de seu ponto de vista e a explica a seu modo [...].

Essa "sanção racional" é a que advém da explicação dos fatos através da teoria. No Parágrafo 34, após ressaltar a importância dos fatos na fundamentação da teoria, Kardec considera, por outro lado, que de dez pessoas novas que assistam a uma sessão de experimentação espírita "nove sairão sem estar convencidas e algumas mais incrédulas do que antes, por não terem as experiências correspondido ao que esperavam". Prossegue então Kardec:

O inverso se dará com as que puderem compreender os fatos, mediante antecipado conhecimento teórico. Para estas pessoas, a teoria constitui um meio de verificação, sem que coisa alguma as surpreenda, nem mesmo o insucesso, porque sabem em que condições os fenômenos se produzem e que não se lhes deve pedir o que não podem dar. Assim, pois, a inteligência prévia dos fatos não só as coloca em condições de se aperceberem de todas as anomalias, mas também de apreenderem um sem número de particularidades, de matizes, às vezes muito delicados, que escapam ao observador ignorante.

Considerações interessantes nesse mesmo sentido encontram-se também em **O que é o Espiritismo**. No diálogo com o Crítico (Cap. I, Primeiro Diálogo) Kardec pondera, em resposta à solicitação que este lhe faz de permissão para assistir a algumas experiências:

E julgais que isto vos baste para poder, ex professo, falar de Espiritismo? Como poderíeis compreender essas experiências e, ainda mais, julgá-las, quando não estudaste os princípios em que elas se baseiam? Como apreciaríeis o resultado, satisfatório ou não, de ensaios metalúrgicos, por exemplo, não conhecendo a fundo a metalurgia?

Mais adiante, no diálogo com o Céptico (Cap. I, Segundo Diálogo, seção "**Elementos de convicção**") Kardec coloca a questão em termos explícitos:

Há duas coisas no Espiritismo: a parte experimental das manifestações e a doutrina filosófica. Ora, eu sou todos os dias visitado por pessoas que ainda nada viram e crêem tão firmemente como eu, pelo só estudo que fizeram da parte filosófica; para elas o fenômeno das manifestações é acessório; o fundo é a doutrina, a ciência; eles a vêem tão grande, tão racional, que nela encontram tudo quanto possa satisfazer às suas aspirações interiores, à parte o fato das manifestações; do que concluem que, supondo não existissem as manifestações, a doutrina não deixaria de ser sempre a que melhor resolve uma multidão de problemas reputados insolúveis.

Quanto me disseram que essas idéias estavam em germe no seu cérebro, conquanto em estado de confusão. O Espiritismo veio coordená-las, dar-lhes corpo, e foi para eles como um raio de luz. É o que explica o número de adeptos que a simples leitura de **O Livro dos Espíritos** produziu. Acreditais que esse número seria o que é hoje, se nunca tivéssemos passado das mesas girantes e falantes ?

A primeira sentença que destacamos revela uma vez mais que Kardec localizava o caráter científico do Espiritismo na "doutrina", na sua "parte filosófica", que, no contexto de nossa análise, deve ser entendido como aquilo a que vimos denominando "teoria". Os fatos em si não constituem a ciência.

Nosso segundo destaque mostra que Kardec já entendia o papel da teoria como dando "corpo", ou seja, coesão, inteligibilidade, aos fenômenos, que é a tarefa que Lakatos atribui aos princípios teóricos do programa de pesquisa, notadamente os de seu núcleo rígido.

No decorrer das próximas seções a tese da cientificidade do Espiritismo pela qual vimos argumentando receberá indiretamente mais elementos de comprovação.

3. "O Espiritismo não é da alçada da Ciência"

A frase que serve de título a esta seção foi extraída do Item VII da magnífica peça "**Introdução ao Estudo da Doutrina Espírita**", que Kardec fez figurar como introdução de **O Livro dos Espíritos**. Esse item trata especificamente da relação entre a Doutrina Espírita e a Ciência, devendo esta ser entendida aqui como o conjunto das ciências ordinárias, "oficiais", das academias, tal como a Física, a Química e a Biologia. ⁽²¹⁾

⁽²¹⁾ A inclusão da Psicologia e da Sociologia é problemática, já que não parecem, em sua atual fase de desenvolvimento, cumprir os requisitos mínimos de uma verdadeira ciência. Nós espíritas temos razões adicionais para essa dúvida, dado que tais disciplinas, pretendendo estudar o ser humano, ignoram precisamente o que lhe é mais essencial, ou seja, o Espírito.

Apesar da clareza e da robustez argumentativa com que Allan Kardec abordou esse assunto, não somente nessa seção de **O Livro dos Espíritos**, mas também em outras de suas obras, especialmente em **O que é o Espiritismo**, **O Livro dos Médiuns** e **A Gênese**, Os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo, curiosamente observam-se ainda hoje muitos equívocos em sua apresentação, mesmo por parte de espíritas. Destarte, mais uma vez repetimos que não acrescentando nada ao que já disse o preclaro Codificador, mas apenas relembando seus argumentos. ⁽²²⁾

Começaremos notando que a afirmação de Kardec em consideração vem, no texto, precedida pela palavra portanto, o que mostra que, seguindo a regra que invariavelmente adotou, Kardec ofereceu um argumento à assertiva, que, dada a sua importância, não poderia ser postulada dogmaticamente.

Esse argumento encontra-se no próprio parágrafo que contém a assertiva em discussão:

As ciências ordinárias assentam nas propriedades da matéria, que se pode experimentar e manipular livremente; os fenômenos espíritas repousam na ação de inteligências dotadas de vontade própria e que nos provam a cada instante não se acharem subordinadas aos nossos caprichos. As observações não podem, portanto, ser feitas de mesma forma; requerem condições especiais e outro ponto de partida. Querer submetê-la aos processos comuns de investigações é estabelecer analogias que não existem. A Ciência, propriamente dita, é, pois, como ciência, incompetente para pronunciar na questão do Espiritismo: não tem que se ocupar com isso e qualquer que seja o seu julgamento, favorável ou não, nenhum peso poderá ter.

É admirável a simplicidade do argumento: o Espiritismo e a Ciência tratam de domínios diferentes de fenômenos: o primeiro dos relativos ao elemento espiritual, a segunda daqueles concernentes ao elemento material. Têm, portanto, métodos específicos e objetivos distintos, não cabendo, pois, julgamentos recíprocos.

Notemos que não se pode confundir o fato de o Espiritismo ser uma ciência - o que procuramos mostrar na seção anterior - com a assunção falsa de que ele pertence ao domínio da Ciência (ou seja, da Física, da Química e da Biologia).

Um pouco adiante, Kardec enfatiza:

Repetimos mais uma vez que, se os fatos a que aludimos se houvessem reduzido ao movimento mecânico dos corpos, a indagação da causa física desse fenômeno caberia no domínio da Ciência; porém, desde que se trata de uma manifestação que se produz com exclusão das leis de Humanidade, ela escapa à competência da ciência material, visto não poder exprimir-se nem por algarismos, nem pela força mecânica.

Estudando domínios diferentes e complementares, "O Espiritismo e a Ciência se completam reciprocamente", conforme destacadamente exarou Kardec no Parágrafo 16 do Capítulo I de **A Gênese**.

Antes de prosseguirmos, vejamos como Kardec reapresenta o argumento em estudo em **O que é Espiritismo**. Ali, o assunto é tratado extensivamente. Na décima quinta resposta ao Crítico (Cap. I, Primeiro Diálogo), Kardec lembra uma vez que:

Os fenômenos espíritas diferem essencialmente dos das ciências exatas não se produzem à vontade; é preciso que os colhamos de passagem; é observando muito e por muito tempo que se descobre uma porção de provas que escapam à primeira vista, sobretudo, quando não se está familiarizado com as condições em que se pode encontrá-las, e ainda mais quando se vem com o espírito prevenido.

E, na resposta seguinte, enfatiza:

Não se pode fazer um curso de Espiritismo experimental como se faz um de Física ou de Química, visto que nunca se é senhor de produzir os fenômenos espíritas à vontade, e que as inteligências que lhe são o agente fazem, muitas vezes, frustrarem-se todas as nossas previsões.

No diálogo com o Céptico (Cap. I, Segundo Diálogo, seção "**Oposição da Ciência**") Kardec enfoca outro aspecto da questão, igualmente já tratado no referido Item VII da Introdução de **O Livro dos Espíritos**. Estabelecida à independência da Ciência e do Espiritismo, resta ver se estariam os cientistas mais autorizados que as demais pessoas a se pronunciar sobre o Espiritismo. Tal questão é ainda atual, já que vemos muitos espíritas na posição em que Kardec situa o Céptico do diálogo: afligem-se por buscar o apoio dos cientistas. "Admito perfeitamente", diz o Céptico, "que eles não são infalíveis; mas não é menos verdade que, em virtude do seu saber, sua opinião vale alguma coisa, e que, se ela estivesse do vosso lado, daria grande peso ao vosso sistema".

A réplica de Kardec vem, como sempre, vazada no bom senso e na lógica:

Concordai, também, que ninguém pode ser bom juiz naquilo que está fora da sua competência. Se quiserdes edificar uma casa, confiaríeis esse trabalho a um músico? Se estiveres enfermo, far-vos-ei tratar por um arquiteto? Quando estais a braços com um processo, ides consultar um dançarino? Finalmente, quando se trata de uma questão de teologia, alguém irá pedir solução a um químico ou a um astrônomo? Não, cada um em sua especialidade. As ciências vulgares repousam sobre as propriedades da matéria, que pode ser manipulada à vontade; os fenômenos que ela produz têm por agentes forças materiais. Os do Espiritismo têm, como agentes, inteligências que possuem indepen-

⁽²²⁾ Esse tema foi também lucidamente tratado em artigo recente de Juvanir Borges de Souza, "**Pesquisas e Métodos**", publicado no número de abril de 1986 de Reformador, cuja leitura recomendamos vivamente.

dência, livre-arbítrio e não estão sujeitas aos nossos caprichos; por isso eles escapam aos nossos processos de laboratório e aos nossos cálculos, e, desde então, ficam fora dos domínios da Ciência propriamente dita.

A Ciência enganou-se quando quis experimentar os Espíritos como o faz com uma pilha voltaica; foi mal sucedida, como devia ser, porque agiu pressupondo uma analogia que não existe; e depois, sem ir mais longe, concluiu pela negação, juízo temerário que o tempo se encarrega de ir emendando diariamente, como já fez com tantos outros [...].

As corporações científicas não devem, nem jamais deverão, pronunciar-se nesta questão; ela está tão fora dos limites do seu domínio como a de decretar se Deus existe ou não; é, pois, um erro tomá-las aqui por juiz.

Kardec mostrou que nem o estudo do Espiritismo cabe à Ciência, nem estão os cientistas em posição privilegiada para sobre ele opinar. Foi mesmo além: dada a freqüente distorção que o envolvimento com sua especialidade impõe à sua maneira de apreciar as coisas, suas opiniões podem até mesmo estar mais sujeitas a equívocos. No referido item de **O Livro dos Espíritos** Kardec considera:

Aquele que se fez especialista prende todas as suas idéias à especialidade que adotou. Tirei-o daí e o vereis sempre desarrazoar, por querer submeter tudo ao mesmo cadinho: consequência da fraqueza humana.

Nada obsta, evidentemente, a que os cientistas se interessem, enquanto homens, pelo Espiritismo, e o estudem e avaliem nessa condição. Um pouco abaixo do trecho que acabamos de transcrever, Kardec pronuncia-se nesse sentido:

O Espiritismo é o resultado de uma convicção pessoal, que os cientistas, como indivíduos, podem adquirir, abstração feita de sua qualidade de cientistas [...].

Quando as crenças espíritas se houverem difundido, quando estiverem aceitas pelas massas humanas [...], com elas se dará com o que tem acontecido com todas as idéias novas que hão encontrado oposição: os cientistas se renderão à evidência. Lá chegarão, individualmente, pela força das coisas. Até então será intempestivo desviá-los de seus trabalhos especiais, para obrigá-los a se ocupar de um assunto estranho, que não lhes está nem nas atribuições, nem no programa. Enquanto isso não se verifica, os que, sem assunto prévio e aprofundado da matéria, se pronunciam pela negativa e escarnecem de quem não lhes subscrevem o conceito, esquecem que o mesmo se deu com a maior parte das grandes descobertas que fazem honra à Humanidade.

Ainda um último aspecto está envolvido nas relações entre o Espiritismo e a Ciência: a necessidade que ele tem de não entrar em descompasso com o progresso científico.

O local clássico onde Kardec tratou desse ponto é o Parágrafo 55 do Capítulo I de **A Gênese**. Começa considerando que "apoiando-se em fatos [a revelação espírita] tem que ser, e não pode deixar de ser, essencialmente progressiva". Esse caráter essencial do Espiritismo resulta de sua natureza genuinamente científica: embora o núcleo de seus princípios básicos permaneça inalterado, complementações e ajustes nas assunções auxiliares do cinturão protetor o colocam sempre em concordância com as novas descobertas. É isso que se tem verificado ao longo da história do Espiritismo. O núcleo doutrinário fundamental contido em **O Livro dos Espíritos** foi, nas mãos equilibradas do próprio Kardec, desdobrado e ampliado nos estudos que resultaram nas demais obras da Codificação. Hoje em dia, a vasta literatura mediúnica legitimamente espírita ampliou, por exemplo, os informes sobre o mundo espiritual. E isso, repetimos, sem confronto com os princípios básicos.

No entanto, é preciso cautela no entendimento da progressividade do Espiritismo.

Primeiro, ela deve ocorrer de acordo com a heurística positiva do próprio programa espírita, sem recurso a elementos estranhos, venham de onde vierem, sob o risco de este perder sua consistência.

Depois, a harmonia com as conquistas da Ciência não deve ser buscada irrestritamente e a qualquer preço, visto estar ela, em suas proposições abstratas, constantemente sujeita a enganos e retificações. Kardec percebeu isso de maneira clara, mesmo tendo vivido antes das grandes revoluções científicas do início de nosso século. No item de **O Livro dos Espíritos** de que estamos tratando encontramos este trecho:

Desde que a Ciência sai da observação material dos fatos, para os apreciar e explicar, o campo está aberto às conjecturas [...]. Não vemos todos os dias as mais opostas opiniões serem alternadamente preconizadas e rejeitadas, ora repelidas como erros absurdos, para logo depois aparecerem proclamadas como verdades incontestáveis?

Aliás, é interessante notar que se Kardec não tivesse imprimido ao programa espírita a independência e autonomia que lhe imprimiu, ajustando-o, ao invés, de modo irrestrito a graves teorias científicas da época, ele teria, como consequência das aludidas revoluções, soçobrado irremediavelmente.

Aparentemente, os que em nossos dias advogam a tese do "ajuste à Ciência" ainda não se deram conta desse fato, nem perceberam que no referido parágrafo de **A Gênese** Kardec deixou clara uma ressalva vital, ao falar desse ajuste:

Entendendo com todos os ramos da economia social, aos quais dá apoio das suas próprias descobertas, [o Espiritismo] assimilará sempre todas as doutrinas progressivas, de qualquer ordem que sejam, desde que hajam atingido o estado de verdades práticas e abandonado o domínio da utopia, sem o que ele suicidaria.

Notemos que o "suicídio" do Espiritismo adviria, segundo Kardec, não só de sua estagnação (aspecto esse sempre lembrado), mas também de sua assimilação de doutrinas que não hajam atingido o estado de "verdades práticas" (o que em geral passa despercebido, por ter ficado implícito no texto).

Agora é certo que não há nenhum princípio científico estável, nenhuma "verdade prática", que o Espiritismo não tenha ou assimilado, ou mesmo antecipado, sendo, portanto, improcedente os pruridos de reforma e atualização da Doutrina.

4. As deficiências das chamadas "ciências psi"

Todas as teorias que pretendem elucidar os fenômenos mediúnicos, alheias à Doutrina Espiritista, pecam pela sua insuficiência e falsidade.

Emmanuel

Essa assertiva de Emmanuel, que abre o Capítulo XIV do primeiro livro que nos legou por via mediúncia (Emmanuel, psicografado por Francisco Cândido Xavier.), há mais de cinquenta anos, pode, a alguns, parecer demasiadamente forte. No entanto, assim como tudo o que nos tem dito o iluminado Espírito, decorre de uma análise isenta e racional dos fatos. As conquistas recentes da Filosofia da Ciência, ainda não alcançadas àquela época, evidenciam inequivocamente a correção desse juízo. É o que tentaremos resumidamente mostrar nesta seção.

A primeira linha de pesquisa não espírita dos fenômenos espíritos (anímicos e mediúnicos) que chegou a constituir uma "escola" foi a Metapsíquica, que se desenvolveu nas duas primeiras décadas desse século e culminou com a publicação em Paris em 1922 do clássico *Traité de Métapsychique*, de Charles Richet. Logo após, essa escola foi cedendo lugar à Parapsicologia, cujo pioneiro foi o norte-americano J. B. Rhine, que em 1937 publicou seu *New Frontiers of the Mind*. De lá para cá, sob a inspiração dessa disciplina, surgiram e continuam surgindo, em vertiginosa multiplicação, várias outras linhas de investigação dos chamados "fenômenos paranormais". Talvez não seja exagero afirmar que elas são quase tão numerosas quanto os pesquisadores, cada um com seu "sistema" próprio. Denominaremos aqui, por simplicidade, de ciências psi o conjunto de tais sistemas, muito embora, como veremos, não sejam ciências genuínas.

Entre os traços comuns dessas disciplinas, destacaríamos a pretensão à cientificidade, a suposição de que aderem ao "método científico", o emprego de métodos quantitativos e de aparelhos, uma certa aversão a "teorias" etc.

Ocorre que à época do nascimento da Parapsicologia, ou seja, nas décadas de 20 e 30, a Filosofia da Ciência vivia o apogeu do Positivismo Lógico. Essa doutrina filosófica representou, por assim dizer, a tentativa suprema de articulação da visão clássica de ciência, que mencionamos anteriormente. Em que pese o empenho dos maiores filósofos da época, porém, tal programa malogrou de forma espetacular e definitiva, diante dos argumentos contra ele levantados, principalmente pelos filósofos que citamos na seção 2 (**Reformador**, novembro de 1988, págs. 328-331).

Apesar disso, tal foi a intensidade desse movimento filosófico, que exerceu uma influência sem precedentes sobre os cientistas, a qual sobreviveu ao seu fracasso, perdurando até nossos dias, com conseqüências funestas para a Ciência.

Inevitavelmente, a Parapsicologia, que nascia àquela época com pretensões à cientificidade, procurou seguir de forma estrita os cânones preconizados pelo Positivismo Lógico para a caracterização de uma ciência. (Esse fenômeno ocorreu também com a Sociologia e com a Psicologia, que também andavam à procura de cientificidade. A propósito, é significativo o fato de Rhine e outros pioneiros da Parapsicologia terem sido psicólogos.)

A conseqüência não poderia ser outra: essa nova disciplina carregou consigo, desde a sua concepção, as deficiências graves da visão lógico-positivista de ciência, vindo a adotar métodos incompatíveis com os fins a que se propõe, perseguindo um ideal de cientificidade completamente ilusório. E atrás dela vieram as demais, a despeito da louvável boa intenção da maioria de seus profícuos.

Para ilustrar essa situação, consideremos agora alguns exemplos concretos dos equívocos em que incorrem essas pretensas ciências.

- a) Seguindo a velha "receita", procuram acumular fatos sobre fatos, sem o auxílio de um corpo teórico ordenador. Vimos acima quão inócua e anti-científica é esse procedimento, e quão bem Kardec compreendeu tal realidade.
- b) Quando explicações são dadas, são-no fragmentariamente, cada fato sendo "explicado" por uma hipótese isolada. Desse modo, mesmo se artificialmente agruparmos essas hipóteses, não formaremos senão um todo inconsistente, o que viola a própria Lógica. A moderna Filosofia nem mesmo considera explicações genuínas "explicações" isoladas de fatos.
- c) As explicações são, via de regra, ainda mais fantásticas do que os fatos a que se propõem explicar. Nas admiráveis refutações aos contraditores do Espiritismo contidas em várias de suas obras, notadamente em *O que é o Espiritismo* (Cap. I), *O Livro dos Médiuns* (Primeira Parte, Cap. IV), *O Céu e o Inferno* (Primeira Parte) e *O Livro dos Espíritos* (Introdução, Item XVI), Allan Kardec, com a agudeza de espírito que o caracterizava, já apontava esse tipo de problema. Na seção "Falsas explicações dos fenômenos", do primeiro desses livros, Kardec pergunta:

Como podem pretender dar conta dos fenômenos espíritas [através da hipótese da alucinação] sem serem antes capazes de explicar sua explicação?

E mais adiante acrescenta:

É realmente curioso observar os contraditores empenharem-se na busca de causas cem vezes mais extraordinárias e difíceis de compreender do que aquelas que lhes apresenta o Espiritismo.

Outro tipo de pseudo-explicação comumente encontrada são as explicações puramente nominais: carecem de qualquer substância, consistindo unicamente do emprego de fraseologia excêntrica na descrição dos fenômenos. Emmanuel profliga semelhante vício filosófico no parágrafo que segue imediatamente ao que abre esta seção:

Em vão, procura-se complicar a questão com termos rebuscados, apresentando-se as hipóteses mais descabidas e absurdas [...].

d) Quando "teorias" são fornecidas, não dão conta de todos os fatos. Aqui também Kardec já alertou (O Livro dos Médiuns, parágrafo 42):

O que caracteriza uma teoria verdadeira é poder dar razão de tudo. Se, porém, um só fato que seja a contradiz, é que ela é falsa, incompleta, ou por demais absoluta.

e) Muitos fatos relevantes simplesmente não são reconhecidos. Isso pode resultar: <i> de idéias preconcebidas, como no caso daquelas que negam a priori a possibilidade de sobrevivência do ser, e portanto não investigam uma vasta quantidade de fenômenos relativos a ela. (Esse problema atinge as raias do absurdo no horror que alguns investigadores têm pelos médiuns – exatamente o manancial mais abundante de fenômenos de que se dispõe!); ou <ii> da falta de uma teoria que guie na busca e análise dos fatos. Vimos acima com Kardec quão longe está o Espiritismo de incorrer em semelhantes enganos.

f) Emprego de técnicas de investigação inadequadas. O caso típico e mais importante é o recurso ao "método quantitativo". Como se sabe, tal método constitui uma das maiores bandeiras da Parapsicologia e demais "ciências psi", que julgam assim estar seguindo os afortunados caminhos da Física e da Química. Ora, se indubitavelmente a análise das quantidades desempenha nessas ciências um papel importante (embora não exclusivo!), não se segue daí que deva ser igualmente frutífero no estudo de uma ordem de fenômenos completamente diferente. De fato, são, neste caso, de todo dispensáveis (para dizermos pouco). É até mesmo ridículo querer substituir a prova cabal fornecida por uma manifestação inteligente (como por exemplo uma carta que contém informações detalhadas de episódios e coisas desconhecidas) por medidas de desvios estatísticos em experimentos de identificação de cartas de baralho, ou similares. Não que estas últimas sejam irrelevantes; mas a evidência que podem dar é imensamente mais fraca e duvidosa do que a que resulta das manifestações inteligentes, e mesmo de efeitos físicos extraordinários produzidos através de um médium possante. (Parece estarmos aqui na situação de guerreiro que, dispondo de um moderno canhão, prefira servir-se de um tosco estilingue...)

g) Essa situação foi, como sempre, percebida e combatida por Allan Kardec, que não só enfatizou repetidamente a importância crucial e a superioridade dos fenômenos mediúnicos de efeitos inteligentes, como também explicitamente referiu-se à inadequação dos métodos quantitativos, conforme se observa nas citações que fizemos na seção 3, em especial neste trecho de **O que é o Espiritismo** (destacamos):

[Os fenômenos espíritas] têm, como agentes, inteligências que têm independência, livre-arbítrio e não estão sujeitas aos nossos caprichos; por isso eles escapam aos nossos processos de laboratório e aos nossos cálculos [...]. A Ciência enganou-se quando quis experimentar os Espíritos, como o faz com uma pilha voltaica; foi mal sucedida como devia ser, porque agiu pressupondo uma analogia que não existe.

Também no Item de **O Livro dos Espíritos** que vimos analisando Kardec alerta (destacamos):

[As manifestações espíritas] escapam à competência da ciência material, visto não poder expressar-se por algarismos, nem pela força mecânica.

h) Recurso desnecessário e perigoso a aparelhos sofisticados. Não obstante de inegável valor nas investigações da matéria, como mostram os notáveis avanços da Física e da Química, a prescindibilidade de aparelhos no estudo dos fenômenos espíritas ficou evidenciada pelas considerações expandidas no item anterior. Além disso, há mesmo riscos em sua utilização. Primeiro, tal utilização pode encobrir deficiências metodológicas profundas, produzindo uma ilusória impressão de rigor, de cientificidade. Depois, e mais importante, do ponto de vista epistemológico (ou seja, da teoria do conhecimento), as observações por meio de aparelhos ocupam um nível bem mais baixo na escala da confiabilidade do que aquelas que podem ser alcançadas de modo imediato. (Assim, uma das mais difundidas vertentes da Epistemologia chega mesmo a negar que entidades teóricas não diretamente observáveis possuam "referentes", ou seja, contrapartes reais.) A razão disso é simples: quando se utiliza um aparelho para fazer certa observação, o resultado da mesma pressuporá a validade das teorias envolvidas na construção e no funcionamento do aparelho, introduzindo-se, desse modo, mais elementos de incerteza.

Essas considerações epistemológicas explicam, por sinal, a grande estabilidade do núcleo de princípios fundamentais do Espiritismo, quando comparado aos das teorias científicas, pois repousam em fenômenos extremamente básicos do ponto de vista epistêmico, com o mesmo grau de certeza, quanto, por exemplo, as proposições de que temos agora uma folha de papel diante de nós, de que há nela algo escrito, de que nos achamos sentados etc. Medeia vasta distância conceitual entre proposições desse tipo e, por exemplo, aquelas sobre a estrutura dos átomos, dos bucos negros, sobre o mecanismo das mutações genéticas etc.

- a) Referência a conceitos e teorias científicas obsoletos. A Física deste século introduziu, como já dissemos, alterações radicais em suas teorias, e conseqüentemente em nossa visão do mundo. Conceitos que faziam parte da Física Clássica, como os de espaço e tempo absolutos, partículas, campos etc., foram ou totalmente abandonados, ou revistos profundamente, por não mais servirem às novas teorias, não dando conta dos fenômenos observados. Assim, é inacreditável que haja pesquisadores das "ciências psi" tentando elaborar "teorias" e "modelos" para o Espírito baseados em noções de partículas e campos, e ainda mais, com a pretensão de estarem seguindo a Ciência! Vemos aqui uma vez mais a lucidez de Kardec e dos Espíritos que o auxiliavam, ao não vincularem os princípios centrais do Espiritismo a nenhuma dessas noções. Assentaram-no, antes, em proposições básicas, "fenomenológicas", como dizem os filósofos, exatamente por serem estáveis.
- b) Desprezo pelo passado: cada pesquisador em geral reinicia as investigações a partir do "nada", como se outros já não tivessem efetuado constatações dignas de confiança. Se a dúvida equilibrada representa prudência, quando se torna irrestrita e irrefletida, aliando-se à presunção e ao orgulho, inviabiliza o conhecimento. Se na Ciência se tivesse adotado semelhante atitude, não se teria saído de sua pré-história.
- c) Ignorância da relevância dos fatores "morais" na produção de certos fenômenos. Kardec não tardou reconhecer, em seus estudos, a influências por vezes crucial de fatores ligados à harmonia de pensamento dos médiuns, experimentadores e assistentes, aos objetivos a que se propõem, à sua condição moral etc. O assunto é abordado, entre outros lugares, no Capítulo XXI de **O Livro dos Médiuns**, onde Kardec ressalta a "enorme influência do meio sobre a natureza das manifestações inteligentes" (parágrafo 233). Essa influência vem sendo também ilustrada e enfatizada na boa literatura mediúmica, que nos mostra em detalhe a complexidade do trabalho dos Espíritos na produção dos fenômenos. Assim, apenas para tomar um dos inúmeros exemplos, lembremos a descrição que André Luiz dá em **Missionários da Luz** (Cap. X) da profunda perturbação causada nos trabalhos de materialização a que presenciava pelo simples ingresso no recinto de um homem interiormente desequilibrado, e, depois, pelos pensamentos descontrolados dos participantes da reunião. Diante da surpresa, o Instrutor Alexandre elucida (destacamos):

Nestes fenômenos, André, os fatores morais constituem elementos decisivo de organização. Não estamos diante de mecanismos de menor esforço e, sim, ante manifestações sagradas da vida, em que não se pode prescindir dos elementos superiores e da sintonia vibratória.

Também Emmanuel expende considerações desse mesmo teor no Capítulo XIII de seu já citado livro Emmanuel (destacamos):

Não são poucos os estudiosos que procuram investigar os domínios da ciência psíquica, na sede de encontrar o lado verdadeiro da vida; porém, se muitas vezes acham apenas o malogro das suas expectativas, o soçobro dos seus ideais, é que se entregam a estudos arriscados sem preparação prévia para resolver tão altas questões, errando voluntariamente com espírito de criticismo, muitas vezes injustificável, já que não é filho do raciocínio acurado, profundo. O êxito no estudo de problemas tão transcendentais demanda a utilização de fatores morais, raramente encontrados; daí a improdutividade de entusiasmos e desejos que podem ser ardentes e sinceros.

5. O Espiritismo é religioso.

[...] o Espiritismo é, assim, uma religião ? Sim, sem dúvida, senhores: No sentido filosófico o Espiritismo é uma religião, e disso nos honramos, pois que é a doutrina que funda os laços da fraternidade e da comunhão de pensamentos não em uma simples convenção, mas sobre a mais sólida das bases: as próprias leis da Natureza.

Por que então declaramos que o Espiritismo não era uma religião? Pela razão de que há apenas uma palavra para exprimir duas idéias diferentes, e que, segundo a opinião geral, o termo religião é inseparável da noção de culto, e evoca unicamente uma idéia de forma, com o que o Espiritismo não guarda qualquer relação. Se se tivesse proclamado uma religião, o público nele não veria senão uma nova edição, ou uma variante se quisermos, dos princípios absolutos em matéria de fé, uma casta sacerdotal com seu cortejo de hierarquias, cerimônias e privilégios; não o distinguiria das idéias de misticismo e dos enganos contra os quais se está freqüentemente bem instruído.

Não apresentando nenhuma das características de uma religião, na acepção usual da palavra, o Espiritismo não poderia nem deveria ornar-se de um título sobre cujo significado inevitavelmente haveria mal-entendidos. Eis porque ele se diz simplesmente uma doutrina filosófica e moral.

Allan Kardec ⁽²³⁾

Do mesmo modo como tem havido falta de compreensão acerca do caráter científico do Espiritismo e de suas relações com as ciências, seu caráter religioso e suas relações com as religiões também têm constituído ponto de freqüentes confusões.

Assim como se pode mostrar ser o Espiritismo científico, embora não se inclua entre as ciências ordinárias, por estudar um domínio diverso de fenômenos, pode-se, conforme o fez o próprio Kardec, mostrar que o Espiritismo é religioso, embora não se confunda com as religiões ordinárias.

⁽²³⁾ "Le Spiritisme est-il une religion ?", *Revue Spirite*, 1868, p. 357. Transcrito em *L'Obsession*, pp. 279-92 (ver Referências Bibliográficas). Uma tradução desse artigo, por Ismael Gomes Braga, apareceu em *Reformador*, de março de 1976. Os destaques na citação acima são nossos.

Se no estabelecimento da primeira dessas teses tivemos que identificar corretamente que características de uma teoria a tornam científica, temos, para justificar a segunda, que estabelecer critérios adequados para a classificação de uma doutrina no âmbito religioso.

Essa tarefa deve começar pela análise etimológica da palavra religião. Ela vem do Latim religione, derivado de religare, que naturalmente significa "religar", estando, neste caso, subentendido que "religação" é da criatura ao Criador.

Surge aqui a primeira diferença entre o Espiritismo e as religiões ordinárias.

Estas usualmente entendem por Deus um ser supremo, criador de tudo o que existe, porém com características notoriamente antropomórficas.

Já o Espiritismo define-o como "a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas" (**O Livro dos Espíritos**, Questão nº 1.), dando-lhe por atributos exclusivamente a eternidade, a imutabilidade, a imaterialidade, a unicidade, a onipotência e a soberana justiça e bondade (ibidem, Questão 13), o que evidentemente exclui qualquer caráter antropomórfico.

A segunda diferença fundamental está na maneira pela qual o Espiritismo entende que a religação entre a criatura e Deus pode e deve ser promovida.

Segundo as religiões ordinárias, ela se dá através do ajuste da criatura a certas regras morais (éticas) e/ou da satisfação de providências formais e externas de vária ordem, dependendo da religião: batismo, crisma, comunhão, confissão; participação em cultos, rituais, cerimônias; realização de determinados gestos; recitação de fórmulas e rezas; adoração de imagens e objetos diversos; promessas, penitências, jejuns; trazer em si as "marcas de Deus" etc.

Já o Espiritismo propõe que a religação da criatura ao Criador se faz exclusivamente pela adaptação de sua conduta a determinados preceitos morais, as medidas de ordem exterior sendo tidas não somente como supérfluas, como também de todo desaconselhadas e combatidas.

A terceira diferença reside em quais são as regras morais em questão.

O Espiritismo toma-as como unicamente aquelas propostas por Jesus, e que se resumem no preceito do amor ao próximo.

Já as religiões ordinárias podem, dependendo do caso, incluir ou não as normativas evangélicas, ou incluí-las parcialmente, ou acrescentar-lhes outras, ou alterar-lhes a interpretação original etc.

Por fim, crucial diferença surge no modo pelo qual essas regras éticas são justificadas.

As religiões ordinárias "justificam" as normas morais que propõem recorrendo à autoridade desse ou daquele indivíduo ou instituição; são dogmas, portanto artigos de fé a serem aceitos sem exame.

Já o Espiritismo fundamenta o corpo de seus preceitos éticos no conhecimento que cientificamente alcança das conseqüências das ações humanas ao longo da existência ilimitada dos seres, conjugado à cláusula teleológica de que todos almejam a felicidade. Não há aqui lugar para dogmas e imposições, mas exclusivamente investigação livre e racional dos fatos. Aliás esse já era o modo pelo qual o Apóstolo Paulo entendia a moral, pois em sua primeira carta aos

Coríntios (10:23) asseverou: "Todas as coisas são lícitas, mas nem todas convêm; todas são lícitas, porém nem todas edificam."

Em artigo anterior ("Os fundamentos da ética espírita"; ver Referência Bibliográficas.) expusemos com certa extensão esse processo de fundamentação da moral espírita. Dada a relevância do tema, recorreremos aqui a algumas citações de Kardec, a fim de ilustrar o ponto e deixar clara sua posição.

Nos comentários às Questões 147 e 148 de **O Livro dos Espíritos**, que tratam do materialismo, Kardec refere-se à hipótese da aniquilação do ser com a morte corporal:

Triste conseqüência, se fora real, porque então o bem e o mal não teriam objetivo, o homem estaria justificado em só pensar em si e em colocar acima de tudo a satisfação de seus prazeres materiais; os laços sociais se romperiam, e as mais santas afeições se quebrariam irremediavelmente.

Passemos agora à Questão 222 do mesmo livro, onde encontramos:

Ora, pois: se credes num futuro qualquer, certo não admitis que ele seja idêntico para todos, porquanto, de outro modo, qual a utilidade do bem? Por que haveria o homem de constranger-se? Por que deixaria de satisfazer a todas as suas paixões, a todos os seus desejos, ainda que à custa de outrem, uma vez que isso não lhe alteraria a condição futura?

No Item IV da Conclusão dessa obra Kardec é ainda mais explícito (destacamos):

O progresso da Humanidade tem seu princípio na aplicação da lei de justiça, de amor e de caridade. Tal lei se funda na certeza do futuro; tirai-lhe essa certeza e lhe tirareis a pedra fundamental. Dessa lei derivam todas as outras, porque ela encerra todas as condições da felicidade do homem.

No Item VIII Kardec reitera:

Razão, portanto, tivemos para dizer que o Espiritismo, com os fatos, matou o materialismo. Fosse este o único resultado por ele produzido e já muita gratidão lhe deveria a ordem social. Ele, porém, faz mais: mostra os inevitáveis efeitos do mal e, conseqüentemente, a necessidade do bem.

O Capítulo I de **A Gênese** está repleto de considerações sobre essa fundamentação experimental-racional da ética espírita. Recomendamos vivamente a leitura, pelo menos, dos Parágrafos 31, 32, 35, 37, 42, 56 e 62. Do Parágrafo 37 extraímos esta assertiva (destacamos):

Tirai ao homem o espírito livre e independente, sobrevivente à matéria, e fareis dele uma simples máquina organizada, sem finalidade, nem responsabilidade [...].

No Parágrafo 42 encontramos:

Demais, se se considerar o poder moralizador do Espiritismo, pela finalidade que assina a todas as ações da vida, por tornar tangíveis as conseqüências do bem e do mal [...].

No Parágrafo 56 Kardec volta ao assunto, desta vez analisando as relações entre a moral evangélica e a espírita, que, conforme observamos, coincidem quanto às normas morais (destacamos):

O que o ensino dos Espíritos acrescenta à moral do Cristo é o conhecimento dos princípios que regem as relações entre os mortos e os vivos, princípios que completam as noções vagas que forneceu da alma, de seu passado e de seu futuro, e que dão por sanção à doutrina cristã as próprias leis da Natureza. Com o auxílio das novas luzes que o Espiritismo e os Espíritos espargem, o homem compreende a solidariedade que une todos os seres; a caridade e a fraternidade se tornam uma necessidade social; ele faz por convicção o que fazia unicamente por dever, e o faz melhor.

Encerrando essas notáveis citações de Kardec, que, aliás, poderiam estender-se ainda muito, adentrando, por exemplo, **O Céu e o Inferno**, obra inteiramente dedicada ao estudo teórico e experimental das conseqüências das ações humanas, voltamos ao comentário às Questões 147 e 148 de **O Livro dos Espíritos**, que fecha com chave de ouro estas nossas reflexões:

[...] a missão do Espiritismo consiste precisamente em nos esclarecer acerca desse futuro, em fazer com que, até certo ponto, o toquemos com o dedo e o penetremos com o olhar, não mais pelo raciocínio somente, porém, pelos fatos. Graças às comunicações espíritas, não se trata mais de uma simples suposição, de uma probabilidade sobre a qual cada um conjecture à vontade, que os poetas embelezem com suas ficções, ou cumulem de enganadoras imagens alegóricas. É a realidade que nos aparece, pois que são os próprios seres de além-túmulo que nos vêm descrever a situação em que se acham, relatar o que fazem, facultando-nos assistir, por assim dizer, a todas as peripécias da nova vida que lá vivem e mostrando-nos, por esse meio, a sorte inevitável que nos está reservada, de acordo com os nossos méritos e deméritos. Haverá nisso alguma coisa de anti-religioso? Muito ao contrário, porquanto os incrédulos encontram aí a fé e os tíbios a renovação do fervor e da confiança. O Espiritismo é, pois, o mais potente auxiliar da religião. Se ele aí está, é porque Deus o permite e o permite para que as nossas vacilantes esperanças se revigorem e para que sejamos reconduzidos à senda do bem pela perspectiva do futuro.

Referências Bibliográficas

ANDRÉ LUIZ. **Missionários da Luz**. (Psicografia de Francisco Cândido Xavier.) 6ª ed., Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, s.d.

BORGES DE SOUZA, J. "**Pesquisas e Métodos**", **Reformador**, abril de 1986, pp. 99-101.

CHALMERS, A. F. What is this thing called science? St. Lucia, University of Queensland Press, 1976.

CHIBENI, S. S. "**Espiritismo e Ciência**". Esboço de uma análise do Espiritismo à luz da moderna Filosofia da Ciência. **Reformador**, maio de 1984, pp. 144-7 e 157-9. "**Os fundamentos da ética espírita**". **Reformador**, junho de 1985, pp. 166-9.

EMMANUEL. **Emmanuel**. Dissertações mediúnicas sobre importantes questões que preocupam a Humanidade. (Psicografia de Francisco Cândido Xavier.) 5ª ed., Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, s.d.

KARDEC, A. **Le Livre des Esprits**. Paris, Dervy-Livres, s.d. (**O Livro dos Espíritos**. Trad. de Guillon Ribeiro. 43ª ed., Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, s.d.)

Qu'est-ce que le Spiritisme. Paris, Dervy-Livres, 1975. (**O que é o Espiritismo**. s. trad. 25ª ed., Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, s.d.)

Le Livre des Médiuns. Paris, Dervy-Livres, 1972. (**O Livro dos Médiuns**. Trad. Guillon Ribeiro, 46ª ed., Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, s.d.)

La Genèse, les Miracle et les Prédications selon le Spiritisme. Paris, La Diffusion Scientifique, s.d. (**A Gênese**, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo. Trad. Guillon Ribeiro, 23ª ed., Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, s. d.) **L'Obsession**. Extraits textuels des **Revue Spirites** de 1858 a 1868. Farciennes, Bélgica, Éditions de l'Union Spirite, 1950.

LAKATOS, I. "**Falsification and the methodology of scientific reserch programmes**". In: LAKATOS, I. & Musgrave, A. eds. Criticism and the Growth of Knowledge. Cambridge, Cambridge University Press, 1970. pp. 91-195.

This page is hosted by Geocities. Get your free homepage and e-mail in <http://www.geocities.com>
(Artigo publicado na Revista Internacional de Espiritismo, março 1991, pp. 45-52.)

Resumo:

Este trabalho indica as linhas gerais da visão kuhniana de ciência, em contraste com as concepções anteriores. Depois, argumenta que a Doutrina Espírita constitui um paradigma científico, no sentido apontado por Kuhn, sendo, portanto, genuinamente científica. O criador do paradigma foi Allan Kardec. Diante da tradição de ciência normal estabelecida pelo paradigma kardequiano, que prossegue com grande sucesso até nossos dias transparece a inadequação das tentativas de se iniciarem outros paradigmas (metapsíquica, parapsicologia, etc.).

1. Introdução

Muito se tem discutido nos meios espíritas a questão da cientificidade do Espiritismo. Embora Allan Kardec a tenha abordado de forma precisa e completa, alegam alguns que desenvolvimentos recentes na ciência e em linhas não-espíritas de pesquisa dos fenômenos a que chamam "**paranormais**" trouxeram novidades ao palco dos debates. Neste trabalho procuraremos investigar o aspecto científico do Espiritismo e a alegação acima, recorrendo à filosofia da ciência contemporânea, e, mais especificamente, aos estudos do filósofo americano Thomas Kuhn. A filosofia da ciência é o ramo da filosofia que se ocupa da análise do conhecimento científico: seus fundamentos, sua abrangência, sua especificidade, sua evolução. De maior relevância para os nossos presentes propósitos é a questão do chamado critério de demarcação entre ciência e não-ciência, ou pseudociência. Essa questão interessou de perto a todos os filósofos que se dedicaram ao estudo da ciência, havendo se destacado com o surgimento da ciência moderna, nos séculos 16 e 17. Nessa época, as investigações científicas, especificamente no domínio daquilo que hoje chamamos física, conduziram a um notável incremento no poder preditivo e explicativo da ciência, com as contribuições de Galileo, Huygens, Descartes e Newton, entre outros.

Difundiou-se então a idéia, antecipada por Francis Bacon, de que o sucesso da ciência se devia à adoção de um método especial, o chamado método científico. A aplicação desse método é que demarcaria a ciência genuína das atividades não-científicas. A explicitação, compreensão e elaboração do método científico passou a constituir tópico de pesquisa dos filósofos (que, em muitos casos, eram os próprios cientistas a divisão mais ou menos nítida entre a ciência e a filosofia é recente).

Em uma descrição aproximada, pode-se afirmar que a questão do método científico recebeu uma resposta mais ou menos uniforme desde o século 16 até meados de nosso século, quando então começou a ser posta em dúvida. Embora fosse muito útil, não dispomos de espaço aqui para apresentar as idéias centrais da concepção clássica de ciência e das críticas que recentemente levaram à sua substituição. ⁽²⁴⁾ Diremos apenas que essa concepção clássica é ainda a que predomina entre o público leigo, e, em boa parte, entre os cientistas, havendo, pois, um descompasso entre eles e os filósofos e historiadores da ciência contemporâneos.

Em seus traços mais gerais, a visão clássica da ciência assume que uma disciplina científica é aquela que parte de um processo longo de coleta de dados, ou seja, de observação dos fenômenos. Desses dados resultariam então as leis gerais que regem os fenômenos. Reunidas, essas leis formariam as teorias científicas. O progresso da ciência se daria pelo acréscimo de novas observações, das quais resultariam leis adicionais, que iriam se incorporando às teorias.

No processo assim esquematizado são essenciais as seguintes assunções:

- 1. Na etapa de coleta de dados não intervém nenhuma diretriz teórica: as observações são neutras;**
- 2. Iguamente, as leis resultam dos fenômenos por um método neutro, objetivo e infalível; e,**
- 3. As novas leis descobertas ao longo da evolução da ciência são sempre complementares, nunca incompatíveis, com as leis já estabelecidas.**

A articulação suprema dessa concepção tradicional de ciência se deu no bojo do programa filosófico do positivismo lógico, que floresceu nas décadas de 1920 a 1940. Esse programa alcançou níveis admiráveis de sofisticação formal e teórica, vindo a exercer uma profunda e duradoura influência sobre a classe científica. Já em 1934, porém, o filósofo austríaco, mais tarde naturalizado britânico, Karl Popper publicou um livro intitulado *A Lógica da Descoberta Científica* (Popper 1968), contendo críticas incisivas à concepção clássica, lógico-positivista de ciência. Tais objeções passaram em grande parte despercebidas até o final da década de 1950, quando apareceu uma versão inglesa do livro, e o programa do positivismo lógico já havia experimentado por mais de duas décadas um processo vigoroso de auto-crítica.

Mais uma vez, limitações de espaço não nos permitem expor aqui as críticas de Popper, ou sua concepção de ciência, conhecida hoje por falseacionismo. Observamos apenas que, a seu turno, o falseacionismo topou com restrições mais ou menos severas, levantadas por outros filósofos da ciência. Dentre eles, os mais importantes são Thomas

(24) Para um esboço desses pontos, ver Chibeni 1984.

Kuhn, Imre Lakatos e Paul Feyerabend ⁽²⁵⁾ Em trabalhos anteriores (Chibeni 1984, 1988 e 1991), tivemos a ocasião de tratar da filosofia da ciência de Lakatos, em conexão com a questão da ciência espírita. Agora, tentaremos abordar essa mesma questão à luz das idéias kuhnianas da ciência. Salientamos, desde já, que para que fosse levado a cabo de maneira satisfatória, esse empreendimento exigiria uma exposição detalhada da filosofia de Kuhn, o que evidentemente não pode caber nas dimensões de um artigo. Pretendemos, pois, que o que se vai seguir seja tomado apenas como uma motivação para estudos ulteriores.

2. Esboço da filosofia da ciência de Kuhn

Kuhn começou sua carreira acadêmica como físico teórico, interessando-se depois por história da ciência. Ao longo das importantes investigações que empreendeu acerca das teorias científicas passadas, realizadas segundo uma nova perspectiva historiográfica, que procura compreender uma teoria a partir do contexto de sua época, e não do ponto de vista da ciência de hoje, Kuhn se deu conta de que a concepção de ciência tradicional não se ajustava ao modo pelo qual a ciência real nasce e se desenvolve ao longo do tempo. Essa percepção da inadequação histórica das idéias usuais sobre a natureza da ciência o conduziu, finalmente, à filosofia da ciência. Seus estudos nessa área apareceram publicados de modo mais amplo em seu livro de 1962, *A Estrutura das Revoluções Científicas*. Esse trabalho viria a exercer uma influência decisiva nos rumos da filosofia da ciência. Embora em uma linguagem aparentemente acessível, Kuhn avança nele teses bastante sofisticadas sobre o conhecimento científico e o conhecimento em geral, que receberam críticas filosóficas diversas ao longo dos anos. Naturalmente, este não é o lugar para adentrarmos essas discussões. Limitar-nos-emos a expor simplificada alguns dos pontos destacados por Kuhn e que se tornaram reconhecidos, com esta ou aquela alteração menor, pela quase totalidade dos filósofos da ciência. Felizmente, são esses pontos mais consensuais os que maior relevância têm para os nossos propósitos neste artigo.

A espinha dorsal da concepção kuhniana de ciência consiste na tese de que o desenvolvimento típico de uma disciplina científica se dá ao longo da seguinte estrutura aberta:

- a) fase pré-paradigmática > ciência normal > crise > revolução >
- b) nova ciência normal > nova crise > nova revolução ...

Daremos agora uma explicação simplificada das noções envolvidas nessa cadeia evolutiva de uma ciência.

A fase pré-paradigmática representa, por assim dizer, a pré-história de uma ciência, aquele período no qual reina uma ampla divergência entre os pesquisadores, ou grupos de pesquisadores, sobre quais fenômenos dever ser estudados, e como o devem ser, sobre quais devem ser explicados, e segundo quais princípios teóricos, sobre como os princípios teóricos se inter-relacionam, sobre as regras, métodos e valores que devem direcionar a busca, descrição, classificação e explicação de novos fenômenos, ou o desenvolvimento das teorias, sobre quais técnicas e instrumentos podem ser utilizados, e quais devem ser utilizados, etc. Enquanto predomina um tal estado de coisas, a disciplina ainda não alcançou o estatuto de científica, ou seja, não constitui uma ciência genuína.

Uma disciplina se torna uma ciência quando adquire um paradigma, encerrando-se a fase pré-paradigmática e iniciando-se uma fase de ciência normal. Este é o critério de demarcação proposto por Kuhn para substituir o critério da concepção clássica (esboçado na seção anterior). O termo “paradigma” ⁽²⁶⁾ tem uma acepção bastante elástica no texto original de Kuhn, e não podemos aqui adentrar as sutilezas de seu significado. Em seu sentido usual, pré-kuhniano, o termo significa “exemplo”, “modelo”. Assim, amo, amas, ama, amamos, amais, amam é um paradigma da conjugação do indicativo presente dos verbos regulares da Língua Portuguesa terminados em “ar”.

Kuhn percebeu que a transição para a maturidade, para a fase científica, de uma disciplina envolve o reconhecimento, por parte dos pesquisadores, de uma realização científica exemplar, que defina de maneira mais ou menos clara os principais pontos de divergência da fase pré-paradigmática. A mecânica de Aristóteles, a óptica de Newton, a química de Boyle, a teoria da eletricidade de Franklin estão entre os exemplos dados por Kuhn de paradigmas que fizeram algumas disciplinas adentrar a fase científica.

É difícil explicitar, especialmente em poucas palavras, os elementos que entram na formação de um paradigma. Kuhn sustenta mesmo que essa explicitação nunca pode ser completa. A razão disso é que o conhecimento de um paradigma é, em parte, tácito, adquirido pela exposição direta ao modo de fazer ciência determinado pelo paradigma. Assim, por exemplo, é somente fazendo óptica à maneira de Newton que se pode conhecer completamente o paradigma óptico newtoniano, ou fazendo eletromagnetismo à maneira de Maxwell que se pode conhecer completamente o paradigma eletromagnético.

⁽²⁵⁾ Suas obras mais representativas são Kuhn 1970, Lakatos 1970 e Feyerabend 1978. Para uma exposição mais ou menos acessível das idéias principais desses filósofos e da concepção clássica de ciência, ver Chalmers 1978.

⁽²⁶⁾ *sm (gr parádeigma)* 1 Modelo, padrão, protótipo. 2 *Ling* Conjunto de unidades suscetíveis de aparecerem num mesmo contexto, sendo, portanto, comutáveis e mutuamente exclusivas. No paradigma, as unidades têm, pelo menos, um traço em comum (a forma, o valor ou ambos) que as relaciona, formando conjuntos abertos ou fechados, segundo a natureza das unidades. No primeiro caso temos os paradigmas lexicais e, no segundo, gramaticais. Exemplo de paradigma lexical: *A bela casa/alta/grande/verde*. Exemplo de paradigma gramatical: *and-a/and-as/and-a/and-amos*.

No entanto, podemos, a título de balizamento, considerar como partes integrantes de um paradigma: uma ontologia, que indique o tipo de coisa fundamental que constitui a realidade; princípios teóricos fundamentais, que especifiquem as leis gerais que regem o comportamento dessas coisas; princípios teóricos auxiliares, que estabeleçam sua conexão com os fenômenos e as ligações com as teorias de domínios conexos, regras metodológicas, padrões e valores que direcionem a articulação futura do paradigma; exemplos concretos de aplicação da teoria; etc.

Um paradigma fornece, pois, os fundamentos sobre os quais a comunidade científica desenvolve suas atividades. Um paradigma representa como que um "mapa" a ser usado pelos cientistas na exploração da Natureza. As pesquisas firmemente assentadas nas teorias, métodos e exemplos de um paradigma são chamadas por Kuhn de ciência normal. Essas pesquisas visam, principalmente, a extensão do conhecimento dos fatos que o paradigma identifica como particularmente significativos, bem como o aperfeiçoamento do ajuste da teoria aos fatos pela articulação ulterior da teoria e pela observação mais precisa dos fenômenos.

Um ponto importante destacado por Kuhn é que enquanto o "mapa" paradigmático estiver se mostrando frutífero, e não surgirem embaraços sérios no ajuste empírico da teoria, o cientista deve persistir tenazmente no seu compromisso com o paradigma. Embora a ciência normal seja uma atividade altamente direcionada, e em um certo sentido seletiva, essa restrição é essencial ao desenvolvimento da ciência. É somente centrando sua atenção em uma gama selecionada de fenômenos e princípios teóricos explicativos que o cientista conseguirá ir fundo no estudo da Natureza. Nenhuma investigação de fenômenos poderá ser levada a cabo com sucesso na ausência de um corpo de princípios teóricos e metodológicos que permitam seleção, avaliação e crítica do que se observa. Aqui se nota um dos principais enganos da concepção clássica de ciência, que imaginava ser possível fazer observações neutras. Nas concepções contemporâneas, reconhece-se que fatos e teorias estão em constante relação de interdependência, como que em "simbiose", os primeiros sustentando as últimas e estas contribuindo para a sua seleção, classificação, concatenação, predição e explicação. De posse de um corpo de princípios teóricos e regras metodológicas, o cientista não precisa a cada momento reconstruir os fundamentos de seu campo, começando de princípios básicos e justificando o significado e uso de cada conceito introduzido, assim como a relevância de cada fenômeno observado.

Kuhn entende a ciência normal como uma atividade de resolução de "quebra-cabeças" (puzzles), já que, como eles, ela se desenvolve segundo regras relativamente bem definidas. Só que na ciência os quebra-cabeças nos são apresentados pela Natureza. Ao longo da exploração de um paradigma pode ocorrer que alguns desses quebra-cabeças se mostrem de difícil solução. O dever do cientista é insistir no emprego das regras e princípios paradigmáticos fundamentais o quanto possa. Utilizando a analogia, não vale, por exemplo, cortar um canto de uma peça do quebra-cabeça para que se encaixe em uma determinada posição. Mas no caso da ciência esse apego ao paradigma, que é essencial, como indicamos acima, não pode ser levado ao extremo. Quando quebra-cabeças sem solução a que Kuhn denomina anomalias se multiplicam, resistem por longos períodos aos melhores esforços dos melhores cientistas, e incidem sobre áreas vitais da teoria paradigmática, chegou o tempo de considerar a substituição do próprio paradigma. Nestas situações de crise, membros mais ousados e criativos da comunidade científica propõem alternativas de paradigmas. Perdida a confiança no paradigma vigente, tais alternativas começam a ser levadas a sério por um número crescente de cientistas. Instala-se um período de discussões e divergências sobre os fundamentos da ciência que lembra um pouco o que ocorreu na fase pré-paradigmática. A diferença básica é que mesmo durante a crise o paradigma até então adotado não é abandonado, enquanto não surgir um outro que se revele superior a ele em praticamente todos os aspectos.

Quando um novo paradigma vem a substituir o antigo, ocorre aquilo que Kuhn chama de revolução científica. Grande parte das teses filosóficas sofisticadas desse autor que se tornaram alvo de polêmicas entre os especialistas ligam-se ao que ele assevera acerca das revoluções científicas. Conforme já alertamos, não adentraremos esse assunto aqui. O esquema geral da natureza da ciência que apresentamos acima representa a contribuição mais consensual de Kuhn à filosofia da ciência, e pode também ser identificado, com adaptações, principalmente terminológicas, na filosofia da ciência de Lakatos, a segunda das duas mais sistemáticas e importantes tentativas contemporâneas de compreensão da ciência.

3. O paradigma espírita

Neste ponto o leitor familiarizado com a história do Espiritismo e que tenha lido, estudado, meditado e compreendido a obra de Allan Kardec já terá percebido o embasamento de nossas teses principais: a obra de Kardec constitui um genuíno paradigma científico, e esse paradigma representa, até hoje, a única diretriz segura ao longo da qual se podem desenvolver pesquisas científicas acerca dos fenômenos espíritos e do aspecto espiritual do ser humano em geral.

A explicitação completa dessas teses exigiria que percorrêssemos toda a história do Espiritismo, toda a obra kardequiana, e as tentativas de estudo dos fenômenos espíritos fora do paradigma espírita. Evidentemente, não há

espaço aqui para encetarmos tal empreendimento. Indicaremos apenas alguns pontos mais salientes, para motivar aqueles que queiram refletir sobre o assunto.

Como repetidamente enfatizou o próprio Kardec, alguns dos fatos mais significativos que serviram de base para as suas pesquisas eram conhecidos, embora de modo impreciso e obscuro, desde os primeiros tempos da civilização humana. No entanto, transparece claramente que, não obstante tenham sempre sido objeto de estudo por parte de indivíduos e doutrinas, não havia, até o advento do Espiritismo, um paradigma científico que os concatenasse e integrasse em um corpo de princípios teóricos precisos e abrangentes, acompanhados de métodos, critérios e valores que definissem rumos confiáveis ao longo dos quais a sua investigação pudesse caminhar. Foi a fase pré-paradigmática das pesquisas do espírito.

Tal fase encerrou-se com o trabalho de Allan Kardec. Ele nos legou um paradigma admiravelmente coerente, abrangente, empiricamente adequado e heurísticamente fértil, que não deixa nada a desejar aos mais bem sucedidos paradigmas das ciências ordinárias, como a termodinâmica, o eletromagnetismo, as teorias da relatividade, a mecânica quântica, etc.

Como uma indicação geral e aproximada, podemos dizer que **O Livro dos Espíritos** estabeleceu a ontologia e os princípios teóricos básicos; **O Livro dos Médiuns** e a segunda parte de **O Céu e o Inferno** efetuaram a conexão com a base experimental; **O Evangelho segundo o Espiritismo** e a primeira parte de **O Céu e o Inferno** exploraram as repercussões filosóficas do paradigma no campo da ética; ⁽²⁷⁾ **A Gênese**, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo e ensaios diversos nas **Obras Póstumas** e **Revista Espírita** aprofundaram vários pontos da teoria, sendo que a **Revista** constitui também valioso repositório de relatos experimentais.

Imperioso notar que a teoria espírita se faz acompanhar daqueles elementos vitais de um legítimo paradigma científico, e que nem sempre são inteiramente explicitáveis: critérios, métodos e valores que norteiam a busca, descrição e avaliação tanto de fatos como de princípios teóricos auxiliares. E mais: Kardec nos forneceu em profusão exemplos concretos de problemas resolvidos pela teoria espírita, verdadeiros modelos a serem seguidos na abordagem de outros problemas. Vemos, em consonância com as concepções de Kuhn, que tais aplicações exemplares da teoria desempenham de fato grande papel na assimilação da real essência

do Espiritismo. Aqueles que não se debruçaram sobre eles, e inspecionaram os princípios espíritas apenas "de fora", e muitas vezes mesmo de forma fragmentária, encontram-se incapacitados de bem julgar o paradigma kardequiano; não adquiriram aquilo que Kuhn (segundo Michael Polanyi) chama de conhecimento tácito da ciência espírita.

Examinando a história do Espiritismo após Kardec, vemos que o paradigma por ele iniciado prosseguiu o seu desenvolvimento, dentro de uma bem sucedida tradição de ciência normal. Léon Denis, nos primeiros tempos, e depois Bezerra, Emmanuel, André Luiz, Yvonne Pereira, Philomeno de Miranda, entre outros, foram pesquisadores encarnados ou desencarnados que se destacaram na extensão do paradigma em sua pureza original.

Uma questão que naturalmente pode ser suscitada pela comparação do paradigma espírita com os paradigmas das ciências ordinárias é a das revoluções científicas. A história mostra a ocorrência de revoluções em quase todas as áreas da ciência, e se poderia perguntar se o Espiritismo não estaria também sujeito a uma revolução. Essa é uma questão delicada, e no pouco espaço que nos resta aqui não lhe podemos fazer justiça plena. Nossa resposta comporta duas observações principais, que esboçamos a seguir.

Primeiro, o exame isento e criterioso da situação mostra de forma inquestionável que o Espiritismo não experimenta, nem jamais experimentou, qualquer processo de acumulação de anomalias, e muito menos em seus pontos essenciais, acumulação essa que constitui, segundo Kuhn, um pré-requisito para o desencadeamento de uma crise, capaz de justificar a proliferação de teorias alternativas, e, eventualmente, a substituição do paradigma. Aproveitamos para notar aqui que, em vista disso, incorreram em erro científico aqueles que, já desde os primeiros tempos, têm desenvolvido suas pesquisas fora do paradigma espírita. Não há razões científicas para essa atitude, que só contribui para a dispersão de esforços tão prejudicial ao avanço do conhecimento, como mostrou Kuhn.

A segunda parte de nossa resposta passa pela observação de que, dada a natureza específica do paradigma espírita, não se deve esperar que tenha um dia que ser abandonado ou modificado em seus princípios fundamentais. A razão disso é que, exceto por alguns princípios reguladores abstratos, tais princípios encontram-se muito próximos do nível fenomênico, de modo que, utilizando-nos da nomenclatura filosófica, poderíamos classificar a teoria espírita como essencialmente fenomenológica. O exemplo mais claro de uma teoria desse tipo nas ciências ordinárias é a termodinâmica, desenvolvida em meados do século 19. Por ser fenomenológica, ela goza de uma alta estabilidade diante do progresso de outras áreas da ciência, havendo atravessado incólume as radicais mudanças de paradigma ocorridas na física nas primeiras décadas de nosso século. Essa característica da termodinâmica exerceu grande atração sobre Einstein (entre outros), que procurou desenvolver sua teoria especial da relatividade em moldes fenomenológicos.

Em termos simplificados, podemos tentar esclarecer esse ponto dizendo que nas teorias não-fenomenológicas (ditas teorias construtivas), que são a maioria das teorias da física e da química, o "grau de teoriedade" dos princípios

⁽²⁷⁾ Sobre a ética espírita e sua fundamentação na ciência espírita, ver Chibeni 1985.

é muito maior; eles estão bem mais distantes da observação empírica direta. Em tal caso, o caminho que vai dos fenômenos até os princípios teóricos é bastante tortuoso, passando por uma série de teorias auxiliares, necessárias, por exemplo, para tratar do funcionamento e interpretação dos dados fornecidos pelos aparelhos envolvidos. Nessas circunstâncias, a segurança com que os princípios podem ser asseridos fica evidentemente reduzida; há, em geral, possibilidades plausíveis de explicação dos mesmos fenômenos por princípios teóricos diferentes. A história da física e da química ilustra bem a vulnerabilidade de suas teorias construtivas, que vão sendo substituídas de tempos em tempos.

No caso dos princípios espíritas básicos, como a existência e sobrevivência do espírito, o livre-arbítrio, a lei de causa e efeito, a reencarnação, etc., a situação é bastante diversa. Sua confirmação independe totalmente de aparelhos, conforme bem enfatizou Kardec, o que é uma enorme vantagem do ponto de vista epistemológico, pelas razões esboçadas acima. São proposições da mesma classe epistêmica ⁽²⁸⁾ que, digamos, as proposições de que o Sol existe, de que o fogo queima, a cicuta envenena, etc. Notemos que a inferência espírita diante de um fenômeno de efeitos intelectuais não difere em nada das inferências que fazemos a partir dos fenômenos ordinários. Quando, por exemplo, o carteiro traz à nossa casa um papel no qual lemos certas frases, não nos acudirá a idéia de que elas não foram escritas por um determinado amigo, quando relatam fatos, contêm expressões e veiculam pensamentos peculiares e íntimos. Exatamente o mesmo se dá com os variados e abundantes casos de psicografia de que somos testemunhas. Não constitui exagero, pois, afirmar-se que a constatação cuidadosa de uns poucos casos dessa espécie é suficiente para eliminar qualquer dúvida quanto ao princípio básico da Doutrina Espírita, a existência e sobrevivência do espírito.

Como se isso não bastasse, a base experimental do Espiritismo incorpora ainda muitos outros tipos de fenômenos, como a psicofonia, a xenoglossia, as materializações, vidência, a pneumatografia e a pneumatofonia, etc. Além desses fenômenos, que formam uma classe específica, a dos fenômenos espíritas, o Espiritismo apóia-se também em inúmeros fenômenos ordinários. Referimo-nos, por exemplo, às nossas inclinações e sentimentos, às peculiaridades de nosso relacionamento com as pessoas que nos cercam, aos acontecimentos marcantes de nossa vida, aos distúrbios da personalidade, aos efeitos psicossomáticos, aos sonhos, à evolução das espécies e das civilizações, etc. Entendemos que a desconsideração desse vasto corpo de evidências a favor do Espiritismo constitui séria omissão por parte de seus críticos e daqueles que tentam fazer ciência não-espírita do espírito.

Em outro artigo (Chibeni 1988; ver também Chibeni 1986) procuramos mostrar que Kardec possuía um senso científico e filosófico que caminhava muito adiante de seu tempo, identificando corretamente as características de uma verdadeira ciência, e desenvolvendo suas pesquisas de acordo com elas. Isso fica claro tanto da análise de sua obra, como de inúmeras declarações explícitas suas sobre a natureza da ciência, o que torna ainda mais lamentável a busca de uma ciência do espírito fora do paradigma kardequiano, busca essa que prossegue até nossos dias, quando os avanços da filosofia da ciência já puderam mostrar cabalmente onde ela de fato se encontra.

Referências bibliográficas:

(O leitor poderá encontrar vertidas para o nosso idioma todas as obras em língua estrangeira desta lista bibliográfica, embora, com exceção das indicadas traduções das obras de Kardec a cargo da Federação Espírita Brasileira, essas traduções apresentem, como é quase regra, falhas mais ou menos graves, que não as recomendam ao estudioso exigente.)

CHALMERS, A. F. **What is this Thing called Science?** St. Lucia, University of Queensland Press, 1978.

CHIBENI, S.S. **Espiritismo e ciência**. Esboço de uma análise do Espiritismo à luz da moderna filosofia da ciência. **Reformador**, maio de 1984, pp. 144-7 e 157-9. **Os fundamentos da ética espírita**. **Reformador**, junho de 1985, pp. 166-9. **Por que Allan Kardec?** **Reformador**, abril de 1986, pp. 102-3. **A excelência metodológica do Espiritismo**. **Reformador**, novembro de 1988, pp. 328-33 e dezembro de 1988, pp. 373-8. **Ciência espírita**. **Revista Internacional de Espiritismo**, março de 1991, pp. 45-52.

FEYERABEND, P. K. **Against Method**. London, Verso, 1978.

KARDEC, A. **Le Livre des Esprits**. Paris, Dervy-Livres, s.d. **O Livro dos Espíritos**. Trad. Guillon Ribeiro, 43ª ed., Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, s.d. **L'Évangile selon le Spiritisme**. Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, 1979. **O Evangelho segundo o Espiritismo**. Trad. Guillon Ribeiro. 87ª ed., Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, s.d. **Le Ciel et l'Enfer. Farciennes**, Éditions de L'Union Spirite, 1951. **O Céu e o Inferno**. Trad. Manuel Quintão. 28ª ed. Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, s.d. **La Genèse, les Miracles et les Prédications selon le Spiritisme**. Paris, La Diffusion Scientifique, s.d. **A Gênese, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo**. Trad. Guillon Ribeiro, 23ª ed., Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, s.d. **Oeuvres Posthumes**. Paris, Dervy-Livres, 1978. **Obras Póstumas**. Trad. Guillon Ribeiro, 18ª ed., Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, s.d.

KUHN, T. S. **The Structure of Scientific Revolutions**. 2nd. ed., enlarged. Chicago and London, University of Chicago Press, 1970.

⁽²⁸⁾ *sf (gr epistême+logo2+ia1) Filos Teoria ou ciência da origem, natureza e limites do conhecimento.*
Espiritismo Científico - 39

LAKATOS, I. **Falsification and the methodology of scientific research programmes**. In: Lakatos & Musgrave 1970, pp. 91-195.

LAKATOS, I. & MUSGRAVE, A. (eds.) **Criticism and the Growth of Knowledge**. Cambridge, Cambridge University Press, 1970.

POPPER, K. R. **The Logic of Scientific Discovery**. 2nd. ed., revised. London, Hutchinson, 1968.

**This page is hosted by Geocities. Get your free homepage and e-mail in <http://www.geocities.com>
(Artigo publicado em Reformador de agosto de 1987, pp. 240-43 e 253-55.)**

AS PAIXÕES:

UMA BREVE ANÁLISE FILOSÓFICA E ESPÍRITA ⁽²⁹⁾

SILVIO SENO CHIBENI

Resumo:

Neste trabalho desenvolve-se um estudo das paixões da alma com base na seção intitulada "Paixões" do capítulo "Da perfeição moral" de **O Livro dos Espíritos**, bem como em tópicos da obra de René Descartes **As Paixões da Alma**.

1. Introdução

Abrindo a seção sobre as paixões de **O Livro dos Espíritos**, Allan Kardec pergunta: ⁽³⁰⁾

907. Será intrinsecamente mau o princípio originário das paixões, embora esteja na Natureza?

Antes de analisarmos a resposta dos Espíritos, detenhamo-nos um pouco sobre a própria questão.

O primeiro ponto a ser notado é que Kardec indaga acerca do princípio originário das paixões, e não delas próprias, ou seja, procura esclarecimento sobre a origem, a fonte de onde promanam as paixões.

A segunda observação importante é que há, na pergunta, uma afirmação categórica: esse princípio do qual provêm as paixões está na Natureza, isto é, faz parte da ordem natural das coisas.

Ora, o conceito ordinário de paixão, adotado pelo homem comum, traz consigo uma conotação negativa evidente: associa-se paixão a desequilíbrio, tumulto emocional ou desvios patológicos do sentimento, sendo mesmo frequente ouvir-se frases como *'Isto não é amor, é paixão'*, ou *'Fulano está cego de paixão'*.

A questão proposta por Kardec motiva-se exatamente pelo conflito entre essa acepção vulgar do termo 'paixão' e a análise filosófica das paixões (de que trataremos na seção seguinte), que indica serem elas provenientes de causas naturais. Considerando que tudo aquilo que pertence à ordem natural obedece a uma sabedoria e a uma bondade supremas, tendo, em outras palavras, sido instituído por Deus, como poderia essa fonte sábia e boa levar, em última instância, a sentimentos intrinsecamente maus?

Vejam os que respondem os Espíritos:

"Não, a paixão está no excesso de que se acresceu a vontade, visto que o princípio que lhe dá origem foi posto no homem para o bem, tanto que as paixões podem levá-lo à realização de grandes coisas. O abuso que delas se faz é que causa o mal."

A resposta corrobora, portanto, aquilo que está implícito na afirmação de Kardec: o princípio originário das paixões é bom, tendo sido "posto no homem para o bem". O mal que vulgarmente se associa às paixões é o resultado de uma distorção do sentimento original. Do contexto é justo depreender que essa distorção corre por conta do livre arbítrio humano na condução de seus sentimentos, não podendo ser imputada à fonte natural e neutra de onde provêm.

Na questão seguinte, de número 908, Kardec indaga como se pode "determinar o limite onde as paixões deixam de ser boas para se tornarem más", obtendo esta resposta:

"As paixões são como um corcel, que só tem utilidade quando governado e que se torna perigoso desde que passe a governar. Uma paixão se torna perigosa a partir do momento em que deixais de poder governá-la e que dá em resultado um prejuízo qualquer para vós mesmos, ou para outrem."

Vemos, pois, que o limite natural das paixões se estabelece com base em dois critérios:

1. a capacidade de seu controle; e,
2. os males que possam causar a terceiros ou àquele próprio que as vivencia.

2. A natureza das paixões

Inegavelmente, dada a ordinária carga negativa associada ao conceito de paixão, a afirmativa de Kardec e dos Espíritos de que a fonte original das paixões é boa tende a causar estranheza na maioria das pessoas. Por tal motivo julgamos importante fazer uma incursão, ainda que breve e simplificada, nos domínios da filosofia, que tem as paixões como um de seus temas mais discutidos. Os fundamentos dessa afirmativa serão, desse modo, elucidados.

Como ocorre com boa parte dos vocábulos das línguas naturais, a palavra 'paixão' comporta diversos significados. Na acepção popular em nossos dias, ela designa certos sentimentos fortes, exacerbados, tumultuados, que em geral se associam à afeição votada a pessoas e mesmo a coisas e atividades: *'Matou-se por paixão'*, *'É apaixonado por carros'*, *'Tem paixão pelo futebol'*.

⁽²⁹⁾ Gostaria de agradecer a Márcio Corrêa, Cosme Massi e Matthieu Tubino pelos comentários feitos a versões preliminares deste trabalho.

⁽³⁰⁾. Nesta e demais citações do **O Livro dos Espíritos** utilizamos o texto original, aproveitando em grande parte a tradução de Guillon Ribeiro, publicada pela Federação Espírita Brasileira.

Do ponto de vista filosófico, porém, o termo 'paixão' possui significados mais amplos e neutros quanto ao bem e ao mal. Em seu significado etimológico, paixão se contrapõe a ação. Isso fica mais claro nas línguas inglesa e francesa, em que esses vocábulos, *passion* e *action*, estão mais próximos de sua origem latina. Ação atuar, agir; paixão sofrer a ação, recebê-la passivamente.

Nesse sentido básico, e hoje em dia em desuso, poder-se-ia dizer que ação e paixão são como as faces de uma mesma moeda. Sempre que algo age, alguma outra coisa sofre paixão. Eu bato na mesa ação; a mesa recebe a pancada paixão. O mesmo fenômeno que para mim é ação, para a mesa é paixão.

Aqui estamos interessados não em coisas em geral, mas no ser humano, que pode, ele também, agir e sofrer paixão. Nesse caso, porém, o conceito de paixão se tornará mais específico, como veremos.

Na visão de homem estabelecida pelo Espiritismo, ele é um ser dual, composto de corpo (matéria) e alma (espírito). Embora remonte à Antigüidade, essa visão dualista tornou-se proeminente na filosofia a partir da contribuição de René Descartes (1596-1650). Um dos maiores filósofos e cientistas de todos os tempos, Descartes foi o principal responsável pela inauguração da filosofia moderna, renovando amplamente as teorias e conceitos filosóficos anteriores. Esteve ainda entre os criadores da ciência moderna, ao lado de Galileu e Newton, Boyle e Huygens, entre outros.

Em sua doutrina, o sábio francês dissociou da alma a função de mantenedora da vida orgânica, tomando-a unicamente como o ser pensante, independente da matéria. Uma análise cuidadosa revela muitos pontos comuns entre as visões espírita e cartesiana do homem. Não podemos adentrar esse vasto e difícil assunto neste pequeno texto. Iremos apenas destacar alguns elementos mais diretamente ligados à questão das paixões. O último livro de Descartes publicado durante sua vida trata especificamente das paixões, intitulado-se justamente **As Paixões da Alma (Les Passions de l'Âme, 1649)**. Essa obra exerceu grande influência no futuro das discussões filosóficas acerca das paixões, só sendo rivalizado, no século seguinte, pelas obras do grande filósofo escocês David Hume (1711-1776), escritas dentro de perspectiva filosófica bastante diversa.

Dadas as grandes transformações por que passou a física em nosso século, não é possível expressar em linguagem ordinária como a ciência contemporânea caracteriza a matéria. Na concepção cartesiana, que prevaleceu e influenciou profundamente toda a ciência por quase trezentos anos, matéria é a substância extensa, com forma e movimento, que preenche todo o universo e atua exclusivamente por forças mecânicas de contato. No nível dos objetos com que lidamos enquanto homens comuns, podemos pensar na matéria aproximadamente ao longo dessas linhas, mas apenas para fixar idéias, conscientes de que essas noções não mais bastam às novas teorias físicas.

Quanto ao espírito, para Descartes ele era, como já indicamos, a substância pensante, a sede do pensamento, da vontade e dos sentimentos. Ao contrário de sua concepção de matéria, essa idéia de espírito mostra-se perfeitamente adaptável ao que conhecemos hoje, não mais pelas ciências acadêmicas, que por sua natureza não se ocupam com isso, mas pela ciência espírita, inaugurada por Allan Kardec. ⁽³¹⁾

Podemos, para os nossos propósitos aqui, considerar a alma ou espírito como tendo três "faculdades" (termo de Descartes):

1. **vontade;**
2. **pensamento;**
3. **percepção.**

A vontade se exerce quando a alma quer algo; o pensamento, quando ela raciocina, duvida, compara, abstrai etc. Pensamento e vontade assim definidos são, por assim dizer, as "dimensões" ativas da alma. A percepção seria, por outro lado, sua dimensão passiva. Isso fica mais claro quando enumeramos as formas gerais dessa percepção:

- a) **sensações dos corpos (formas, solidez, cores, sons etc.);**
- b) **percepções das operações da própria alma (percepção de que está raciocinando, duvidando, querendo, imaginando, sentindo etc.); e**
- c) **sentimentos (amor, ódio, tristeza, alegria etc.)**

Em um sentido filosófico um pouco mais específico do que aquele já apontado, ligado à etimologia do termo 'paixão', todos esses três tipos de percepção poderiam ser ditos (e o são por Descartes) paixões da alma, porque ao contrário dos atos volitivos e intelectuais, acontecem passivamente à alma quando ela se encontra em determinadas situações. Quando o corpo a que está associada tem seus sentidos despertados e em bom funcionamento, postos em contato com uma vela acesa, por exemplo, a alma sentirá, quer queira, quer não, uma certa forma, uma certa luz, uma certo calor (sensações). Quando a alma se auto-examina, ou, em linguagem filosófica, reflete, introspecta, não pode deixar de perceber que está raciocinando, ou duvidando, ou querendo algo, se de fato estiver (percepções das operações da alma). Por fim, diante de um gesto amigo ou de um carinho, sentirá a alma o amor; diante de uma ofensa, poderá sentir ódio ou mágoa; recebendo uma boa notícia, perceberá sua alegria, e assim por diante (sentimentos).

Chegamos, finalmente, ao ponto pretendido. Em seu sentido filosófico mais estrito a palavra 'paixão' denota exatamente esta última modalidade de percepções da alma: sentimentos como o amor e o ódio, a alegria e a tristeza, a admiração e o desejo.

⁽³¹⁾ Sobre a ciência espírita, ver nossos artigos "O paradigma espírita" e "A excelência metodológica do Espiritismo", bem como as referências neles contidas.

Descartes considerava que as seis paixões que acabamos de enumerar eram básicas, enquanto que as demais, tais como o orgulho e a humildade, a veneração e o desdém, a esperança e o desespero, o medo e a coragem, a vergonha e a cólera, o remorso e a piedade seriam derivadas das paixões fundamentais por combinações e variações.

Não haveria espaço para explicar ou reproduzir aqui a complexa teoria cartesiana das paixões. Tampouco nos deteremos sobre a interessante análise que faz de cada paixão em particular, análise que ocupa boa parte do livro *As Paixões da Alma*. Ressaltaremos, entretanto, alguns pontos que podem contribuir para a nossa compreensão da natureza desses sentimentos.

No referido livro, assim como em outras obras, Descartes elabora detalhada teoria fisiológica que, embora hoje em dia possa parecer tosca e quimérica em muitos aspectos, representou um trabalho pioneiro, exercendo significativa influência no posterior desenvolvimento da ciência biológica.

A teoria cartesiana descrevia o corpo humano, como, aliás, todo universo material, em termos de um conjunto incrivelmente complexo de corpúsculos que agem sob leis mecânicas, leis que o próprio Descartes havia deduzido de pressupostos racionalistas na obra *Os Princípios da Filosofia*, de 1644. Ele foi um dos primeiros cientistas a reconhecer a teoria da circulação do sangue, proposta por William Harvey no início do século XVII. Descartes mantinha (de forma não totalmente original) que no sangue havia certos corpúsculos materiais extremamente pequenos e móveis, chamados espíritos animais. Não obstante o nome, não se tratava de modo algum de espíritos no sentido de seres inteligentes, mas de matéria pura e simples. Essas partículas diminutas eram como que "filtradas" nos "poros" do cérebro, passando a percorrer os nervos. O fluxo dos espíritos animais no sistema nervoso é a chave para explicar, na teoria cartesiana, fenômenos fisiológicos e psico-fisiológicos fundamentais, como o funcionamento dos sentidos, as motricidades voluntária e involuntária, e as próprias paixões da alma. Embora as paixões sejam percepções da alma, tinham, segundo essa teoria, uma contraparte fisiológica essencial. Infelizmente não poderemos fornecer detalhes aqui.

Abrimos um parêntese para mencionar um aspecto da teoria psico-fisiológica de Descartes que chama a atenção de pesquisadores espíritas: o papel central atribuído à glândula pineal, ou epífise, situada na base do cérebro. Até bem recentemente, a ciência acadêmica considerava que essa glândula não exercia nenhuma função relevante no homem adulto, julgando, pois, errônea a teoria de Descartes. No entanto, descobertas recentes vêm levando uma revisão dessa posição; a pineal parece ter determinante influência no controle de outras glândulas importantes, e portanto em toda a economia orgânica. Décadas antes que se começasse a perceber isso nos círculos oficiais, o cientista espírita desencarnado André Luiz recuperou e desenvolveu os elementos aproveitáveis da teoria cartesiana. Ambos, Descartes e André Luiz, atribuem à pineal o papel mais importante na ligação alma-corpo; seria, nas palavras do primeiro deles, como que a "**principal sede da alma**", o lugar do mundo orgânico onde a alma "**exerce imediatamente suas funções**" (*As Paixões da Alma*, § 32).

Voltando à análise do conceito restrito de paixão, enfatizemos que ele preserva o elemento essencial da noção abrangente: a passividade. Amor, ódio, alegria, tristeza e demais paixões são algo que "**se apodera**" de nós de forma involuntária: pelo menos na sua gênese imediata não temos nenhuma participação voluntária. Embora Descartes não se tenha servido desta expressão, poderíamos dizer, simplificada, que para ele as paixões eram o resultado de uma espécie de automatismo psico-fisiológico. Na esfera fisiológica, esse automatismo envolvia, de forma essencial, o fluxo dos espíritos animais e sua interação com a pineal; na mente, manifestava-se como as percepções de amor, ódio etc., que cada homem sabe o que são por experiência direta.

Desnecessário notar que a ciência contemporânea não mais utiliza a noção de espíritos animais. No entanto, temos aqui mais um caso típico da história da ciência em que, embora rejeitados pela evolução da ciência, conceitos e teorias do passado aparecem ainda, embora bastante modificados, refinados e complementados, nas teorias mais recentes. A idéia geral de que algo percorre os nervos, trazendo as informações sensoriais para o encéfalo e conduzindo para os órgãos motores os impulsos nele originados mostrou-se fecunda e sustentável, estando presente na teorias científicas contemporâneas, que descrevem esse algo em termos de correntes elétricas.

Também a associação das paixões a um certo automatismo pode ser mantida até hoje. Estendendo de maneira profunda e segura a investigação do ser humano, o Espiritismo modificou e complementou a descrição desse automatismo, que deixa de estar centrado na estrutura fisiológica, residindo antes no próprio espírito, em sua existência que antecede e sucede à do corpo denso, com possíveis influências também do seu envoltório perispiritual. Assim é que se constata por observação direta que os Espíritos desencarnados continuam tendo sentimentos aparentemente semelhantes às nossas paixões. Isso indica que a causa imediata das paixões não se pode reduzir a processos referentes ao corpo denso, como achava Descartes. O fato de que diante de determinados estímulos externos ou internos a alma é automaticamente objeto daqueles sentimentos que chamamos paixões deve-se a uma faculdade inerente à própria alma, que tem uma razão de ser providencial, conforme vimos na introdução deste trabalho. (Retomaremos esse tópico mais adiante.)

Detenhamo-nos agora sobre as causas mediatas ou primeiras das paixões. Estas eram por Descartes classificadas em três grupos (*As Paixões da Alma*, § 51):

i) os objetos dos sentidos: alguém escuta uma boa notícia e sente alegria; vê uma criança sendo maltratada e sente indignação ou cólera; cheira fumaça e sente medo de incêndio;

ii) as ações da alma: alguém pensa em suas qualidades e sente orgulho ou humildade; duvida da sinceridade de um amigo e sente tristeza; imagina os efeitos de uma tragédia e sente pena dos envolvidos;

iii) o "temperamento do corpo" e as "impressões que se encontram fortuitamente no cérebro". São desse tipo, por exemplo, as paixões que temos "quando nos sentimos tristes ou alegres sem que possamos dizer o motivo".

Este último item enseja aos pesquisadores espíritas outra oportunidade de complementar o que afirmou Descartes. Pelas investigações científicas dos fenômenos espíritas, conhecemos inúmeros fatos e leis da realidade espiritual que o filósofo aparentemente ignorava. É indubitável que alterações diversas do corpo, especialmente do sistema nervoso, podem de fato fazer surgir sentimentos ou paixões na alma. No entanto, sabemos que em muitas ocasiões em que não encontramos sua causa última naquilo que explicitamente observamos, quer no mundo exterior e em nossos corpos, quer em nossa alma, podem dever-se a fatores espirituais, tais como as vivências no mundo espiritual durante o sono, as influências obsessivas e telepáticas de um modo geral, ou a emersão parcial de nosso pretérito remoto.

3. O controle das paixões

Chegamos agora a um ponto saliente do estudo das paixões, enfatizado na seção de **O Livro dos Espíritos** que estamos analisando, e que recebeu também grande atenção da parte de Descartes: a questão de seu controle, domínio ou governo. Dada a própria conceituação de paixão, ou seja, de algo que acontece involuntariamente em nossa alma, uma impressão preliminar poderia ser a de que as paixões escapam, por sua própria natureza, a toda possibilidade de controle voluntário. No entanto, o assunto é complexo, e exige exame mais detido. Começemos transcrevendo o item 909 de **O Livro dos Espíritos**:

909. Poderia sempre o homem, pelos seus esforços, vencer as suas más inclinações?

"Sim, e, por vezes, fazendo esforços pequenos. O que lhe falta é a vontade. Ah! quão poucos dentre vós fazem esforços!"

Embora não se fale aqui explicitamente em paixões, está claro a partir do contexto que as referidas "más inclinações" estão associadas ao desvirtuamento dos sentimentos naturais que estão na origem das paixões. Temos, por exemplo, uma tendência que parece natural, maior ou menor conforme a pessoa, de sentir orgulho quando nos elogiam, mágoa quando nos ofendem, inveja quando vemos alguém possuir aquilo que queríamos para nós próprios. Nos itens 910 e 911 a referência às paixões se torna explícita. No primeiro deles assevera-se que os bons Espíritos podem nos auxiliar a vencer as más paixões, pois que "é essa a missão deles." O segundo vai agora transcrito em sua íntegra:

911. Não haverá paixões tão vivas e irresistíveis, que a vontade seja impotente para dominá-las?

"Há muitas pessoas que dizem: Quero, mas a vontade só lhes está nos lábios. Querem, porém muito satisfeitas ficam que não seja como "querem". Quando o homem crê que não pode vencer as suas paixões, é que seu Espírito se compraz nelas, em conseqüência de sua inferioridade. Compreende a sua natureza espiritual aquele que as procura reprimir. Vencê-las é, para ele, uma vitória do Espírito sobre a matéria."

Repare-se que nessas passagens o conceito de paixão está sendo restringido ao seu uso mais ordinário, de algo com conotação negativa, que requer controle ou superação. Isso não implica que devamos dissociá-lo de sua significação filosófica original, esboçada na seção precedente. Tudo o que nela foi visto aplica-se também aqui, onde se trata de paixões particulares, aquelas que redundam em um mal qualquer para algo ou alguém.

Feitas essas ressalvas, retomemos o cerne desses três quesitos de **O Livro dos Espíritos**. Neles se afirma resolutamente que as paixões negativas podem ser controladas pela vontade. Como fica então a conclusão a que havíamos chegado pela análise filosófica de que as paixões são aparentemente incontroláveis?

Veremos agora que esse é um conflito apenas aparente, que se dissolve diante de um exame mais acurado. Descartes empreendeu ele próprio esse exame, e podemos aproveitá-lo quase que integralmente aqui, com as necessárias simplificações. Esses estudos de grande beleza e profundidade encontram-se principalmente nos parágrafos 44 a 50, e 137 a 148 de **As Paixões da Alma**.

Iniciemos pelo parágrafo 46. Quando sofremos uma paixão qualquer, embora seu afloramento seja espontâneo, involuntário, dado o automatismo que opera em nós, podemos, por nossa vontade, não consentir em seus efeitos e reter muitos dos movimentos aos quais ela dispõe o corpo. Por exemplo, se a cólera faz levantar a mão para bater, a vontade pode comumente retê-la; se o medo incita as pernas a fugir, a vontade pode detê-las, e assim por diante. ⁽³²⁾

Eis, portanto, uma constatação simples, porém altamente relevante para o controle das paixões: sustar os seus efeitos maléficis sobre as coisas e pessoas. Isso está em nosso poder, desde que tenhamos vontade firme e discernimento moral para reconhecer quais os efeitos bons e quais os ruins. (Abordaremos o assunto do senso moral na próxima seção.)

No entanto, ainda que exercida eficazmente essa limitação das manifestações externas das más paixões resta o fato de que elas continuam existindo enquanto fenômenos de nosso mundo íntimo, ou seja, os sentimentos continuam presentes em nossa alma, prejudicando-nos a paz interior. O que fazer agora?

⁽³²⁾ Nesta e demais citações desse livro utilizamos o original francês, aproveitando, quando possível, a tradução brasileira indicada na lista bibliográfica.

Descartes enfatiza que a vontade não tem o poder de excitar ou suprimir diretamente as paixões (§ 45). Um pouco de reflexão leva-nos a concordar com ele. Bastará ao orgulhoso simplesmente querer ser humilde? De alguma coisa adiantará ao que está triste dizer para si próprio: 'Ficarei alegre agora'? Vencerá alguém a mágoa simplesmente desejando alijar-se dela? Parece que não; falta algo além da vontade.

O que seria esse algo não se explicita na seção em exame de **O Livro dos Espíritos**. A resposta está implícita no conjunto da obra e suas complementações. Um dos méritos do texto de Descartes é justamente o de focar o problema de forma quase explícita. (Dissemos quase porque o que exporemos a seguir é fruto de uma elaboração de várias observações e asserções de Descartes).

O filósofo francês afirma, notemos bem, que não temos controle direto sobre as paixões. Isso não significa que não possamos controlá-las indiretamente, mediante certos artifícios. Consideremos uma útil analogia de que Descartes lança mão no parágrafo 44. Constitui fato patente que há certos movimentos corporais sobre os quais a vontade é incapaz de atuar diretamente, como a abertura ou fechamento das pupilas: ninguém as abre ou fecha voluntariamente. No entanto, podemos facilmente fazê-las se fechar ou abrir indiretamente, voltando nossos olhos para uma região mais clara ou outra mais escura. Sobre os movimentos dos olhos, pálpebras e face temos pleno controle e, explorando o automatismo fisiológico, logramos controlar a abertura das pupilas de forma indireta. As paixões, diz Descartes (§ 45), podem, de forma análoga, ser excitadas ou suprimidas indiretamente pela representação das coisas que costumam estar unidas às paixões que queremos ter, e que são contrárias às que queremos rejeitar. Assim, para excitarmos em nós a coragem e suprimirmos o medo, não basta ter a vontade de fazê-lo, mas é preciso aplicar-nos a considerar as razões, os objetos ou os exemplos que persuadem de que o perigo não é grande; de que há sempre mais segurança na defesa do que na fuga; de que teremos a glória e a alegria de haveremos vencido, ao passo que não poderemos esperar da fuga senão o pesar e a vergonha de termos fugido, e coisas semelhantes.

Como no caso da abertura das pupilas, podemos estudar o automatismo das paixões e colocá-lo a nosso serviço. O exemplo dado por Descartes refere-se à paixão do medo. Tentemos ver como seria no caso da mágoa. Diante de uma ofensa, pode acontecer de ficarmos magoados, quer queiramos ou não. Reconhecendo porém os malefícios desse sentimento, aplicamo-nos em combatê-lo. Para tanto, temos que nos "**representar**" coisas que sabemos estar unidas ao perdão e que são contrárias à mágoa. Podemos, por exemplo, ponderar que o ofensor é uma pessoa infeliz; que não teve ainda a glória de ascender a um patamar comportamental melhor; que pode ter agido sob o peso de problemas que desconhecemos; que pode não ter encontrado na infância pais devotados e bons que lhe ensinassem a virtude por palavras e atos; que ele colherá frutos amargos de sua ação; que, de nosso lado, havemos de possuir em nosso passado fatores que determinaram a necessidade ou conveniência de enfrentarmos semelhante provação. Examinando as obras espíritas voltadas à orientação moral, é fácil encontrar muitas considerações desse teor. Os bons autores espíritas sabem que a melhoria moral da criatura não é uma questão de prescrições, de proibições, mas de esclarecimento e de substituição de hábitos.

Falamos em hábitos e isso nos conduz a outro tópico da análise cartesiana. Quando recorremos à noção de automatismo para explicar o mecanismo das paixões devemos esclarecer mais sua natureza, se é permanente e inalterável ou não. Pois bem: Descartes sustentava que esse automatismo das paixões (embora, repitamos, não tenha usado essa expressão) podia ser alterado. Essa possibilidade era por ele entendida em termos das associações de pensamentos e movimentos corporais com os fluxos dos espíritos animais. Ele assumia que a Natureza determinava essas associações, mas que podíamos até certo ponto alterá-las "**por hábito**" (§ 50). Lembra, por comparação, que mesmo os animais podem ter suas reações naturais parcialmente alteradas por condicionamento (como diríamos hoje). O cão, que por uma disposição natural é levado a correr na direção da perdiz para apanhá-la, pode ser treinado para deter-se quando a vê, esperando pelo caçador. E conclui (§ 50):

Ora, essas coisas são úteis de saber para nos encorajar a aprender a regrear nossas paixões. Pois dado que se pode, com um pouco de engenho, mudar os movimentos do cérebro nos animais desprovidos de razão, é evidente que se pode fazê-lo melhor ainda nos homens, e que mesmo aqueles que possuem as almas mais fracas poderiam adquirir um império bem absoluto sobre todas as suas paixões, se empregassem bastante engenho em domá-las e conduzi-las.

Deve estar claro que o "**engenho**" ou habilidade a que se refere Descartes é precisamente a aludida técnica de a alma "**representar**" para si as coisas que tendam a diminuir as paixões que quer combater e a incrementar as que lhes são contrárias. Desse modo, novas associações mentais se estabelecem (para ele seriam associações psicofisiológicas), e as más paixões se vão amainando, até voltarem à sua condição natural e primitiva, incapaz de produzir males. A cólera, por exemplo, iria se transmudando em mágoa, e esta depois se reduziria à mera desaprovação, ao mero desagrado, natural e decorrente do próprio senso moral, de que não se pode nem deve abdicar.

4. As paixões e a moral

Até aqui tentamos analisar as paixões dos pontos de vista fisiológico, psicológico e anímico. Utilizamos as noções de paixões boas e más, de efeitos bons e maus, de malefícios e benefícios sem questionar a distinção do bem e do mal. É evidente que para aplicarmos-nos ao controle de nossas paixões é preciso antes saber distinguir o bem do

mal. Isso cabe à área da filosofia denominada moral ou ética. Descartes e a maior parte dos grandes filósofos atribuíram grande importância ao estudo da moral, procurando determinar o critério do bem e do mal e os fundamentos nos quais se apóie. Não podemos adentrar esse assunto aqui. Iremos nos ater unicamente a alguns aspectos das relações entre as paixões e a moral, tratados em *As Paixões da Alma*.

No parágrafo 47, Descartes fornece uma explicação para o fenômeno psicológico do conflito entre aquilo que a alma quer e o que sente como paixão. ⁽³³⁾ Não se trata, diz Descartes, de um combate entre a "parte inferior" e a "parte superior" da alma, conforme se costuma imaginar. A alma é una, não se concebe que tenha partes. A explicação do fato liga-se àquilo que, em adaptação da terminologia cartesiana, vimos denominando automatismo das paixões. Não descenderemos aos detalhes dessa complexa explicação. Notemos apenas que é fácil entender o referido conflito quando se nota que a alma responde às situações, no nível das paixões, segundo reflexos parcialmente incondicionados e parcialmente condicionados, conforme vimos anteriormente. No plano intelectual e moral, porém, essas mesmas situações passam por exames via de regra conscientes e deliberados, podendo daí resultar serem apreendidas de modo diverso. Quando tratamos do controle das paixões estava implícito esse descompasso entre senso moral e paixões, pois o controle só é percebido como necessário quando as paixões não se harmonizam com aquilo que se julga ser correto ou bom.

O parágrafo 48 aborda a questão do esforço que a alma faz para superar esse conflito íntimo. Inspecionemos na íntegra esse interessante parágrafo (os destaques são nossos):

Ora, é pelo desfecho desses combates que cada qual pode conhecer a força ou a fraqueza de sua alma. Pois aqueles cuja vontade pode, naturalmente, com maior facilidade, vencer as paixões e sustar os movimentos do corpo que os acompanham têm, sem dúvida, as almas mais fortes. Há, porém, os que não podem comprovar a própria força porque nunca levam a combate sua vontade juntamente com suas próprias armas, mas apenas com as que lhes fornecem algumas paixões para resistir a algumas outras. O que denomino próprias armas da vontade são os juízos firmes e determinados sobre o conhecimento do bem e do mal, consoante os quais ela resolveu conduzir as ações de sua vida. E as almas mais fracas são aquelas cuja vontade não se decide assim a seguir certos juízos, deixando-se arrastar continuamente pelas paixões presentes, que, sendo muitas vezes contrárias umas às outras, puxam-na sucessivamente cada uma para o seu lado e, fazendo-a combater contra si mesma, colocam-na no estado mais deplorável possível. Assim, por exemplo, quando o medo representa a morte como um extremo mal, que só pode ser evitado pela fuga [do perigo], e a ambição, de outro lado, representa a infâmia dessa fuga como um mal pior que a morte, essas duas paixões agitam diversamente a vontade, que, obedecendo ora a uma, ora a outra, se opõe continuamente a si própria, tornando assim a alma escrava e infeliz.

A "força" da alma é definida com referência à sua vontade. As pessoas de vontade fraca deixam-se simplesmente levar pelas paixões, tão amiúde contrárias umas às outras, do que resulta o mais deplorável estado de alma. No entanto, só a vontade forte não basta; é necessária a utilização das "armas" da vontade, que são "juízos firmes e determinados sobre o conhecimento do bem e do mal". Ou seja, a alma precisa saber distinguir de forma segura o bem do mal. Tem de possuir critérios morais sólidos, caso contrário poderá aplicar sua vontade sobre alvos errados, dando combate a paixões boas ou cultivando paixões más, como acontece, por exemplo, com quem alega que a humildade não se coaduna com a dignidade humana, ou que o ciúme é necessário ao amor.

No parágrafo seguinte (49), Descartes observa que "há pouquíssimos homens tão fracos e irresolutos que nada queiram senão o que suas paixões lhes ditam". Isso, porém, não é tudo:

Há, entretanto, grande diferença entre as resoluções que procedem de alguma falsa opinião e as que se apóiam tão-somente no conhecimento da verdade, visto que se seguirmos estas últimas estaremos certos de não ter jamais do que nos lamentar nem arrepender, ao passo que o teremos sempre, se seguirmos as primeiras, quando lhes descobriremos o erro.

O conhecimento moral é, pois, de capital importância para que a alma alcance o equilíbrio interior, pela indispensável iluminação do processo de controle das paixões. E nesse particular o Espiritismo tem contribuições de alta relevância para fazer. De modo pioneiro na história do pensamento, forneceu à moral um embasamento seguro e objetivo, a partir da análise racional dos fatos da vida humana, vistos de uma perspectiva muito ampliada e detalhada com relação àquelas do materialismo ou das religiões dogmáticas. À luz do conhecimento espírita, o critério do bem e do mal, do certo e do errado, dos deveres e direitos, não é mais uma questão de gosto, de prescrições, de cultura ou de época, nem se funda "em algumas paixões pelas quais a vontade se deixou anteriormente vencer ou seduzir" (ibid., § 49). Resulta, antes, do exame objetivo das conseqüências de nossas ações, com vistas à aproximação gradual da felicidade. ⁽³⁴⁾

Para exemplificar o raciocínio, consideremos as paixões do amor e do ódio, da humildade e do orgulho, da piedade e da dureza, da esperança e do desespero, da coragem e do medo. Se perguntarmos quais delas devem ser cultivadas e quais reprimidas, a resposta pressuporá um certo critério moral. Evidentemente existe na humanidade terrena,

⁽³³⁾ Essa tensão já havia, aliás, sido comentada, em termos diversos, por Paulo no capítulo 7 da Epístola aos Romanos.

⁽³⁴⁾ Para uma análise sucinta desse ponto ver nosso artigo "Os fundamentos da ética espírita".

em seu presente estado evolutivo, uma multiplicidade de critérios morais, capazes de levar a diferentes classificações das paixões enumeradas. Há quem julgue, por exemplo, que a humildade rebaixa a criatura; que a piedade é apanágio das almas frágeis; que a desesperança é a postura correta diante da triste situação do mundo e da natureza humana...

Com sua ética objetiva, o Espiritismo pode pôr termo a tais disparidades de opinião, indicando claramente quais as paixões e atitudes que melhor conduzem o homem à almejada felicidade, concebida em termos amplos e perenes. Na lista que demos, por exemplo, são as primeiras paixões de cada par, nunca as segundas, aquelas que devemos permitir que vicejem em nossas almas.

Ao mesmo tempo em que nos esclarece acerca do bem e do mal, o Espiritismo fornece os meios para podermos executar o controle das "más inclinações", ao longo das linhas sugeridas por Descartes. Na seção anterior, exemplificamos esse processo no caso da mágoa. Procedendo de modo semelhante com as demais paixões, elas serão reconduzidas ao seu estado de pureza original, conforme se expressa nas questões 907 e 908 de O Livro dos Espíritos. Nos judiciosos comentários que as seguem, Kardec afirma que as paixões "são alavancas que decuplicam as forças do homem e o auxiliam na execução dos desígnios da Providência". A finalidade boa das paixões é destacada em termos equivalentes por Descartes no parágrafo 52 de As Paixões da Alma: "o emprego de todas as paixões consiste apenas no fato de disporem a alma a querer coisas que a Natureza dita serem úteis a nós, e a persistir nessa vontade, assim como a mesma agitação dos espíritos [animais] que costuma causá-las dispõe o corpo aos movimentos que servem à execução dessas coisas". (Ver também os parágrafos 137 e 138.)

Detenhamo-nos ainda um pouco sobre esse tópico. À primeira vista, é fácil reconhecer que o amor, a coragem e alegria, por exemplo, provêm de princípios bons e concorrem para o nosso bem. No entanto, mesmo essas paixões boas podem ser mal conduzidas e desvirtuadas, levando, respectivamente, ao ciúme, à temeridade e ao estouvamento.

Por outro lado, não é imediata a identificação de origens boas e providenciais das quais paixões como a cólera ou o orgulho possam provir. Descartes, Kardec e os Espíritos que com ele colaboraram nos asseguram que os há, todavia. Ensaaiemos uma busca.

A cólera é o sentimento violento de desagrado e revolta que costuma surgir de ofensas físicas ou morais graves, não raro desaguando em ações retaliatórias variadas. Examinando o caso, percebemos que a face moralmente insustentável da cólera é a vingança, bem como o tumulto interior a que arroja. Entretanto, em suas origens podemos localizar algo bom: a desaprovação da agressão. Ora, tal desaprovação deflui naturalmente do senso moral, da faculdade de discernir o certo do errado, de que não podemos abdicar sem retroceder ao estágio da animalidade. O perdão que a ética espírita e cristã recomenda de modo algum significa a aprovação moral das ofensas.

O orgulho, por sua vez, é o sentimento de superioridade em relação aos semelhantes, capaz de induzir-nos a desprezá-los e até mesmo a subjugá-los, quando temos poder para tanto. Embora patentemente injustificável frente ao conhecimento espírita, remontando aos seus princípios talvez possamos identificar algo como a confiança nas próprias potencialidades. Sentimento benéfico, essa auto-confiança é indispensável para que não nos amolentemos, não descreiamos de nosso aprimoramento físico, intelectual, artístico e moral. É somente quando, por excesso, ultrapassa seus limites naturais, que ela se transmuda em orgulho pernicioso.

5. Na direção do Infinito

Não poderíamos concluir este pequeno trabalho sem mencionar que no final da terceira parte de seu livro Descartes apresenta brevemente um outro aspecto das percepções da alma, complementar ao das paixões, tais quais as entendia. Vimos que para ele estas últimas tinham sempre uma "contraparte" orgânica. Sugerimos, por nossa vez, que esse aspecto talvez não seja central nas paixões, que parecem antes ser inerentes à própria alma.

De qualquer modo, dentro do referencial que elaborou, Descartes também notou que há percepções da alma que radicam nela própria, ou, em suas palavras, "emoções interiores que são excitadas na alma apenas pela própria alma" (§ 147; grifamos). Um dos exemplos que dá é a "alegria intelectual" que sentimos quando lemos um romance ou assistimos a uma peça teatral em que as situações excitam em nós diversas paixões, como a alegria, a tristeza, o ódio, o amor, trazendo-nos todas uma espécie de prazer de ordem superior.

Vejamos estas belas passagens do parágrafo 148, em que Descartes desenvolve o tema:

Ora, visto que essas emoções interiores nos tocam mais de perto e têm, por conseguinte, muito mais poder sobre nós do que as paixões que se encontram com elas, e das quais diferem, é certo que, contanto que a alma tenha sempre do que se contentar em seu íntimo, todas as perturbações que vêm de outras partes não dispõem de poder algum para prejudicá-la. Servem, antes, para lhe aumentar a alegria, pelo fato de, vendo que não pode ser por elas ofendido, conhecer com isso a sua própria perfeição. E, para que a nossa alma tenha assim do que estar contente, precisa apenas seguir estritamente a virtude. Pois quem quer que haja vivido de tal maneira que sua consciência não possa censurá-lo de alguma vez ter deixado de fazer todas as coisas que julgou serem as melhores (que é o que chamo aqui seguir a virtude), recebe daí uma satisfação tão poderosa para torná-lo feliz que os mais violentos esforços da paixão nunca têm poder suficiente para perturbar a tranqüilidade de sua alma.

Descartes aponta, assim, uma espécie de sublimação dos sentimentos, na direção da alegria perene e sem mácula que resulta tão-somente da prática da virtude. Essa a alegria que viveremos um dia, quando, pelos nossos esforços, lograrmos alcançar a excelsa condição de Espíritos puros.

Referências

CHIBENI, S.S. "Os fundamentos da ética espírita", **Reformador**, junho de 1985, pp. 166-9. "A excelência metodológica do Espiritismo", **Reformador**, novembro de 1988, pp. 328-33, e dezembro de 1988, pp. 373-78. "O paradigma espírita", **Reformador**, junho de 1994, pp. 176-80.

DESCARTES, R. **Les Passions de l'Âme**. In: Adam, C. e Tannery, P. (eds.) Oeuvres de Descartes. Tomo XI, pp. 291-497. Paris, Vrin, 1967. (**As Paixões da Alma**. Trad. J. Guinsburg e Bento Prado Jr. In: Descartes - Obra Escolhida, pp. 295-404. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1973.)

KARDEC, A. **Le Livre des Esprits**. Paris, Dervy-Livres, s.d. (dépôt légal 1985). (**O Livro dos Espíritos**. Trad. Guillon Ribeiro, 64a ed., Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, s.d.)

This page is hosted by Geocities. Get your free homepage and e-mail at <http://www.geocities.com>
Artigo publicado em Reformador de junho de 1997, pp. 176-180.

A CONCEPÇÃO ESPÍRITA DE FATALIDADE

SILVIO E SILVIA SENO CHIBENI

1. Introdução ⁽³⁵⁾

No capítulo "Da lei de liberdade" de **O Livro dos Espíritos** Allan Kardec analisou com lucidez diversas questões relativas à fatalidade, dedicando-lhes uma seção inteira. Neste artigo pretendemos expor brevemente a concepção espírita de fatalidade, estabelecida naquela seção e em obras complementares.

Ao iniciar qualquer estudo, é sempre conveniente ter clareza quanto ao significado preciso dos termos envolvidos. Consultando o dicionário, verificamos que fatalidade é a marca do que é fatal, a força que predispõe irrevogavelmente os acontecimentos, o destino. Fatal é aquilo que é certo, prescrito pelo destino, irrevogável, que necessariamente acontecerá, inevitável, decisivo, inadiável, funesto, nefasto.

As duas últimas acepções do adjetivo fatal indicam algo de caráter negativo. Na concepção vulgar, esse aspecto mistura-se às primeiras acepções, resultando daí a idéia de que a fatalidade é a ocorrência inevitável de alguma coisa ruim. Essa associação da predeterminação com algo trágico, nefasto, porém, não é necessária. Em um sentido geral, a noção de fatalidade é neutra quanto à natureza boa ou má dos acontecimentos. Ao inspecionarmos a seção sobre a fatalidade de **O Livro dos Espíritos** verificamos facilmente que é esta noção geral, neutra, que está sendo ali estudada; é, portanto, a que nos interessará neste trabalho também.

Como o próprio termo indica, dizer que um fato está predeterminado é afirmar que sua ocorrência é determinada de maneira certa pelo estado de coisas que a antecede. A noção de predeterminação pressupõe a existência de uma como que "amarração" entre os acontecimentos: uns levariam a outros infalivelmente.

Quando consideramos os acontecimentos do mundo de um modo geral, são concebíveis três possibilidades:

1. **todos estariam predeterminados (determinismo);**
2. **nenhum estaria predeterminado (aleatoriedade); e,**
3. **apenas alguns estariam predeterminados. Conforme veremos, é esta última posição, intermediária entre os dois extremos, que é aceita pela ciência contemporânea e pelo Espiritismo.**

Ao formular a pergunta 851 de **O Livro dos Espíritos**, que abre a seção sobre a fatalidade, Kardec esclarece que entende a fatalidade como a predeterminação completa dos acontecimentos. Ao longo da seção, são expostos os motivos pelos quais não pode existir a fatalidade nesse sentido extremo, de uma predeterminação de tudo quanto ocorre. São também indicadas as circunstâncias especiais em que pode haver um certo tipo de predeterminação dos acontecimentos. A compreensão satisfatória desses pontos requer a análise de vários conceitos filosóficos, como o de determinismo, o de livre-arbítrio, o de causalidade etc. É o que procuraremos fazer a seguir, de forma bastante simplificada.

2. Determinismo e livre-arbítrio

A tese filosófica do determinismo, discutida há milênios pelos filósofos, sustenta que tudo o que acontece está predeterminado, podendo em princípio ser previsto por quem possua conhecimento completo do mundo em um dado instante. O Universo seria comparável a uma imensa máquina em funcionamento automático e infalível.

No exame das questões relativas ao determinismo é de suma importância, quer do ponto de vista filosófico, quer espírita, distinguir os acontecimentos do âmbito exclusivo da matéria daqueles que envolvem seres de natureza espiritual.

Muitos filósofos e cientistas de épocas passadas sustentaram que a matéria comporta-se de forma completamente determinista. Com a criação da ciência moderna, nos séculos XVI e XVII, essa posição ganhou força, visto que as novas teorias mecânicas, que culminaram na monumental síntese newtoniana, incorporam o determinismo em suas equações fundamentais.

Com o ulterior desenvolvimento da ciência a crença no determinismo enraizou-se. No final do século XIX e início do século atual, a formulação do eletromagnetismo, da mecânica estatística e das teorias da relatividade dentro desse mesmo referencial conceitual foi freqüentemente interpretada como sua consolidação definitiva.

No entanto, essa visão de mundo suscitou dificuldades filosóficas de grande monta, quanto à sua compatibilização com o livre-arbítrio humano. Com efeito, a experiência psicológica da liberdade de nossos pensamentos e ações é algo indubitável. Mas essa experiência parece conflitar com o determinismo da matéria, qualquer que seja a concepção acerca da natureza humana. É interessante notar que, com seu senso filosófico apurado, Allan Kardec abre a referida seção sobre a fatalidade precisamente com uma questão sobre o conflito entre fatalidade plena e livre-arbítrio.

Na perspectiva materialista, tudo no homem seria matéria. Ele estaria, pois, sujeito ao mesmo determinismo que existe no movimento dos astros, na queda de uma pedra, no movimento de um relógio. Como conciliar isso com o

⁽³⁵⁾ Algumas idéias deste texto foram motivadas por palestra proferida por José Carlos Angelo Cintra no âmbito da II Semana Espírita da Unicamp, promovida pelo Grupo de Estudos Espíritas da Unicamp, em outubro de 1995.

fato de sentirmos, com toda a clareza de que é capaz o nosso entendimento, que levantamos ou abaixamos o braço, andamos para a esquerda ou a direita, dizemos isso ou aquilo, com inteira liberdade?

Dificuldade semelhante surge na visão dualista, segundo a qual o homem é um espírito ligado a um corpo. Se o corpo, que é matéria, tiver seus mínimos movimentos predeterminados, como poderá o espírito atuar livremente sobre ele, fazendo-o executar essa ou aquela ação?

Os esforços dos filósofos para solucionar o problema não alcançaram qualquer êxito. Felizmente, porém, ele tornou-se amplamente irrelevante com o advento da mecânica quântica, na década de 1920. Essa teoria descreve a estrutura íntima da matéria, e representa a mais abrangente, precisa e bem sucedida teoria científica de todos os tempos. Pois bem: ao contrário das demais teorias físicas, a mecânica quântica não prevê um comportamento totalmente determinista para a matéria. Além disso, sofisticados estudos teóricos e experimentais recentes indicaram que qualquer tentativa de reinstalar teorias deterministas na microfísica encontrará necessariamente dificuldades proibitivas.

Tais avanços da ciência parecem haver renovado o referencial conceitual no qual o problema do livre-arbítrio humano deve ser analisado. As perspectivas de se conceber o ser humano como um espírito livre que atua sobre um corpo material desbloquearam-se. Deve-se todavia notar que ainda quase nada foi feito nesse sentido nos círculos acadêmicos. ⁽³⁶⁾

O Espiritismo, porém, há muito tempo estabeleceu essa concepção, por meio de suas investigações científicas dos fenômenos espíritas. Confirmou a visão dualista que situa o pensamento, a vontade e o sentimento do homem num espírito independente da matéria. Mostrou também que esse espírito antecede e sobrevive ao corpo. De acordo com os últimos avanços da ciência, o comando do corpo pelo espírito é perfeitamente compatível com as leis que regulam o comportamento da matéria, já que estas contemplam a existência de processos indeterministas no nível dos constituintes fundamentais dos corpos, como prótons, nêutrons, elétrons etc.

3. Fatalidade e relação de causa e efeito

Estudemos um pouco mais a questão da predeterminação dos acontecimentos do domínio exclusivo da matéria. Segundo a ciência contemporânea, muitos desses acontecimentos de fato são predeterminados. Os movimentos dos orbes celestes, a queda de uma maçã, a propagação de uma onda de rádio constituem exemplos típicos. Especificada a altura da qual a maçã cai, sua forma, a viscosidade do ar, a força gravitacional que sobre ela exerce a Terra etc., as leis da mecânica permitem em princípio o cálculo do tempo de queda e a velocidade que terá ao atingir o solo, entre outras coisas.

Se quisermos, podemos caracterizar esses eventos previstos como efeitos, e a força gravitacional e as condições iniciais da maçã como causas. Dadas as causas, seguem-se os efeitos de modo certo. Isso faz ver que a fatalidade parcial que existe no mundo material está ligada à existência de certas relações causais.

Conforme apontamos na seção anterior, a física contemporânea reconhece que, mesmo no âmbito puramente material, há processos indeterministas, que não seguem esse padrão de previsibilidade estrita. Nesses casos, as noções de causa e efeito continuam aplicáveis, embora em sentido ampliado: as causas não determinam os efeitos individualmente, mas apenas as probabilidades de sua ocorrência.

Ao considerarmos os eventos em que participam seres humanos, fatores novos intervêm, devido à presença do elemento espiritual dotado de livre-arbítrio. Esses eventos em geral também não são passíveis de uma descrição determinista.

Todavia, enquanto encarnados estamos em associação estreita com a matéria, sendo possível que o encadeamento estrito de alguns eventos materiais nos afete de modo direto ou indireto. Por exemplo, vários processos físicos, químicos e biológicos do corpo humano são, em boa aproximação, deterministas. A passagem de uma corrente elétrica intensa através do corpo provoca choques; a ingestão de determinada porção de uma substância venenosa causa a morte; doses apropriadas de radiação gama destroem tumores, enquanto que doses muito elevadas os ocasionam; a transpiração resfria a pele; e assim por diante.

Desse modo, na medida em que participamos do mundo material há certos acontecimentos que se podem dizer predeterminados em nossas vidas. O que os predetermina, porém, são leis físicas, químicas, biológicas, na presença de certas causas.

É indispensável observar que muitas dessas causas decorrem, a seu turno, de ações que livremente praticamos. No caso da ingestão do veneno, por exemplo, pode-se dizer que a pessoa fatalmente morrerá. A predeterminação da morte, todavia, é condicionada à prévia ingestão da substância tóxica, o que em geral depende da livre decisão de

⁽³⁶⁾ Algumas propostas têm-se difundido nos círculos leigos, misturando referências esparsas à física contemporânea com idéias religiosas, místicas etc. No entanto, uma análise autorizada e isenta revela que são prematuras e pouco rigorosas. O que estamos afirmando no texto não deve ser entendido como uma aprovação, ou mesmo um incentivo a trabalhos dessa natureza. Estamos apenas salientando que a visão da matéria fornecida pela ciência de hoje não representa mais um obstáculo à concepção espírita do homem como um ser dotado de livre-arbítrio. Sobre esse ponto, ver os artigos Xavier Jr. 1995, Chagas 1995 e Chibeni 1984.

alguém. A morte não está predeterminada em termos absolutos: se o veneno não for ingerido, ou se for administrado um antídoto eficaz, ela não advirá.

Tudo isso é do escopo das ciências acadêmicas. O Espiritismo complementa-as de forma substancial, fornecendo o conhecimento de inúmeros e importantes outros vínculos causais entre os acontecimentos. Por sua própria concepção, tais ciências restringem sua análise ao aspecto material do ser humano. Não podem, assim, acompanhar os efeitos das ações humanas além da morte corporal, nem identificar causas e efeitos de natureza espiritual, presentes, por exemplo, em fenômenos mediúnicos, obsessivos e anímicos. Foi a ciência espírita que, pioneiramente, adentrou esse estudo utilizando-se de metodologia racional-experimental. ⁽³⁷⁾

É nesse sentido que muitos autores espíritas costumam referir-se à chamada lei de causa e efeito, ou de ação e reação, que regula as ocorrências da vida, em um sentido amplo, englobando os eventos referentes ao ser espiritual. A lei de causalidade restrita ao domínio da matéria, que as ciências ordinárias estudam, pode ser entendida como caso especial dessa lei mais ampla.

4. Livre-arbítrio e relação de causa e efeito

Cada evento tem uma causa, em geral bastante complexa, envolvendo múltiplos eventos anteriores, próximos ou remotos no espaço e no tempo. Todos esses fatores têm de estar presentes para que o acontecimento se verifique. Voltando ao exemplo da maçã, para ela cair em tantos segundos e com tal velocidade uma série de condições têm de ser satisfeitas: força de atração, desprendimento da macieira, ar com uma certa viscosidade etc. É o conjunto dessas condições que, mais apropriadamente, se deve entender como a causa da queda, embora nas situações ordinárias se fixe a atenção em apenas algumas delas, por conveniência ou dificuldade de conhecê-las todas. A pergunta "**Por que a maçã caiu desse modo?**" pede a especificação de uma causa. Dependendo do interesse, a resposta enfocará um determinado componente da causa total: um dirá que foi porque a Terra a atraiu; outro, que foi porque se soltou do galho; outro ainda porque ventou forte, todos podendo estar certos.

Os acontecimentos de que diretamente participamos são passíveis de análise semelhante, ou seja, podemos investigar suas causas gerais ou particulares. Meu dedo se queimou porque o encostei numa uma panela quente; meu ritmo cardíaco aumentou agora porque acabo de correr; fiquei sonolento esta tarde porque me alimentei excessivamente no almoço. Nessas respostas, apenas os fatores mais salientes das causas foram apontados. As causas são, nesses casos, mais ou menos próximas no tempo, e dependem de escolhas que livremente fizemos: pegar a panela sem luvas, correr ao invés de andar, comer demais.

O Espiritismo mostra-nos que se as causas dos acontecimentos mais importantes de nossas vidas, felizes ou dolorosos, não puderem ser localizadas na vida presente, certamente existirão em passado anterior ao nosso renascimento. Os efeitos de nossos atos, conformes ou contrários à lei que vela pela harmonia do Universo, podem ser imediatos ou ocorrer em futuro mais ou menos distante. É isso, incidentalmente, que possibilita entender muitas das disparidades nas condições físicas, sociais etc., dos seres humanos dentro do quadro da justiça divina. Cada pessoa encontra-se num contexto parcialmente determinado pelo conjunto de suas ações desta vida, das vidas anteriores e dos períodos na erradicidade, sempre levadas em conta suas necessidades expiatórias, provacionais e de aprendizado de um modo geral.

A possibilidade de interferirmos no curso dos acontecimentos, agravando ou atenuando os efeitos ruins, promovendo ou embaraçando os efeitos bons, encontra-se claramente expressa na questão 860 de **O Livro dos Espíritos**, que agora transcrevemos em parte: ⁽³⁸⁾

Pode o homem, pela sua vontade e por seus atos, fazer que se não dêem acontecimentos que deveriam verificar-se e reciprocamente?

"Pode-o, se essa aparente mudança na ordem dos acontecimentos tiver cabimento na seqüência da vida que ele escolheu. [...]"

Todas as nossas ações, por insignificantes que sejam, fazem-se acompanhar de certos efeitos, que se vão superpondo uns aos outros. Em cada momento, vivemos em meio a esse conjunto de efeitos. A importância prática de adquirirmos conhecimento acerca das leis que regem a matéria e o espírito reside em que, sabendo melhor quais serão os efeitos daquilo que fizermos, poderemos agir de modo a criar situações que nos aproximem da felicidade. Somos, por assim dizer, os construtores de nossos próprios destinos.

⁽³⁷⁾ Sobre a ciência espírita e suas relações com a ciência acadêmica, consultem-se Borges de Souza 1986, Chagas 1984, 1987 e 1994, Chibeni 1988, 1991 e 1994, bem como os trabalhos citados na nota 2.

⁽³⁸⁾ Nesta e demais citações de obras de Allan Kardec, utilizamos os textos originais, aproveitando em grande parte as traduções publicadas pela Federação Espírita Brasileira.

5. Programação da existência corporal

Boa parte das questões que formam a seção sobre a fatalidade de **O Livro dos Espíritos** referem-se direta ou indiretamente à questão da programação da existência corporal. Essa programação enquadra-se no princípio geral que estamos analisando. Na medida em que o ser amadurece espiritualmente, tornando-se mais consciente, poderá avaliar por si próprio as principais ações praticadas e, no estado de erraticidade, planificar certos aspectos de sua futura encarnação, freqüentemente auxiliado por Espíritos amigos. Assim é que, por exemplo, seu corpo, seu meio social, os componentes de seu grupo familiar poderão, em certa medida, ser objeto de escolha, com vistas às suas necessidades evolutivas.

Levando porém em conta que entre a época da programação e a da ocorrência programada os seres envolvidos continuarão agindo, criando novos efeitos que se juntarão aos anteriores, o fato poderá ser parcialmente alterado. Conforme assinala Allan Kardec no item 872, os detalhes dos acontecimentos dependem de circunstâncias que o próprio homem encarnado cria pelos seus atos.

Na resposta à questão 861 encontramos uma importante distinção, quanto à fatalidade, entre os acontecimentos materiais e os de ordem moral (espiritual):

"Demais, sempre confundis duas coisas muito distintas: os sucessos materiais da vida e os atos da vida moral. Se há, às vezes, fatalidade, é nos acontecimentos materiais cuja causa reside fora de vós e que independem da vossa vontade. Quanto aos atos da vida moral, esses emanam sempre do próprio homem que, por conseguinte, tem sempre a liberdade de escolher. No tocante, pois, a esses atos, nunca há fatalidade."

Podemos entender melhor esse ponto se considerarmos o fato, anteriormente apontado, de que somente a matéria, por ser inanimada e passiva, pode estar sujeita a um preordenamento preciso. Já os nossos atos, estes subordinam-se em cada instante à nossa vontade livre. Assim, um corpo malformado ou perfeito, uma doença grave ou sua cura, uma queda mortal, poderão ser fatais, no sentido mais estrito do termo. Mas um assassinato, uma difamação, uma reconciliação, uma doação caritativa nunca serão fatais. Note-se que isso vale para todas as partes envolvidas, mesmo as que ocupam a posição de vítimas. Ninguém pode renascer para ser alvo de difamação ou assassinato, porque isso exigiria que alguém renascesse para difamar ou assassinar, o que é claramente absurdo.

É por isso que a resposta da questão 851 adverte que a fatalidade só pode existir com relação às provas físicas (como certas doenças e acidentes que se não conseguem evitar), nunca porém com relação às provas morais (como as traições, os desgostos com o comportamento de entes queridos, as humilhações).

6. Previsão do futuro

O problema controverso da previsão do futuro também se elucida quando se compreendem corretamente as leis que correlacionam os eventos de nossas vidas. O futuro será, em princípio, previsível somente na medida em que se tenha acesso completo e seguro às causas dos eventos, e as leis que os correlacionem forem de tipo determinista. Dissemos em princípio porque, mesmo conhecendo completamente as causas e sendo as leis deterministas, faz-se ainda mister efetuar as deduções dos efeitos, o que em geral está fora de nossa capacidade prática.

Ora, no que toca aos acontecimentos não-triviais das vidas dos homens, ordinariamente nenhuma dessas três condições é satisfeita. Não conhecemos a totalidade das causas; não há encadeamento determinista dos eventos (devido à presença do livre-arbítrio); e, mesmo que houvesse, não seríamos efetivamente capazes de deduzir os efeitos das causas, dada a complexidade extrema das situações típicas.

Disso se conclui que, a não ser em condições muito especiais e limitadas, dentro do domínio exclusivamente material, o futuro é indeterminado e imprevisível. (Para maiores detalhes sobre esse assunto, consulte-se Chagas 1996.)

7. Aspectos morais

Com o esclarecimento racional fornecido pelo Espiritismo, as questões da fatalidade e do destino perdem o caráter místico com que freqüentemente são revestidas. Nada do que nos sucede é questão de sorte ou azar. Vemos que são quiméricas as idéias de que ocorrências de nossas vidas são influenciadas pelos astros, pelos nomes, pelos números e outros fatores externos semelhantes, que não encontram lugar na lei de causa e efeito e na justiça divina.

O mal que nos acontece, acontece na hora certa, na medida certa, porém como conseqüência de ações más livremente praticadas, nesta vida ou em vidas anteriores. Igualmente, as situações felizes que vivemos não são obra de puro acaso, mas foram preparadas por nós mesmos quando agimos de acordo com as recomendações evangélicas, ou seja, quando fazemos o bem.

Não há um destino transcendente, que nos arraste em seu turbilhão, independentemente do que sejamos ou façamos. ⁽³⁹⁾ O destino que existe é aquele que nós mesmos construímos, e que podemos ir modificando a cada momen-

⁽³⁹⁾ Diante de certas ocorrências trágicas, é comum ouvir-se dizer que "tinham que acontecer", que "estavam escritas". Essa opinião, que o Espiritismo mostra incorreta quando generalizada, é analisada de forma interessante em Simonetti 1996.

to, no quadro das leis naturais que regem o mundo. Esse ponto é expresso de forma muito feliz por Emmanuel no capítulo "Fatalidade e livre-arbítrio" do livro **Nascer e Renascer**, do qual destacamos os seguintes trechos:

É por isso que fatalidade e livre-arbítrio coexistem nos mínimos ângulos de nossa jornada planetária.

Geramos causas de dor ou alegria, de saúde ou enfermidade em vários momentos de nossa vida.

O mapa de regeneração volta conosco ao mundo, consoante as responsabilidades por nós mesmos assumidas no pretérito remoto e próximo; contudo o modo pelo qual nos desvencilhamos dos efeitos de nossas próprias obras facilita ou dificulta a nossa marcha redentora na estrada que o mundo oferece.

Importa notar ainda que as leis naturais, ou divinas, têm por objetivo último o bem da criatura. É fácil perceber, por exemplo, que as dores físicas conseqüentes a algumas de nossas ações visam à preservação de nosso corpo. Assim, se não sentíssemos dor ao tocar um objeto quente, não o soltaríamos imediatamente, resultando daí lesões graves em nossa mão. De igual modo, as dores morais, e mesmo certas dores físicas sem causa imediata, objetivam à nossa educação espiritual. Ajudam-nos a ver que, com nossas ações, interferimos indebitamente na harmonia do Universo, violando as leis de amor que nos devem guiar o comportamento frente aos homens e demais seres da criação.

Consideremos um exemplo: uma pessoa resolve embriagar-se e, nesse estado, põe-se a dirigir um veículo. Em seu percurso, atropela um pedestre, ferindo-o gravemente. O motorista contrai, nesse instante, um débito para com a lei divina, que lhe será causa de sofrimentos futuros. Cedo ou tarde enfrentará as conseqüências dolorosas de seu ato, tendo ainda que reparar o mal causado ao seu próximo. Mas como Deus não é apenas a suprema justiça, mas também a suprema bondade, o devedor não precisará pagar sua dívida com a mesma "moeda"; poderá, por vontade própria, resolver saldá-la com amor. Eis porque o apóstolo afirmou: "**O amor cobre a multidão de pecados**" (I Pedro 4: 8), contrapondo-se ao ditado de que "**quem com ferro fere, com ferro será ferido**".

Para o pedestre, a ocorrência possivelmente representará o efeito de uma dívida anteriormente contraída, de um erro cometido no passado próximo ou distante. Terá sido uma forma bastante dura de aprender e resgatar, determinada pelas necessidades do seu caso particular. Em outros casos, o aprendizado e a expiação de erros semelhantes podem ser alcançados por processos mais brandos, menos dolorosos.

A lei pode ser flexibilizada, porque seu objetivo é sempre educar, nunca punir. Se a criatura já aprendeu a lição, reparou seu erro e está exercendo o amor, não mais precisa continuar sofrendo. Sobre esse ponto, é oportuna a leitura da seção "**Código penal da vida futura**", do capítulo 7 da primeira parte de **O Céu e o Inferno**, de Allan Kardec. Vejamos estes trechos:

16º O arrependimento é o primeiro passo para a melhora; mas só isso não basta, sendo ainda precisas a expiação e a reparação.

Arrependimento, expiação e reparação são as três condições necessárias para apagar os traços de uma falta e suas conseqüências.

O arrependimento suaviza as dores da expiação, ao dar esperança e preparar os caminhos da reabilitação. Contudo, somente a reparação pode anular o efeito, destruindo a causa; o perdão seria uma graça, e não uma anulação.

17º O arrependimento pode ocorrer em qualquer parte e em qualquer momento; se tardar, o culpado sofrerá por mais tempo.

A expiação consiste nos sofrimentos físicos e morais, que são a conseqüência da falta cometida, verificando-se quer já na vida presente, quer após a morte, na vida espiritual, ou ainda numa nova existência corporal, até que os traços da falta sejam apagados.

A reparação consiste em fazer o bem a quem se haja feito o mal. [...]

A possibilidade do abrandamento das conseqüências dolorosas de nossas ações pelos esforços que façamos nesse sentido é ilustrada em conhecido episódio narrado por Hilário Silva no livro **A Vida Escreve** (cap. 20, "**O medicamento**"):

Saturnino Pereira sofre um acidente na fábrica onde trabalha, vindo a perder o polegar direito. Seus colegas e amigos comentam a injustiça da ocorrência, dada a grande dedicação de Saturnino ao bem de todos. Comparecendo à reunião mediúcnica em que colabora regularmente, um benfeitor espiritual espontaneamente lhe esclarece que, em existência anterior, foi poderoso sitiante que, num momento de crueldade, puniu barbaramente um pobre escravo, moendo-lhe o braço direito no engenho. Com o despertar de sua consciência, atrozes remorsos torturaram-no no alémtúmulo. Deliberou então impor-se rigoroso aprendizado, programando um acidente para a futura encarnação, no qual perderia o braço. No entanto, sua renovação para o bem, testemunhada por suas ações, possibilitou que o acidente apenas lhe ocasionasse a perda de um dedo.

Referências

BORGES DE SOUZA, J. "Pesquisas e métodos", **Reformador**, abril de 1986, pp. 99-101.

CHAGAS, A. P. "O que é a ciência", **Reformador**, março de 1984, pp. 80-83 e 93-95. "As provas científicas", **Reformador**, agosto de 1987, pp. 232-33. "A Ciência confirma o Espiritismo?" **Reformador**, julho de 1995, pp.

208-11. "O Espiritismo na Academia?" **Revista Internacional de Espiritismo**, fevereiro de 1994, pp. 20-22 e março de 1994, p. 41-43. Sobre a previsão do futuro. **Revista Internacional de Espiritismo**, maio de 1996, pp. 124-25.

CHIBENI, S.S. "Espiritismo e ciência", **Reformador**, maio de 1984, pp. 144-47 e 157-59. "A excelência metodológica do Espiritismo", **Reformador**, novembro de 1988, pp. 328-33, e dezembro de 1988, pp. 373-78. "Ciência espírita", **Revista Internacional de Espiritismo**, março de 1991, pp. 45-52. "O paradigma espírita", **Reformador**, junho de 1994, pp. 176-80.

EMMANUEL. "Fatalidade e livre-arbítrio" (Psicografia de F. C. Xavier.). In: **Nascer e Renascer**. São Bernardo do Campo, GEEM, 1982.

KARDEC, A. **Le Livre des Esprits**. Paris, Dervy-Livres, s.d. (dépôt légal 1985). **O Livro dos Espíritos**. Trad. Guillon Ribeiro, 64a ed., Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, s.d. **Le Ciel et l'Enfer**. Farciennes, Editions de l'Union Spirite, 1951. **O Céu e o Inferno**. Trad. Manuel Quintão, 28a ed., Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, s.d.

SILVA, H. **A Vida Escreve**. (Psicografia de F. C. Xavier e Waldo Vieira.) 5a ed., Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, 1960.

SIMONETTI, R. "Tinha que acontecer?", **Reformador**, maio de 1996, pp. 138-39.

XAVIER JR., A. L. "Algumas considerações oportunas sobre a relação Espiritismo-Ciência", **Reformador**, agosto de 1995, pp. 244-46.

This page is hosted by Geocities. Get your free homepage and e-mail at <http://www.geocities.com>
Versão provisória - 23/2/98

Índice

1. Introdução
2. O passe e o conceito de cura.
3. O passe e a finalidade do centro espírita.
4. Os mecanismos do passe.
5. A aplicação do passe.
6. O passista: Requisitos morais.
7. O passista: Requisitos físicos.
8. O enfermo.
9. Quando receber o passe.
10. O recinto do passe.
11. Os efeitos do passe.
12. A água fluidificada.
13. Jesus - O Divino Modelo.
14. Referências bibliográficas.

1. Introdução

Passes

"E rogava-lhe muito, dizendo: Minha filha está moribunda; rogo-te que venhas e lhe imponhas as mãos para que sare, e viva".

- Marcos 5:23.

"Jesus impunha as mãos nos enfermos e transmitia-lhes os bens da saúde. Seu amoroso poder conhecia os menores desequilíbrios da Natureza e os recursos para restaurar a harmonia indispensável.

"Nenhum ato do Divino Mestre é destituído de significação. Reconhecendo essa verdade os apóstolos passaram a impor as mãos fraternas em nome do Senhor e tornavam-se instrumentos da Divina Misericórdia.

"Atualmente, no Cristianismo redivivo, temos, de novo, o movimento socorrista do Plano Invisível, através da imposição das mãos. Os passes, como transfusões de forças psíquicas, em que preciosas energias espirituais fluem dos mensageiros do Cristo para os doadores e beneficiários, representam a continuidade do esforço do Mestre para atenuar os sofrimentos do mundo.

"Seria audácia por parte dos discípulos novos a expectativa de resultados tão sublimes quanto os obtidos por Jesus junto aos paralíticos, perturbados e agonizantes.

"O Mestre sabe, enquanto nós outros estamos aprendendo a conhecer. É necessário, contudo, não desprezar-lhe a lição, continuando, por nossa vez, a obra de amor, através das mãos fraternas.

"Onde exista sincera atitude mental do bem, pode estender-se o serviço providencial de Jesus.

"Não importa a fórmula exterior. Cumpre-nos reconhecer que o bem pode e deve ser ministrado em seu nome."

Emmanuel (Caminho, Verdade e Vida, cap. 153).

2. O passe e o conceito de cura

A Organização Mundial da Saúde considera que a saúde é o completo bem estar físico, mental e social. Nós, espíritas, anuímos a essa definição; só que admitimos que toda doença de alguma gravidade tem uma origem espiritual. A ação moral desequilibrada do Espírito afeta o perispírito; e estando o perispírito intimamente ligado ao corpo físico, seu desajuste vibratório afeta-o, e ele adocece.

Em sua essência profunda, o passe é a mobilização ativa de nosso amor em favor do bem do semelhante. Jesus, o Divino Modelo, ensinou-nos a fazê-lo em diversas e bem conhecidas passagens de sua vida. Na página que fizemos figurar como introdução destes apontamentos, por exemplo, Emmanuel comenta o caso de Jairo, que procurou Jesus, movido por ardente fé, implorando pela filha, em estado de morte aparente. Atendendo-lhe ao pedido, Jesus vai até sua casa e, convocando-a à vida, restaura-lhe prontamente a saúde.

No versículo 9 do décimo capítulo de seu Evangelho, Lucas registra importante recomendação de Jesus aos discípulos: "E curai os enfermos que nela houver e dizei-lhes: **É chegado a vós o Reino de Deus.**" Entendemos que o Mestre se reportava aqui a dois tipos de cura:

1. Os recursos fluidicos benéficos, restauradores do corpo: o passe.
2. Os recursos do esclarecimento, que propiciam a cura integral e definitiva do homem, sobrepondo-se a todas as terapias que se têm criado no mundo.

A começar por Allan Kardec, praticamente todos os grandes autores espíritas dedicaram muita atenção ao passe e à questão da saúde integral do ser humano. Eis algumas passagens significativas a esse respeito:

O passe não é unicamente transfusão de energias anímicas. É o equilibrante ideal da mente, apoio eficaz de todos os tratamentos. (André Luiz, Opinião Espírita, cap. 55, p. 180.)

Para evitar essas recidivas, é necessário que o remédio espiritual ataque o mal em sua base [...], é preciso tratar, ao mesmo tempo, o corpo e a alma. (Abade Príncipe de Hohenlohe, Revue Spirite, outubro de 1867.)

O maior milagre que Jesus operou, o que verdadeiramente testa a sua superioridade, foi a revolução que os seus ensinamentos produziram no mundo, mau grado à exiguidade dos seus meios de ação. (Kardec, A Gênese, cap. 15, § 63.)

Sabemos que essa "revolução" a que se refere Kardec é o ensino e a exemplificação do amor, do bem, da fraternidade e todas as demais virtudes nascidas desses belos sentimentos, que estabelecem o Reino de Deus em nosso Espírito, adornando-o com as lindas e perfumosas flores do jardim do Evangelho.

Como almejar à cura total dos nossos desequilíbrios orgânicos e espirituais, se ainda agasalhamos em nosso ser o orgulho, o egoísmo e todas as mazelas deles decorrentes?

Como sararmos da úlcera, da alergia desconfortável, da artrite deformante, do coração em descompasso, se a ira e o grito de cólera ainda ecoam em nossa alma?

Como almejarmos o fim da ansiedade, da depressão e todas as distonias anímicas de múltiplas nomenclaturas, se ainda nutrimos ódio, rancor, mágoa, ciúme, inveja, pensamentos sombrios? Como, se a excelsa virtude a mansidão cantada por Jesus em suas bem-aventuranças (Mateus 5: 5-12) ainda não se instalou em nossos corações?

Como pretendermos ter o equilíbrio físico e psíquico, se vivemos em guerra com a sociedade, com o vizinho menos evoluído, com os familiares em processo de reajuste, com o nosso grupo de trabalho? Quantas vezes até mesmo em nossas lides na casa espírita nos deixamos envolver por sentimentos contrários àqueles que Jesus nos ensinou: mágoas, revoltas, melindres, que constituem sombras densas em nossos corações, enfermado-nos?

Como poderemos ser felizes e saudáveis, se a ganância das posses materiais nos absorvem todo o tempo e as energias? Como, se nos esquecemos da busca dos tesouros imperecíveis que não são consumidos pelas traças, pela ferrugem e pelos ladrões? Além de se constituírem libertação das dores, dos sofrimentos, das enfermidades, os tesouros espirituais são também passaporte para as moradas celestes, como prometeu Jesus, que partiria para nos preparar o lugar no "céu" para aquele que seguisse os seus ensinamentos (João 14: 1-3).

Onde buscar a saúde, se sorvemos os venenos dos tóxicos, do álcool, do tabaco, entregando-nos ainda aos excessos da alimentação, do sexo e tantos outros? Como seguir o preceito sublime de Jesus – amar o próximo –, se não somos capazes de amar a nós próprios, mantendo vícios e paixões que desgastam a nossa harmonia orgânica?

Serão de pouca valia os recursos da medicina da Terra e do Céu, enquanto não aprendermos os caminhos de Jesus. Palmilhando esses caminhos, teríamos menos necessidade de hospitais, de hospícios, de presídios, de creches, de asilos ...

A grande Cura proposta pelo Espiritismo deve ser o cumprimento de um sério e amplo programa de iluminação interior, apoiado na prática do bem, na vivência cristã constante.

3. O passe e a finalidade do centro espírita

O Centro Espírita – unidade fundamental do Movimento Espírita –, "para bem atender às suas finalidades, deve ser núcleo de estudo, de fraternidade, de oração e de trabalho, com base no Evangelho de Jesus, à luz da Doutrina Espírita". Desviá-lo dessa diretriz é comprometer a causa a que se pretende servir.

Editorial de Reformador, março de 1992.

O passe foi incluído nas práticas do Espiritismo como um auxiliar dos recursos terapêuticos ordinários. É, portanto, um meio e não a finalidade do Espiritismo. No entanto, muitas pessoas procuram o centro espírita em busca somente da cura ou melhora de seus males físicos, psicológicos e dos distúrbios ditos "espirituais".

Geralmente, as pessoas que assim procedem são nossos irmãos que desconhecem os fundamentos do Espiritismo. Muitos vêm no Espiritismo mais uma religião, criada por Kardec. Outros ligam-no somente à mediunidade, temendo sua prática, que envolveria o relacionamento com "almas do outro mundo". Ainda outros associam-no a curas, e mesmo à fórmulas místicas para a solução de problemas financeiros, conjugais, etc. Há aqueles que, sem nada conhecer, tomam passes freqüentemente, por hábito, mesmo sem estarem necessitando. Isso tudo resulta do desconhecimento doutrinário, de interpretações pessoais, da disseminação de conceitos errôneos.

É dever do centro espírita, por meio do seu corpo de trabalhadores, esclarecer os que o procuram acerca dos objetivos maiores do Espiritismo, que gravitam em torno da libertação da criatura das amarras da ignorância das leis divinas, alçando-a à perfeição.

Bem orientado, o centro espírita é um foco de luz na Terra, que ilumina o saber e o amor, a razão e o sentimento. Daí ele ser a um só tempo:

Escola – que possibilita ao ser humano, pelo estudo constante disciplinado, inteirar-se das sábias leis divinas que regulam o seu destino.

Hospital – onde são socorridos os acidentados da alma pelos recursos fluídicos e espirituais, como o passe, a água fluidificada, a prece, a desobsessão, a palavra de esperança e encorajamento, o estudo evangélico e doutrinário.

Oficina de trabalho no bem – onde, ajudando o próximo carente, o ser ajuda-se a si próprio, aprendendo e vivenciando os valores cristãos, a verdadeira caridade, tal qual definida na resposta à questão 886 de **O Livro dos Espíritos**: "Benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos outros, perdão das ofensas".

4. Os mecanismos do passe

Muitas vezes, a fé que leva as pessoas a procurarem os recursos do passe é cega. Desconhecem os seus mecanismos, os seus efeitos e sua aplicação. A fé cega é mística. A fé verdadeira é uma força atrativa e fixadora das energias benéficas.

O Espiritismo possui elementos para o devido esclarecimento acerca dos mecanismos do passe. O passe não é algo sobrenatural. Ele ocorre com base em leis naturais que regulam a ação dos fluidos responsáveis por todos os fenômenos espirituais. São leis diversas das que regem os fenômenos da matéria, do mundo corporal. A ciência oficial, que têm como objeto exclusivo o estudo da matéria, não pode explicar o passe.

Para entendermos os mecanismos do passe, é importante estudarmos os fluidos e suas leis, o que inclui a análise do perispírito, suas funções, suas propriedades. Tudo isso encontra-se exposto nas obras básicas de Allan Kardec, notadamente no capítulo 14 de *A Gênese*, bem como em outras obras sérias, como as de André Luiz, Léon Denis, Yvonne Pereira, Philomeno de Miranda, etc.

Do ponto de vista "técnico", o passe é a ação dirigida de certos fluidos. Sua aplicação processa-se de perispírito a perispírito. E por estar o perispírito ligado ao corpo físico célula a célula, exerce sobre ele preponderante influência. Daí se compreende, por exemplo, o bem estar físico que decorre da ação do passe. A energia salutar transmitida ao perispírito repercute no corpo, nos órgãos enfermos, por um processo de ressonância. É por isso que o passista não necessita tocar o corpo do paciente enfermo.

No referido capítulo 14 *A Gênese*, § 31, há uma explicação clara de como ocorre essa transmissão fluídica medicamentosa. Vejamos este trecho:

Como se há visto, o fluido universal é o elemento primitivo do corpo carnal e do perispírito, os quais são simples transformações dele. Pela identidade da sua natureza, esse fluido, condensado no perispírito, pode fornecer princípios reparadores ao corpo; o Espírito, encarnado ou desencarnado, é o agente propulsor que infiltra num corpo deteriorado uma parte da substância de seu envoltório fluídico.

Notemos a referência à ação do perispírito no passe: "parte da substância do seu envoltório fluídico", que é o perispírito. E continua o texto:

A cura se opera mediante a substituição de uma molécula malsã por uma molécula sã. O poder curativo estará, pois, na razão direta da pureza da substância inoculada; mas depende também da energia da vontade que, quanto maior for, tanto mais abundante emissão fluídica provocará e tanto maior força de penetração dará ao fluido. Depende ainda das intenções daquele que deseja realizar a cura, seja homem ou Espírito. Os fluidos que emanam de uma fonte impura são quais substâncias medicamentosas alteradas.

Logo adiante, no parágrafo 33, Kardec enumera as diversas maneiras em que a ação fluídica pode produzir-se:

1º – Pelo próprio fluido do magnetizador; é o magnetismo propriamente dito, ou magnetismo humano, cuja ação se acha adstrita à força e, sobretudo, à qualidade do fluido.

Trata-se, pois, do passe que provém somente do passista encarnado ("magnetizador"). Era o recurso utilizado por Jesus para restabelecer as saúde dos enfermos.

A força fluídica abundante, penetrante, pura no mais alto grau que se pode ajuizar, saía dele próprio. No livro *Pão Nosso*, Emmanuel legou-nos página intitulada "**Magnetismo de Jesus**", que muito elucida a grandeza de seu magnetismo balsâmico.

2º – Pelo fluido dos Espíritos, atuando diretamente e sem intermediário sobre um encarnado, seja para o curar ou acalmar um sofrimento, seja para provocar o sono sonambúlico espontâneo, seja para exercer sobre o indivíduo uma influência física ou moral qualquer. É o magnetismo espiritual, cuja qualidade está na razão direta das qualidades do Espírito.

É o passe que provém unicamente dos Espíritos desencarnados. Ninguém fica ao abandono quanto aos medicamentos do "Céu". Pelos eflúvios dos missionários do Mundo Maior quantas curas, quantas melhoras ocorrem, quantas esperanças se espalham! Mesmo aqueles que ainda não aprenderam a buscar os recursos do passe estão sempre sendo socorridos pelo Alto, nos lares, no tumulto das ruas, no silêncio dos hospitais, nas guerras, em todo lugar.

3º – Pelos fluidos que os Espíritos derramam sobre o magnetizador, que serve de veículo para esse derramamento. É o magnetismo misto, semi-espiritual, ou, se o preferirem, humano-espiritual. Combinado com o fluido hu-

mano, o fluido espiritual lhe imprime qualidades de que ele carece. Em tais circunstâncias, o concurso dos Espíritos é amiúde espontâneo, porém, as mais das vezes, provocado por um apelo do magnetizador.

Neste terceiro e último processo há o passe "misto", em que cooperam os Espíritos e os encarnados. Quando se fala em passes nas casas espíritas hoje em dia, em geral se entende esse tipo de passe. Nele o "magnetizador" é também um médium. Ele recebe para dar. É o intermediário entre os Espíritos e o enfermo, contribuindo, ao mesmo tempo, com seus próprios recursos. Muitas vezes o enfermo necessita de fluidos mais "materiais", que os Espíritos por si sós não podem fornecer. Compreende-se, então, a importância dessa modalidade de passe.

Para complementar o estudo de **A Gênese**, vamos transcrever os itens 1 a 6 do parágrafo 176 de **O Livro dos Médiuns**, em que Kardec trata dos médiuns curadores.

1. Podem considerar-se as pessoas dotadas de força magnética como formando uma variedade de médiuns?

"Não há que duvidar."

2. Entretanto, o médium é um intermediário entre os Espíritos e o homem; ora o magnetizador, haurindo em si mesmo a força de que se utiliza, não parece que seja intermediário de nenhuma potência estranha.

"É um erro: a força magnética reside, sem dúvida, no homem, mas é aumentada pela ação dos Espíritos que ele chama em seu auxílio. Se magnetizas com o propósito de curar, por exemplo, e invocas um bom Espírito que se interessa por ti e por teu doente, ele aumenta a tua força e a tua vontade, dirige o teu fluido e lhe dá as qualidades necessárias."

3. Há, entretanto, bons magnetizadores que não crêem nos Espíritos.

"Pensas então que os Espíritos só atuam nos que crêem neles? Os que magnetizam para o bem são auxiliados por bons espíritos. Todo homem que nutre o desejo do bem os chama, sem dar por isso, do mesmo modo que, pelo desejo do mal e pelas más intenções, chama os maus."

4. Agiria com maior eficácia aquele que, tendo a força magnética, acreditasse na intervenção dos Espíritos?

"Faria coisas que consideraríeis milagre."

5. Há pessoas que verdadeiramente possuem o dom de curar pelo simples contato, sem o emprego dos passes magnéticos?

"Certamente; não tens disso múltiplos exemplos?"

6. Nesse caso, há também ação magnética, ou apenas influencia dos Espíritos?

"Uma e outra coisa. Essas pessoas são verdadeiros médiuns, pois que atuam sob a influencia dos Espíritos; isso, porém, não quer dizer que sejam quais médiuns escreventes, conforme o entendes."

Ao doarmos as nossas próprias energias somos "magnetizadores", mas podemos ao mesmo tempo ser médiuns, quando nossos recursos são aumentados e enriquecidos pelos Espíritos. Indivíduos não espíritas, não cristãos, não filiados a qualquer credo religioso, mas que laboram no bem em outros campos do amor, podem também ceder fluidos curadores para quem necessite, inclusive com o auxílio de Espíritos, sem se darem conta disso. O que importa é ser bom, é amar o próximo como ensinou Jesus.

5. A aplicação do passe

a) Preparo

Para lograr bom resultado, todo trabalho espiritual necessita de preparo. No caso do passe, deve haver preparo tanto do passista como do enfermo. Da parte do primeiro, porém, esse preparo deve ser constante, em vista das emergências que ocorrem no centro espírita e fora dele.

O ideal seria que toda aplicação de passe fosse precedida de esclarecimento doutrinário sobre os fluidos, a fé, a oração, etc. Com o estudo e as reflexões evangélicas o ambiente se tranqüiliza e os fluidos atuam de forma mais adequada.

Por meio dessas atividades preparatórias, quem vai receber o passe aprende a buscar sua melhoria não somente pelo passe, mas pela eliminação de suas imperfeições morais, causa última dos seus males. Essa é a terapêutica de profundidade proposta pelo Espiritismo.

Quanto ao passista, não há necessidade que receba antes o chamado "passe de limpeza", a fim de estar mais apto para aplicar o passe. Essa "limpeza" deve ser obtida por seus esforços em seguir as normas apontadas nas seções 6 e 7. Não é submetendo-se a uma operação momentânea que poderá tornar-se instrumento dócil e puro dos Espíritos Superiores.

b) Técnicas

Perguntado sobre qual seria a melhor técnica para a transmissão do passe (**O Consolador**, no 99), Emmanuel respondeu:

O passe deverá obedecer à fórmula que forneça maior percentagem de confiança, não só a quem o dá, como a quem o recebe. Devemos esclarecer, todavia, que o passe é transmissão de uma força psíquica e espiritual, dispensando qualquer contato físico na sua aplicação.

Comentando o assunto em seu livro **Conduta Espírita** (cap. 28), André Luiz, adverte:

Lembrar-se de que na aplicação de passes não se faz precisa a gesticulação violenta, a respiração ofegante ou o bocejo contínuo [...]. A transmissão do passe dispensa qualquer recurso espetacular.

Não há técnicas únicas para aplicação do passe. O passe deve ser simples. Em qualquer caso, dispensam-se quaisquer gestos estranhos, fórmulas místicas e outros recursos espetaculares. É falta de estudo da Doutrina Espírita que tem levado a adoção de práticas estranhas nos trabalhos de passe em muitas casas espíritas.

Detalhando mais o ensino, destaquemos algumas atitudes exteriores comuns que o médium passista deve abolir:

Tilintar dos dedos, esfregar ou tremer as mãos;

Tocar o paciente. O passe não é dado no corpo físico, como já salientamos. É recomendável guardar certa distância do paciente.

Reflexos. O doador de energias pelo passe não deve se deixar influenciar pelos desarranjos emocionais e enfermicos de certos pacientes. A influencia negativa nunca atinge quem está bem física e espiritualmente, com domínio de suas emoções. É da lei que o bem dilua o mal. André Luiz conta em **Nos Domínios da Mediunidade** que num trabalho mediúnicamente se comunicou o Espírito José Maria, altamente perturbado, inferior. A médium que o serviu foi Celina, que era qual "harpa delicada" nas mãos dos Benfeitores, pelos seus dotes morais. André Luiz estranhou que justamente ela fosse a intérprete de tão perversa criatura. O Instrutor Áulus explica, porém: "Quanto aos fluidos de natureza deletéria, não precisamos teme-los. Recuam instintivamente ante a luz espiritual que os fustiga e desintegra". De fato, a ação do bem irradiado por Celina desintegrou os fluidos perniciosos de José Maria. Se a médium não estivesse preparada os danos seriam inevitáveis. Assim também ocorre no passe.

Tomar passe após aplicá-lo. É uma prática dispensável. Muitos passistas empregam-na por desconhecimento dos mecanismos fluídicos; alegam que é para "eliminar as más influências" e se "reabastecer". O passe adequadamente desenvolvido não exaure quem o transmite, muito pelo contrário. No livro **Conduta Espírita**, André Luiz recomenda-nos "jamais temer a exaustão das forças magnéticas" (cap. 28). O médium passista é canal pelo qual circulam abundantemente as forças radiantes que emanam do "Céu". Em sua obra **Nos Domínios da Mediunidade** (cap. 17), esse mesmo autor relata um diálogo de seu amigo Hilário Silva com o Instrutor Áulus. Perguntando Hilário se os trabalhadores encarnados que examinavam ministrando o passe não precisariam recer a exaustão, obtém esclarecedora resposta:

De modo algum. Tanto quanto nós, não comparecem aqui com a pretensão de serem os senhores do benefício, mas sim na condição de beneficiários que recebem para dar. A oração, com o reconhecimento de nossa desvalia, coloca-nos na posição de simples elos de uma cadeia de socorro, cuja orientação reside no Alto. Somos nós aqui, neste recinto consagrado à missão evangélica, sob a inspiração de Jesus, algo semelhante à tomada elétrica, dando passagem à força que não nos pertence e que servirá na produção de energia e luz.

Quanto ao tempo de duração do passe, compreende-se que não seja fixo. Cabe ao passista usar o bom senso e a inspiração do momento. Demorar muito, principalmente em crianças, não é confortável e causa irritação. Não é aconselhável também acumular fluidos só numa parte do corpo, a cabeça, por exemplo.

6. O passista: Requisitos morais.

Quem pode aplicar o passe? Essa é uma das primeiras perguntas que surgem quando pensamos na programação das atividades de passe nas casas espíritas. O conhecimento da natureza e dos mecanismos do passe nos possibilita inferir que todas as pessoas sadias poderiam, em princípio, aplicar o passe. Todas possuem fluidos, em várias graduações, naturalmente, que podem ser mobilizados pelo amor na direção do semelhante que sofre.

Mas para efetivamente nos qualificarmos como bons servidores do passe, precisamos muito esforço, muita vontade ativa, muita disciplina para irmos adquirindo certas condições mínimas, de que resumidamente trataremos nesta seção e na seguinte.

Ao comentar a passagem evangélica relatada em Mateus 8:17, Emmanuel ressalta a influência da pureza dos sentimentos de Jesus na promoção da cura, acrescentando que o mesmo se aplica aos nossos esforços na aplicação do passe, embora ainda estejamos imensamente distantes da condição do Cristo:

Se pretendes, pois, guardar as vantagens do passe que, em substância, é ato sublime de fraternidade cristã, purifica o sentimento e o raciocínio, o coração e o cérebro. (Segue-me, cap. "O passe", p. 134)

No capítulo 19 do livro **Missionários da Luz**, de André Luiz, encontramos estas significativas palavras do Instrutor Alexandre:

O missionário do auxílio magnético, na Crosta ou aqui em nossa esfera, necessita ter grande domínio sobre si mesmo, espontâneo equilíbrio de sentimentos, acendrado amor aos semelhantes, alta compreensão da vida, fé vigorosa e profunda confiança no Poder Divino.

Vemos aqui a imensa gama de conquistas requeridas de todo aquele que se propõe doar fluidos balsamizantes aos necessitados. Logo após, Alexandre faz um esclarecimento que achamos importante transcrever:

Cumpra-me acentuar, todavia, que semelhantes requisitos em nosso plano constituem exigências a que não se pode fugir, quando, na esfera carnal, a boa vontade sincera, em muitos casos, pode suprir essa ou aquela deficiência, o que se justifica, em virtude da assistência prestada pelos benfeitores de nossos círculos de ação ao servidor humano, ainda incompleto no terreno das qualidades desejáveis.

O passe é um trabalho de equipe. É comum que os colaboradores encarnados mostrem maior soma de deficiências que os desencarnados, em geral mais conscientes de seus deveres e da delicadeza da tarefa. Não podendo os serviços serem prejudicados, já que é o bem do próximo que está em jogo, tais deficiências podem ser supridas pelos Espíritos, quando de nossa parte houver boa vontade e desejo sincero de ajudar. Meditando nisso, vemos como precisamos lutar por nossa melhoria integral!

Continuemos o estudo com André Luiz, acompanhando-lhe o diálogo com Alexandre:

– Ainda mesmo que o operário humano revele valores muito reduzidos, pode ser mobilizado? [...]

– Perfeitamente [...]. Desde que o interesse dele nas aquisições sagradas do bem seja mantido acima de qualquer preocupação transitória, deve esperar incessante progresso das faculdades radiantes, não só pelo esforço próprio, senão também pelo concurso de Mais Alto de que se fez merecedor.

Que resposta profunda! No início, Alexandre afirma: "Perfeitamente", acrescentando, no entanto que é mais importante o interesse do passista no seu aprimoramento do que em cuidar das coisas do mundo. Temos observado que isso nem sempre ocorre; comumente, a luta espiritualizante é deixada em segundo plano.

Os livros de André Luiz nos têm trazido lições primorosas sobre vários temas. Vamos transcrever mais um trecho do diálogo entre Hilário Silva e o Instrutor Áulus, registrado no capítulo 17 de **Nos Domínios da Mediunidade**:

– Quer dizer que numa casa como esta [um centro espírita] há colaboradores espirituais devidamente fichados, assim como ocorre com médicos e enfermeiros num hospital terrestre comum?

– Perfeitamente. Tanto entre os homens como entre nós, que ainda nos achamos longe da perfeição espiritual, o êxito do trabalho reclama experiência, horário, segurança, responsabilidade do servidor fiel aos compromissos assumidos. A Lei não pode menosprezar as linhas da lógica.

– E os médiuns [Clara e Henrique]? são invariavelmente os mesmos?

– Sim; contudo, em casos de impedimento justo, podem ser substituídos, embora nessas circunstâncias se verifiquem, inevitavelmente, pequenos prejuízos resultante de natural desajuste.

E um pouco mais adiante:

– Preparam-se, os nossos amigos [Clara e Henrique], à frente do trabalho, com o auxílio da prece?

– Sem dúvida. A oração é prodigioso banho de forças, tal a vigorosa corrente mental que atrai. Por ela, Clara e Henrique expulsam do próprio mundo interior, os sombrios remanescentes da atividade comum que trazem do círculo diário de luta e sorvem do nosso plano, as substâncias renovadoras de que se repletam, a fim de conseguirem operar com eficácia a favor do próximo. Desse modo ajudam e acabam por ser firmemente ajudados.

Quantos ensinamentos para o passista! Quantas diretrizes para o preparo do doador de fluidos! Áulus afirma que o serviço de passe deve ser exercido com a mesma responsabilidade dos médicos que socorrem nos hospitais da Terra. Cada hospital possui a sua equipe de médicos, encarregados cada um de sua área, obedecendo à disciplina que o hospital estipula. Achamos importante a referência ao fichamento dos colaboradores no "hospital" do centro espírita. Como são graves as conseqüências da ausência do passista escalado no dia e hora do passe! Tudo estava programado para que os seus fluidos fossem utilizados, os Espíritos contavam com ele, mas... Nas substituições apressadas é inevitável o dano geral. Ciente disso é importante que o passista só falte em situações excepcionais.

Outro ponto fundamental do texto transcrito é a necessidade de o passista recorrer à oração como um meio iluminado para alijar do mundo interior eventuais pensamentos sombrios, remanescentes das atividades do dia, e sorver dos bons Espíritos as substâncias renovadoras, para ajudar com eficácia o enfermo.

Com base na vasta literatura espírita sobre o assunto, tentaremos enumerar agora algumas das diretrizes que o passista deve seguir tanto em sua vivência cotidiana quanto na aplicação do passe.

a) Estudo

Na introdução de **O Livro dos Espíritos**, na primeira parte de **O Livro dos Médiuns** e em outras de suas obras, Allan Kardec ressalta a importância do estudo contínuo do Espiritismo, apresentando diversas sugestões de como ele deve ser empreendido. Há muita diferença entre ler um texto e estudá-lo, meditando sobre o seu conteúdo.

No caso do passe, é importante ter conhecimento especializado de sua natureza, seus mecanismos, seus efeitos. No capítulo 14 de **O Livro dos Médiuns** Kardec indaga se o poder de curar pode ser transmitido (§ 176, n 7). E os Espíritos esclarecem: – "O poder, não; mas o conhecimento de que necessita para exercê-lo, quem o possui".

No já citado capítulo 19 de **Missionários da Luz** encontramos ainda a exposição de conceitos notáveis sobre o valor do conhecimento para o bom desempenho das tarefas espíritas. Ausência de estudo significa estagnação, em qualquer setor de trabalho.

Acima de tudo, o estudo metódico do Espiritismo desperta nas pessoas o desejo de amar, perdoar sempre, de incorporar em suas almas as virtudes evangélicas, essenciais para uma vida feliz.

b) Disciplina

Com o trabalho disciplinado, o espírita encontra tempo para cumprir todos os seus deveres e ser mais assíduo e pontual nas tarefas assumidas no centro espírita.

Deve-se lembrar que as tarefas espirituais não são mecânicas. O operário chega na indústria, liga as máquinas e tudo começa a funcionar. As atividades espirituais, porém, precisam de preparo íntimo, meditação, asserenamento físico e mental para serem desenvolvidas a contento.

O respeito à programação estabelecida para os trabalhos do passe é indispensável. Faltar ou chegar atrasado desorganiza o ritmo harmônico das atividades.

c) Amor

Eleger o amor como a base da vida. Ele é a maior mola do nosso progresso, rumo aos cimos onde nos aguardam a paz e a felicidade.

d) Paciência

A paciência é uma virtude imprescindível a quem se dispõe a acolher os irmãos necessitados e aflitos, que muitas vezes chegam ao centro espírita em franco destrambelho psíquico, podendo causar irritação a quem não se lembre de que é alguém que enfermou do espírito.

A afabilidade e a doçura são filhas diletas da paciência. Ouvir com paciência aquele que está em desequilíbrio, ou que desconheça os mecanismos espirituais, já é um avanço no tratamento de muitos males. O bom trabalhador espírita deve adquirir o excelente hábito de ouvir mais do que falar. Que "fale" sobretudo com o coração, pelas emissões do bem.

e) Vivência cristã constante

É muito bom termos ímpetus generosos; mas é melhor ainda que a generosidade seja constante em todas as nossas atitudes. Nos momentos floridos é muito fácil assumir atitudes cristãs. Na hora dos testemunhos expiatórios, dos testes com pessoas difíceis, porém, o grito de cólera, a crítica contumaz, os pensamentos menos nobres invadem o nosso ser, ainda próximo da irracionalidade. Como consequência, surgem os distúrbios incômodos da depressão, do desânimo, do suicídio, dos processos obsessivos cruéis.

f) Equilíbrio emocional

O equilíbrio emocional um requisito bastante difícil, mas que pode ser conquistado. Para essa conquista é preciso que não nos desgastemos com mágoas excessivas, paixões, ressentimentos, temores, nervosismo, etc. São estados doentios que expressam a falta de fé nos desígnios divinos. A oração e o serviço ao próximo são notáveis recursos para o equilíbrio emocional.

Devemos abster-nos de dar passe quando em desequilíbrio espiritual, pois os fluidos ficam como que "poluídos".

g) Preparo contínuo

A necessidade de aplicar passe em alguém pode surgir a qualquer momento. Daí a importância de o passista estar sempre preparado, mesmo durante o seu trabalho profissional ou nos momentos de lazer.

Os bons Espíritos precisam contar conosco para as tarefas de emergência, às vezes fora da casa espírita. Podem mobilizar nossos recursos para atender nossos irmãos mais carentes sem mesmo tomarmos consciência disso, na via pública, no ônibus, no local de trabalho, numa visita fraterna, etc.

h) Fé e oração

Devemos ter confiança absoluta na misericórdia e justiça de Deus, lembrando que é dela que, em última instância, provêm os recursos terapêuticos do passe. A prece, a meditação, estabelecem nossa ligação com os emissários divinos, criando um clima excelente para o êxito do trabalho espiritual.

7. O passista: Requisitos físicos.

Depois de havermos apontado alguns dos requisitos morais, tão difíceis de conquistar, faremos alguns comentários sobre as condições físicas de quem ministra o passe.

- **i) Higiene**

A higiene é um dos requisitos básicos para a saúde. Além de beneficiar o passista, a sua higiene representa respeito para os que vão receber o passe.

- **ii) Alimentação**

A alimentação deve ser equilibrada, adequada ao organismo, sem os excessos da gula e do jejum. Hábitos alimentares saudáveis, com a ingestão de frutas, legumes, verduras fazem bem não só aos passistas, mas a qualquer pessoa. O trabalhador dos serviços de passe e, aliás, da mediunidade em geral, não deve apresentar-se de estômago cheio; nas horas que antecedem as atividades deve evitar a ingestão de alimentos de difícil digestão, como carnes e gorduras, de condimentos fortes e de excitantes, como café, chás (exceto de ervas), etc.

- **iii) Vícios: álcool, fumo, tóxicos**

É fácil compreender que uma pessoa que assista a necessitados na área do passe, ou em outras tarefas mediúnicas, deve abster-se completamente de tais vícios. Eles lesam o organismo, obscurecem o raciocínio, impregnam negativamente os fluidos a serem mobilizados a favor do próximo e propiciam a atração de Espíritos inferiores que, mesmo desencarnados, querem continuar cultivando-os. Sabemos do imenso zelo dos bons Espíritos que cooperam nas atividades do passe na casa espírita no sentido de anular a ação maléfica das substâncias tóxicas que ingerimos. Apresentando-nos nessas condições lamentáveis desrespeitamos não apenas esses Espíritos, dando-lhes redobrado trabalho, mas também as pessoas que vão, confiantes, receber o passe.

- **iv) Conduta sexual**

A atividade sexual em si é instintiva, mas o seu uso é moral. O sexo só deve ser exercido com equilíbrio, nobreza, acompanhado do verdadeiro amor.

- **v) Hábito do Jogo**

O hábito do jogo é assunto muito discutido no Movimento Espírita. Alguns segmentos admitem certos jogos, como rifas ou bingos, para ajudar o centro espírita. No entanto, devemos refletir se, acolhendo esse tipo de atividade em nosso meio não estaríamos de alguma forma apoiando a visão de que devemos buscar o ganho material fácil na chamada "sorte", em detrimento do trabalho, por humilde que seja. A manutenção material dos centros de fato constitui problema comum e difícil para os dirigentes, pois os colaboradores nem sempre se dão conta de que lhes cumpre o dever de ajudá-lo materialmente, na medida de suas possibilidades, é claro.

Não apresenta os inconvenientes dos jogos de azar a confecção de produtos, como roupas, alimentos, móveis, etc. e a sua venda, em benefício do centro, desde que ninguém seja moralmente constrangido a participar dessas atividades, e desde que se evite de forma absoluta pedir-se produtos e favores a pessoas não espíritas e políticos.

Allega-se também que os jogos sem apostas servem como distração; um baralho nas manhãs ou tardes dominicais para passar o tempo, por exemplo. É claro que ao espírita não estão interditas as diversões saudáveis. Mas será que o verdadeiro espírita dispõe de tanto tempo que precisa jogar para passar? E o tempo para as leituras e estudos edificantes? E o preparo das aulas, a caridade, o trabalho fraterno? Será que os grandes luminares do Espiritismo precisaram arranjar passatempos?

8. O enfermo

a) Posição mental para receber o passe

Para que obtenha melhora, as pessoas que buscam o recurso do passe devem ter postura mental adequada. A esse respeito, é interessante consultarmos o item 10 do capítulo 15 de **A Gênese**. Kardec analisa aí a passagem evangélica da mulher hemorroíssa (Marcos, 5: 25-34), uma das inúmeras curas operadas por Jesus. Vejamos este trecho:

Considerado como matéria terapêutica, o fluido tem que atingir a matéria orgânica, a fim de repará-la; pode então ser dirigido sobre o mal pela vontade do curador, ou atraído pelo desejo ardente, pela confiança, numa palavra: pela fé do doente. Com relação à corrente fluídica, o primeiro age como uma bomba calcante e o segundo como uma bomba aspirante.

Aquele que vai receber o passe deve pautar-se na atitude da mulher hemorroíssa, que foi curada porque, pela sua ardente fé, aspirou, atraiu, assimilou os fluidos amorosos de Jesus. Razão tinha pois o Mestre para dizer-lhe: "**Tua fé te salvou**".

Sabemos que os fluidos são assimilados pelo perispírito, que possui, dentre outras, a notável propriedade de absorver fluidos ambientes. Constatamos, assim, a grande importância da postura mental e espiritual do enfermo, com o pensamento em prece, em ligação constante com os bons Espíritos, para que o passe seja eficaz.

b) Posição física para receber o passe

Quem vai receber o passe deve ficar na posição que lhe dê mais conforto físico. O passe transmite-se ao perispírito, independentemente da posição do corpo físico. Dependendo do lugar, pode ficar deitado, sentado ou de pé. Mas em qualquer caso, deverá ficar descontraído, respirando normalmente.

Não há necessidade de ficar com as mãos espalmadas para cima, como se fossem "receber" algo material.

Certas pessoas alegam que não se devem cruzar os braços ou as pernas, porque tais posturas dificultariam a "circulação" dos fluidos. Parece-nos, porém, que se não devemos cruzar os membros é apenas porque isso em geral atrapalha a circulação sanguínea e gera tensões musculares.

Sensações de calor, frio, tremor, suor, arrepios, choro podem ocorrer durante o passe. São, geralmente, motivadas por causas psicológicas. O misticismo, de que muitos ainda se não desvencilharam, pode provocar efeitos ilusórios variados.

Nem o passista nem o paciente precisam retirar pulseiras, colares, relógios, óculos, sapatos, etc. Tais objetos não interferem no passe, porque são de natureza diversa daquela dos fluidos.

Vemos alguns fumantes que apressam-se em alijar-se momentaneamente do maço de cigarros. A presença dos cigarros não é, em si, o problema. O problema sério é o hábito de fumar, que intoxica o organismo, atuando em sentido contrário ao do passe, quando recebido.

9. Quando receber o passe

Não abuses, sobretudo, daqueles que te auxiliam. Não tomes o lugar do verdadeiramente necessitado, tão só porque os teus caprichos e melindres pessoais estejam feridos.

Emmanuel, *Segue-me*, p. 134

A ninguém imponhas precipitadamente as mãos.

Paulo, I Timóteo 5: 22

Dessas sábias advertências de Emmanuel e do Apóstolo dos Gentios concluímos que as pessoas só devem buscar os recursos do passe quando têm realmente necessidade. Passe é remédio. E todo remédio só se toma quando necessário, na dose certa e até que se recupere a saúde. Se estamos bem, o passe é dispensável.

No capítulo 28 de **Conduta Espírita**, André Luiz recomenda-nos "esclarecer os companheiros quanto à inconveniência da petição de passe todos os dias, sem necessidade real, para que esse gênero de auxílio não se transforme em mania."

Se a pessoa não precisa de passe, devemos esclarecê-la a esse respeito, orientando-a para o estudo doutrinário e o serviço ao próximo. Devemos lembrar-nos que os problemas do nosso dia podem ser resolvidos com bom senso, honestidade, equilíbrio e muita disciplina.

Em seu livro **Segue-me**, Emmanuel assim se expressa sobre a questão de quem necessita do passe: "O passe exprime também gastos de forças, e não debes provocar o dispêndio de energias do Alto, com infantilidades e ninharias" (p. 134).

Muitas pessoas que buscam o passe deveriam igualmente buscar a ajuda da medicina humana. Allan Kardec advertiu diversas vezes que diante de qualquer distúrbio, deve-se antes de mais nada pesquisar suas possíveis causas orgânicas. Não a função do passe e do Espiritismo substituir os métodos da ciência no tratamento das enfermidades. O Espiritismo visa, em primeiro lugar, a esclarecer a criatura, para que corrija o seu proceder moral, forrando-se assim às necessidades de expiar e de sofrer. Depois, objetiva a suplementar o tratamento médico, renovando os fluidos vitais do enfermo pela aplicação do passe e da água fluidificada.

Quando tudo o que puder ser feito na esfera médica e espírita estiver sendo feito, a Doutrina Espírita nos esclarece que a dor estará sendo necessária para a evolução do enfermo, devendo ser enfrentada com resignação.

Nos que padecem enfermidades irreversíveis o passe produz efeito benéfico, muito ajudando-os a suportar a suas dores, e contribuindo para tornar menos penoso o processo da desencarnação.

Nos casos de obsessão o passe pode contribuir para desligar o obsessor do psiquismo do obsidiado. Mas esse desligamento não constitui terapêutica de base. Obtida assim uma "trégua" é necessário que o hospedeiro das influências maléficas seja orientado a buscar os recursos do Evangelho e da Doutrina Espírita para a sua libertação definitiva, transformando seu padrão mental e moral.

O passe é também usado como tratamento abençoado para os Espíritos sofredores do mundo espiritual. Isso pode ocorrer quando a pessoa encarnada que recebe o passe está intimamente vinculada a um Espírito, que então se beneficia igualmente dos recursos fluídicos. O passe pode também ser ministrado por um Espírito sobre outro, no Mundo Espiritual, como se relata, por exemplo, nos capítulos 22 a 25 do livro **Os Mensageiros**, de André Luiz.

10. O recinto do passe

De ambiente poluído nada de bom se pode esperar.

André Luiz, *Conduta Espírita*, cap. 28.

O lugar mais adequado para a transmissão do passe é o centro espírita, que, pela natureza de suas atividades, constitui o núcleo mais importante de assistência a encarnados e desencarnados no que tange ao socorro de ordem espiritual.

Se possível, deve-se reservar uma sala especial para essa tarefa, na qual se reúnem sublimados recursos fluídicos movimentados pelos pensamentos elevados e pelas preces.

A sala de passes deve ser simples, mas muito limpa, arejada, ensolarada. Os Espíritos auxiliam na preparação do ambiente espiritual, porém não podem usar vassoura, água e sabão.

É desnecessária a sua decoração com quadros e fotos dos fundadores desencarnados. Todo o centro espírita, aliás, dispensa quaisquer objetos de culto, como placas, retratos, bustos, monumentos, recintos com nomes de mentores. Por outro lado, são apreciadas as flores, em vasos ou em latadas nos pátios e jardins, onde os Espíritos e os frequentadores haurem as energias das plantas e se encantam com o Belo.

Quanto à iluminação da sala de passes, podemos dizer que a luz reduzida pode auxiliar na manipulação dos fluidos pelos Espíritos. Mas é preferível a claridade suave ao escuro completo. Este pode suscitar idéias de misticismo, medo e até malícia nas mentes menos equilibradas.

O passe pode ser aplicado também nos lares, hospitais, creches, trabalho, ruas, etc., com a devida discricção. Se não houver um ambiente reservado, no qual só estejam presentes pessoas que entenderão e contribuirão positivamente com a tarefa, devemos abster-nos de qualquer prática ostensiva. Neste caso, recorreremos à oração silenciosa, pedindo aos Bons Espíritos que aproveitem, se possível, os nossos recursos fluídicos no auxílio ao próximo. Assim, podemos transmitir o passe com um abraço, um aperto de mão ou com um simples olhar de amor. O passe é dado sem ser percebido por curiosos.

Sempre, porém, que o enfermo puder se locomover até o centro espírita, deveremos pedir que o faça, para receber o passe. Dessa forma, também aproveitará as preleções evangélicas e doutrinárias, que devem sempre anteceder a transmissão dos passes, despertando para os valores nobres da vida, meditando sobre suas ações, corrigindo rumos.

Algumas pessoas têm vergonha de serem vistas no centro espírita, e então solicitam que a equipe do passe vá até sua casa. Nesse caso devemos sugerir-lhe a modificação de atitude e, não obtendo sucesso, delicadamente abster-nos de atender-lhe ao apelo pouco razoável. Evidenciará ainda não estar disposto a trocar seus preconceitos e idéias antigas pelos valores espirituais. Foi por conhecer a relutância da criatura humana em fazer essa transformação que Jesus asseverou, em linguagem figurada: **"Porque se alguém, nesta geração adúltera e pecadora, se envergonhar de mim e das minhas palavras, também dele se envergonhará o Filho do homem, quando vier na glória de seu Pai com os santos anjos."** (Marcos 8: 38, Lucas 9: 26) Não é que devamos nos vingar dessa pessoa, ou ficar magoados com ela; mas devemos deixar que o tempo opere seu amadurecimento.

Mesmo no caso de impedimento por enfermidade, só deveremos aplicar passes fora do centro quando forem solicitados pelo enfermo ou, no absoluto impedimento deste, por sua família. Temos notícias de casos em que familiares ou amigos solicitaram passe para um enfermo que, na hora, o rejeitou. Nesses casos, o passe não teria efeito.

O passe fora do centro espírita tem o inconveniente do ambiente possivelmente desfavorável, impregnado de miasmas fluídicos de ira, maledicência, alcoólicos, de fumo etc. Mesmo assim, é caridade atender e vencer com equilíbrio os obstáculos, quando houver um pedido sincero e um mínimo de boa vontade por parte do enfermo e seus familiares. O bom senso e a caridade são sempre os elementos que devem preponderar na tomada de qualquer decisão a esse respeito. Não devemos nos impor regras inflexíveis e automatizadas em tarefas desse gênero.

11. Os efeitos do passe

Existem vários fatores que influem nos efeitos do passe. A despeito da ajuda segura dos bons Espíritos, o resultado dependerá das condições do enfermo e também do passista, se bem que as deficiências deste possam em geral ser supridas pelos Espíritos.

Temos observado que algumas pessoas se sentem curadas, outras apenas melhoram, enquanto outras ainda permanecem completamente impermeáveis aos recursos do passe.

O clima de fraternidade, simpatia entre o passista e o enfermo é condição importantíssima para que o passe produza bons resultados.

A fé é outro fator relevante. Observamos que muitos não voltam mais ao centro espírita após constatarem que não obtiveram melhoras imediatas. Na sua ignorância, alegam que o centro é **"fraco"**, ou mesmo descrem completamente dos recursos fluídicos e dos mecanismos divinos.

O passista não deve aplicar-se em demasia no exame dos resultados do passe. Empenhe-se em cumprir os requisitos que se exigem de sua posição, e confie na Providência Divina, que saberá, melhor do que ele, quais as reais

condições de cada enfermo, quais os seus méritos e suas necessidades provacionais e expiatórias. Nunca se envaideça de eventuais resultados positivos, lembrando sempre de que a fonte última de todo o bem é Deus.

Antes de cogitarmos, em vão, acerca do merecimento que tenhamos, procuremos dar novos rumos aos nossos passos, para irmos ao encontro dos necessitados; às nossas mãos, para que elas abençoem, agasalhem, acariciem; ao nosso coração, para aprendermos amar os semelhantes. Imprimamos novas diretrizes aos nossos hábitos infelizes. Acendamos novas luzes para os nossos pensamentos e sentimentos. Adotemos atitudes cristãs no lar, no trabalho, no mundo!

12. A água fluidificada

É assim que as mais insignificantes substâncias, como a água, por exemplo, podem adquirir qualidades poderosas e efetivas, sob a ação do fluido espiritual ou magnético, ao qual elas servem de veículo, ou se quiserem, de reservatório.

Kardec, *A Gênese*, cap. 15, § 25

A água é dos corpos mais simples e receptivos da Terra. É como que a base pura, em que a medicação do Céu pode ser impressa, através de recursos substanciais de assistência ao corpo e à alma, embora em processo invisível aos olhos mortais.

Emmanuel, *Segue-me*, p. 131.

Por essas assertivas, aprendemos que água é passível de adquirir qualidades diversas, de natureza sutil ou "fluídica", ao influxo da vontade de um agente. No meio espírita, a água modificada pela ação de Espíritos desencarnados ou encarnados no sentido de tornar-se medicamentosa ficou conhecida como "água fluidificada" ou "magnetizada". Trata-se de expressões impróprias, mas que o uso já consagrou. (Do ponto de vista da física, a água pura que bebemos já é um fluido, e não é suscetível de magnetizar-se por um ímã, por exemplo.)

A água dita "fluidificada" é, na verdade, um veículo de recursos medicamentosos que atuam no perispírito. Indiretamente, contribui para o restabelecimento do corpo carnal. Em seu livro *Fluidos e Passes* Therezinha Oliveira assim se refere à ação da água fluidificada (p. 89):

Ao ser ingerida, [...] é metabolizada pelo organismo, que absorve as quintessências que vão atuar no perispírito, à semelhança de medicamento homeopático.

A água fluidificada é indicada nos casos de carência fluídica, comuns quando há desequilíbrio emocional, debilitação orgânica por enfermidade, nos desgastes por processo obsessivo, nas lesões de órgãos, etc.

Sendo uma espécie de medicamento, não devemos abusar de sua utilização, tornando sua ingestão um hábito indiscriminado.

A água pode ser fluidificada para uso geral ou para determinado enfermo. Isso deve ser claramente considerado quando mobilizamos a nossa vontade com o objetivo de preparar a água. Como no último caso a água adquire propriedades específicas para a pessoa que temos em vista, não deve ser usada por outras pessoas.

Para fluidificar a água não é necessário impor as mãos sobre ela. Muito receptiva aos fluidos espirituais, a água se torna remédio salutar pela ação da prece em ambientes de silêncio e respeito, onde há vontade ardente de ajudar o semelhante necessitado. Como o passe, a fluidificação é uma tarefa executada pelos Espíritos bons com a ajuda dos recursos humanos.

13. Jesus - O Divino Modelo

Qual o tipo mais perfeito que Deus tem oferecido ao homem, para lhe servir de guia e modelo?
"Jesus".

O Livro dos Espíritos, questão no 625.

Jesus pertence à classe dos Espíritos Puros, aqueles que já atingiram a perfeição máxima, como se explica na questão 97 de *O Livro dos Espíritos*. Para a humanidade terrena, Jesus ocupa uma posição especial, tendo-se encarregado de conceber e coordenar a formação e a evolução do planeta e dos seres vivos que o têm habitado.

Pastor de nossas almas, vela incessantemente por nosso bem, conduzindo-nos com acendrado amor ao aprisco divino. E nós, que aspiramos à condição de seus discípulos humildes, devemos empenhar-nos para seguir-Lhe as pegadas sublimes.

Todos os aspectos de Sua passagem na Terra fornecem-nos exemplos a serem imitados. Acima de tudo, devemos inspirar-nos em sua conduta moral, marcada pelo amor puro que distribuía entre todos e tudo que encontrava. Em muitas ocasiões, a mobilização desse amor deu-se na forma de alívio para as dores, nas múltiplas expressões das

enfermidades orgânicas e espirituais. Cegueiras e paralisias, ulcerações e debilidades, processos letárgicos e obsessivos foram por Ele sanados ou aliviados.

As numerosas curas operadas pelo Mestre foram em geral tidas por milagrosas. Coube ao Espiritismo a sua explicação racional, pela ação fluídica impulsionada por uma poderosa vontade.

Foi no último livro que publicou **A Gênese**, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo que Kardec examinou alguns dos principais feitos materiais de Jesus, destacando-se entre eles as curas de diversas doenças e limitações orgânicas. Devemos, a esse respeito, consultar os capítulos 13, 14 e 15. No último deles são analisados, de forma particular, os casos da mulher hemorroíssa (Mc 5: 25-34), do cego de Betsaida (Mc 8: 22-26), do paralítico de Cafarnaum (Mt 9: 1-8), dos dez leprosos (Lc 17: 11-19), do homem da mão seca (Mc 3: 1-8), da mulher curvada (Lc 13: 10-17), do paralítico da piscina de Betesda (Jo 5: 1-17), do cego de nascença (Jo 9: 1-34), além de vários casos de "possessões" e "ressurreições".

É de notar-se que ao propiciar alívio para as dores físicas Jesus costumava concitar os beneficiados à renovação moral, à liberação dos "pecados", para que "coisas piores" não lhe adviessem, ensinando-nos assim a correlação que existe entre as nossas condições moral e física.

Aprendemos, em Espiritismo, que as raízes profundas de nossos males residem na alma. Purificada esta, o corpo se melhorará naturalmente, num prazo maior ou menor, dependendo das características de nosso caso. De nada adianta procurarmos a cura das enfermidades físicas, tanto pela medicina da terra como pela do céu, se permanecermos desatentos com o nosso procedimento moral. Busquemos, pois, aprimorar-nos de maneira integral, pautando-nos sempre no exemplo de Jesus-Cristo e daqueles que ao longo dos séculos o têm seguido.

14. Referências bibliográficas

ANDRÉ LUIZ. **Os Mensageiros**. (F.C. Xavier.) 13ª ed., Rio, FEB. – **Missionários da Luz**. (F.C. Xavier.) 14ª ed., Rio, FEB. – **Conduta Espírita**. (Waldo Vieira.) 8ª ed., Rio, FEB. **Nos Domínios da Mediunidade**. (F.C. Xavier.) 13ª ed., Rio, FEB. – "O passe". In: **Opinião Espírita**. Emmanuel e André Luiz. (F.C. Xavier e Waldo Vieira). 5ª ed., Uberaba, CEC, 1982.

EMMANUEL. **O Consolador**. (F.C. Xavier.) 8ª ed., Rio, FEB. – **Caminho, Verdade e Vida**. (F.C. Xavier.) 9ª ed., Rio, FEB. – **Segue-me**. (F.C. Xavier.) 5ª ed., Matão, O Clarim, 1982. – **Pão Nosso**. (F.C. Xavier.) 1ª ed., Rio, FEB, 1950.

KARDEC, A. **O Livro dos Espíritos**. (Trad. Guillon Ribeiro.) 76ª ed., Rio, FEB. – **O Evangelho Segundo o Espiritismo**. (Trad. Guillon Ribeiro.) 113ª ed., Rio, FEB. – **A Gênese**. (Trad. Guillon Ribeiro.) 19ª ed., Rio, FEB.

OLIVEIRA, T. (org.) **Fluidos e Passes**. 1ª ed., Capivari, EME, 1995.

This page is hosted by Geocities. Get your free homepage and e-mail in <http://www.geocities.com>
(Versão provisória -17/03/98)

ESTUDO SOBRE A MEDIUNIDADE

SILVIO E CLARICE SENO CHIBENI

1. Introdução

A mediunidade desempenha papel essencial no estabelecimento da base experimental da ciência espírita e nas atividades dos centros espíritas. Seu estudo sistemático e contínuo possibilita a correta compreensão tanto de sua natu-

reza como de suas finalidades, habilitando-nos a dela obter seguros e produtivos resultados, com vistas ao nosso aperfeiçoamento intelectual e moral.

Esse estudo deve necessariamente estar centralizado no mais completo e profundo tratado que já se escreveu sobre a mediunidade: **O Livro dos Médiuns**, de Allan Kardec. Os presentes apontamentos devem ser tidos unicamente como uma exposição incompleta de alguns tópicos importantes, destinada a facilitar posteriores contatos com essa obra fundamental e a vasta literatura subsidiária surgida desde sua publicação, em 1861.

No Vocabulário Espírita que forma o capítulo 32 desse livro Kardec dá como sinônimos os termos mediunidade e medianimidade, definindo-os com "**a faculdade dos médiuns**". Quanto à palavra médium, Kardec explicita o seu significado em várias passagens de suas obras, como por exemplo nesse mesmo Vocabulário, onde se encontra esta definição sucinta:

MÉDIUM. *(do latim, medium, meio, intermediário).* Pessoa que pode servir de intermediário entre os Espíritos e os homens.

Ao analisar os conceitos de médium e de mediunidade, faz notar que a palavra médium comporta duas acepções distintas, expressas com clareza neste trecho da **Revue Spirite**:

Acepção ampla:

Qualquer pessoa apta a receber ou a transmitir comunicações dos Espíritos é, por isso mesmo, médium, quaisquer que sejam o modo empregado e o grau de desenvolvimento da faculdade, desde a simples influência oculta até à produção dos mais insólitos fenômenos.

Acepção restrita:

Em seu uso ordinário, todavia, esse termo tem uma aplicação mais restrita, aplicando-se às pessoas dotadas de um poder mediador suficientemente grande, seja para a produção de efeitos físicos, seja para transmitir o pensamento dos Espíritos pela escrita ou pela palavra.

Quando analisamos um texto ou um discurso onde o termo médium aparece, é importante reconhecer em qual desses sentidos está sendo empregado, a fim de se evitarem mal-entendidos e discussões sem fundamento. Assim, por exemplo, a afirmação feita no parágrafo 159 de **O Livro dos Médiuns** de que "todos [os homens] são quase médiuns" deverá ser entendida apenas na acepção ampla do termo, pois sabemos, pela questão 459 de **O Livro dos Espíritos**, que todos somos passíveis de receber a influência dos Espíritos, ainda que sob a forma sutil de intuição. Incorreremos em grave equívoco se concluirmos daí que todos somos mais ou menos médiuns no sentido restrito e usual da palavra, ou seja, se julgarmos que todos podemos produzir manifestações ostensivas, tais como a psicofonia, a psicografia, os efeitos físicos etc.

2. A natureza da mediunidade

Limitando-nos daqui para frente à acepção restrita do termo «**médium**», que é a mais usual e relevante, estaremos, no que se vai seguir, entendendo a mediunidade como a aptidão especial que certas pessoas possuem para servir de meio de comunicação entre os Espíritos e os homens.

A questão que naturalmente surge neste ponto é a de se determinar qual é a natureza da faculdade mediúnica: quais as suas causas, por que surge somente em determinadas pessoas e em modalidades e graus diversos, se é passível de desenvolvimento forçado mediante alguma técnica etc.

Um aspecto central relativo à natureza da mediunidade acha-se exposto na resposta à questão que Kardec endereçou aos Espíritos no parágrafo 226 de **O Livro dos Médiuns**:

O desenvolvimento da mediunidade guarda proporção com o desenvolvimento moral dos médiuns?

"Não; a faculdade propriamente dita prende-se ao organismo; independe do moral. O mesmo, porém, não se dá com o seu uso, que pode ser bom ou mau, conforme as qualidades do médium".

Como observamos pela resposta dos Espíritos, a capacidade de servir de "ponte" entre o mundo espiritual e o mundo material está ligada a fatores de ordem orgânica. Esse ponto encontra-se exarado em vários lugares das obras de Kardec e de outros autores espíritas abalizados, passando, no entanto, despercebido à maioria das pessoas, mesmo espíritas.

Já em 1859 Kardec afirmava, em seu livro Instruções Práticas sobre as Manifestações Espíritas que "**essa faculdade depende de uma disposição orgânica especial, suscetível de desenvolvimento**". Em **O Livro dos Médiuns** as referências nesse sentido são numerosas. No parágrafo 94, por exemplo, que trata das manifestações físicas espontâneas, os Espíritos informam que a aptidão de ser médium de efeitos físicos "**se acha ligada a uma disposição física**". Bem mais adiante, ao estudar a formação dos médiuns (§ 209), Kardec retorna ao assunto:

Têm-se visto pessoas inteiramente incrédulas ficarem espantadas de escrever [mediunicamente] a seu mau grado, enquanto que crentes sinceros não o conseguem, o que prova que esta faculdade se prende a uma disposição orgânica.

Notemos que nesta última passagem há referência a mais um princípio importante: a mediunidade não depende das convicções filosóficas ou das crenças religiosas do médium.

Por fim, em resposta à questão 19 do parágrafo 223 desse mesmo livro os Espíritos esclarecem que "a mediunidade propriamente dita independe da inteligência bem como das qualidades morais" do médium. Portanto a mediunidade independe também do desenvolvimento intelectual do médium.

Resumindo o que vimos até aqui:

A mediunidade é a faculdade especial que certas pessoas possuem para servir de intermediárias entre os Espíritos e os homens. Ela tem origem orgânica, e independe:

- da condição moral do médium;
- de suas crenças;
- de seu desenvolvimento intelectual.

No parágrafo 200 de **O Livro dos Médiuns**, Allan Kardec deixa claro que "não há senão um único meio de constatar [a existência da faculdade mediúnica em alguém]: a experimentação". Ou seja, só poderemos saber que uma pessoa é médium observando que efetivamente é capaz de servir de intermediário aos Espíritos desencarnados.

Isso naturalmente remete à importante questão do desenvolvimento da mediunidade. Por sua importância e pelas confusões e equívocos a que se tem prestado, merece ser abordada numa seção especial.

3. O desenvolvimento da mediunidade

Uma primeira observação a ser feita é que se a presença da faculdade mediúnica em uma pessoa independe de sua condição moral, intelectual e de crença, ninguém poderá tornar-se médium tão-somente pelo fato de moralizar-se, ou de estudar, ou de aderir às convicções espíritas. É evidente que essas atitudes serão de imenso proveito para a criatura, pois a colocarão em condições de compreender e utilizar bem a faculdade mediúnica que porventura possua.

É significativo, a esse respeito, que Kardec tenha alertado já no terceiro parágrafo da Introdução de **O Livro dos Médiuns** que muito se enganaria aquele que "supusesse encontrar nesta obra uma receita universal e infalível para formar médiuns". Lança mão, a seguir, de uma comparação muito clara e objetiva, que esclarece o assunto à saciedade (os destaques são nossos):

Se bem que cada um traga em si o gérmen das qualidades necessárias para se tornar médium, tais qualidades existem em graus muito diferentes e o seu desenvolvimento depende de causas que a ninguém é dado conseguir se verifiquem à vontade. As regras da poesia, da pintura e da música não fazem que se tornem poetas, pintores, ou músicos os que não têm o gênio de algumas dessas artes. Apenas guiam os que as cultivam no emprego de suas faculdades naturais. O mesmo sucede com o nosso trabalho. Seu objetivo consiste em indicar os meios de desenvolvimento da faculdade mediúnica, tanto quanto o permitam as disposições de cada um, e, sobretudo, dirigir-lhe o emprego de modo útil, quando ela exista.

O caráter espontâneo da faculdade mediúnica é ainda destacado no parágrafo 208 de **O Livro dos Médiuns** (o destaque é nosso):

Se os rudimentos da faculdade [mediúnica] não existem, nada fará que apareçam [...].

No capítulo intitulado "Manifestações dos Espíritos" de **Obras Póstumas** (parágrafo 6, no 34) encontramos esta densa passagem (destaque nosso):

O desenvolvimento da faculdade mediúnica depende da natureza mais ou menos expansível do perispírito do médium e da maior ou menor facilidade da sua assimilação pelo dos Espíritos; depende, portanto, do organismo e pode ser desenvolvida quando exista o princípio; não pode, porém, ser adquirida quando o princípio não exista.

E no parágrafo 198 de **O Livro dos Médiuns**, que trata da diversidade das faculdades mediúnicas, lemos ainda:

Em erro grave incorre quem queira forçar a todo custo o desenvolvimento de uma faculdade que não possua. Deve a pessoa cultivar todas aquelas de que reconheça possuir o gérmen. Procurar à força ter as outras é, antes de tudo, perder tempo, e, em segundo lugar, perder talvez, enfraquecer com certeza, as de que seja dotado.

Encerrando esse parágrafo, Kardec transcreve comunicação mediúnica de Sócrates sobre o desenvolvimento da mediunidade, que contém grave advertência:

Quando existe o princípio, o gérmen de uma faculdade, esta se manifesta sempre por sinais inequívocos. Limitando-se à sua especialidade, pode o médium tornar-se excelente e obter grandes e belas coisas; ocupando-se de tudo, nada de bom obterá. Notai, de passagem, que o desejo de ampliar indefinidamente o âmbito de suas faculdades é uma pretensão orgulhosa, que os Espíritos nuncam deixam impune. Os bons abandonam o presunçoso, que se torna então juguete dos mentirosos. Infelizmente, não é raro verem-se médiuns que, não contentes com os dons que receberam, aspiram, por amor-próprio ou ambição, a possuir faculdades excepcionais, capazes de os tornarem notados. Essa pretensão lhes tira a qualidade mais preciosa: a de médiuns seguros.

Apenas como exemplo de opinião de um outro autor, corroborativa da de Allan Kardec, vejamos como Emmanuel responde à questão 384 de seu livro **O Consolador**, questão essa que versa especificamente sobre o tema que estamos focalizando:

Dever-se-á provocar o desenvolvimento da mediunidade?

A mediunidade não deve ser fruto de precipitação nesse ou naquele setor da atividade doutrinária, porquanto, em tal assunto, toda a espontaneidade é indispensável, considerando-se que as tarefas mediúnicas são dirigidas pelos mentores do plano espiritual.

Logo em seguida, em resposta à questão 386, o conceituado Espírito reitera:

Ninguém deverá forçar o desenvolvimento dessa ou daquela faculdade, porque, nesse terreno, toda a espontaneidade é necessária; observando-se, contudo, a floração mediúnica espontânea, nas expressões mais simples, deve-se aceitar o evento com as melhores disposições de trabalho e boa-vontade [...].

Precisamos, portanto, estar vigilantes quanto à opinião, infelizmente tão comum no meio espírita, de que as pessoas que aparecem nas casas espíritas devem, cedo ou tarde, ser encaminhadas às chamadas "*sessões de desenvolvimento mediúnico*". São dois os motivos mais freqüentemente alegados para esse tipo de recomendação:

1. **o empenho e dedicação com que alguém se interesse pelo Espiritismo, sugerindo, segundo julgam, que tem "todas as condições" para exercer a mediunidade;**
2. **os desequilíbrios variados de saúde ou de comportamento que apresente, notadamente quando venham desafiando a perícia dos médicos.**

Ora, no primeiro caso dever-se-ia ponderar que as boas disposições da pessoa deverão ser aproveitadas antes de mais nada em seu aperfeiçoamento intelectual e moral, e, em se tratando de sua colaboração nas atividades do centro espírita, naquele setor ao qual mais se ajuste por sua formação profissional, seus interesses e disponibilidades, quais sejam a condução de estudos, a evangelização infanto-juvenil, a administração, a biblioteca, as visitas fraternas, a costura de enxovais, a faxina, a distribuição de alimentos, a acolhida aos novos freqüentadores etc., ou os trabalhos mediúnicos, se os sinais de mediunidade se apresentarem de forma espontânea.

No segundo caso, que é o mais freqüente, seria preciso compreender que o mero fato de alguém encontrar-se desequilibrado significa que não pode ser inserido no grupo mediúnico, sob o risco de comprometer o seu bom funcionamento. A mediunidade em si é uma faculdade neutra, que não tem qualquer conexão com os desajustes físicos, mentais e espirituais da criatura. Estes surgem por motivos específicos, e requerem o tratamento médico, psicológico ou espírita adequado ao caso. Somente após seu retorno à normalidade é que a pessoa poderá participar, como médium, dos trabalhos mediúnicos, se a faculdade surgir espontaneamente. O exercício da mediunidade não é recomendável na presença de determinadas enfermidades físicas, como por exemplo, nas doenças contagiosas, ou onde o equilíbrio orgânico esteja "**por um fio**" e a atividade mediúnica envolva situações que emocionem muito o médium. No caso dos desequilíbrios mentais e espirituais, o exercício mediúnico não pode nunca ser iniciado, ou continuado. Um médium nessas condições não poderá contribuir positivamente, além de gerar dificuldades para o grupo, facilitando mesmo a atuação de Espíritos interessados na instalação da desarmonia, dos melindres, das suspeitas, do enregelamento das relações entre os membros.

O desenvolvimento mediúnico a ser promovido nos centros espíritas não deve nunca ser entendido como o aprendizado de técnicas e métodos para fazer surgir a mediunidade, pois que não os há nem pode haver, mas exclusivamente como o aprimoramento e direcionamento útil e equilibrado das faculdades surgidas de forma natural, o que pressupõe o aperfeiçoamento integral do médium, por meio do estudo sério e de seus esforços incessantes para amoldar suas ações às diretrizes evangélicas.

Ressaltemos, outrossim, que os núcleos espíritas não deverão iniciar qualquer trabalho mediúnico, quer de desenvolvimento (no sentido correto do termo), quer, menos ainda, de assistência aos Espíritos enfermos, se não estiverem seguros de que dispõem de colaboradores suficientemente preparados, por seus conhecimentos doutrinários, por seu equilíbrio psicológico e por sua conduta cristã, que disponham de tempo para encetar com regularidade tão delicada tarefa.

Resumindo o que foi visto nesta seção:

- A mediunidade é uma faculdade natural, que surge espontaneamente.
- Não se deve procurar desenvolvê-la enquanto não aflorar por si só.
- O desenvolvimento da mediunidade deve ser entendido unicamente como a sua educação, o seu aprimoramento, a sua disciplina, o seu direcionamento útil para o bem.
- A mediunidade não é a causa primária dos desequilíbrios orgânicos e psicológicos.
- O exercício da mediunidade não deve ser colocado como a culminação obrigatória das atividades do cooperador da casa espírita.

4. Os mecanismos da mediunidade

Na presente seção procuraremos reunir alguns informes sobre os mecanismos da faculdade mediúnica, ou seja, sobre como se dá o fenômeno mediúnico. A fonte básica continuará sendo Allan Kardec. Iniciemos com este trecho, já parcialmente transcrito, do capítulo "Manifestações dos Espíritos" de **Obras Póstumas** (§ 6, no 34; o destaque é nosso):

O fluido perispíritico é o agente de todos os fenômenos espíritas, que só se podem produzir pela ação recíproca dos fluidos que emitem o médium e o Espírito. O desenvolvimento da faculdade mediúnica depende da natureza mais ou menos expansível do perispírito do médium e da maior ou menor facilidade da sua assimilação pelo dos Espíritos.

Esmiuçando as informações aqui contidas, notamos:

1. O perispírito desempenha papel de capital importância no processo mediúnico.
2. Sendo o perispírito "o agente de todos os fenômenos espíritas", e estes só podendo produzir-se pela ação recíproca dos fluidos que emitem o médium e o Espírito, temos como regra sem exceções que, ocorrendo um fenômeno de comunicação com o mundo espiritual, necessariamente haverá a participação de um médium. Em alguns casos, como em certas manifestações de efeitos físicos, não se nota a presença do médium, mas podemos estar certos de que haverá alguém, em algum lugar, servindo de médium, ainda mesmo que este não esteja consciente do papel que desempenha. Também percebemos que serão vão os esforços de certos pesquisadores que, desprezando a riquíssima contribuição do Espiritismo para o estudo daquilo que (impropriamente) denominam "paranormalidade", tentam detectar o Espírito unicamente por meio de aparelhos. Se algum instrumento chegar a registrar um espírito, é porque houve a participação oculta de algum médium. Neste caso, seria mais confiável analisar a manifestação diretamente, sem o recurso indireto de instrumentos, que sempre constituem fonte adicional de incertezas.
3. A presença da faculdade mediúnica em alguém liga-se à possibilidade de seu perispírito "expandir-se". Veremos logo mais que essa "expansão" do corpo espiritual pode ser entendida como a sua parcial desvinculação do corpo físico.
4. A efetivação da comunicação exige, além da "expansão" do perispírito do médium, a assimilação deste com o perispírito do Espírito comunicante, ou seja, tem de haver sintonia entre ambos. Esse fato importante, de que o médium em geral não é capaz de comunicar-se indiscriminadamente com todos os Espíritos, é exposto em **Obras Póstumas** imediatamente após o trecho que acabamos de transcrever (§ 6, no 35; os grifos são nossos):

As relações entre os Espíritos e os médiuns se estabelecem por meio dos respectivos perispíritos, dependendo a facilidade dessas relações do grau de afinidade existente entre os dois fluidos. Alguns há que se combinam facilmente, enquanto outros se repelem, donde se segue que não basta ser médium para que uma pessoa se comunique indistintamente com todos os Espíritos. Há médiuns que só com certos Espíritos podem comunicar-se ou com Espíritos de certas categorias, e outros que não o podem a não ser pela transmissão do pensamento, sem qualquer manifestação exterior.

No exame do assunto do item 3, podemos colher subsídios em André Luiz, o autor espiritual que tanto tem contribuído para a extensão de nosso conhecimento científico acerca da mediunidade. Em sua obra **Evolução em Dois Mundos**, ao analisar a fase evolutiva em que se elaborava a faculdade de desprendimento do veículo perispíritual durante o sono (capítulo 17, item "Mediunidade espontânea"), adianta esta valiosa informação (grifamos):

Consolidadas semelhantes relações com o Plano Espiritual [...], começaram na Terra os movimentos de mediunidade espontânea, porquanto os encarnados que demonstrassem capacidades mediúnicas mais evidentes, pela comunhão menos estreita entre as células do corpo físico e do corpo espiritual, em certas regiões do campo somático, passaram das observações durante o sono às da vigília, a princípio fragmentárias, mas acentuáveis com o tempo [...].

Vemos, assim, que o respeitado cientista deixa entrever a correlação íntima entre a possibilidade de contato com a realidade espiritual durante a vigília (mediunidade) e um certo "afrouxamento" das ligações entre as células do perispírito e as suas correspondentes do corpo material. Prosseguindo, André Luiz explicita mais essa correlação:

Quanto menos densos os elos de ligação entre os implementos físicos e espirituais, nos órgãos da visão, mais amplas as possibilidades na clarividência, prevalecendo as mesmas normas para a clariaudiência e modalidades outras, no intercâmbio entre as duas esferas [...].

Refletindo um pouco sobre as assertivas de André Luiz, verificamos, inicialmente, que não conflitam com a explicação dada por Kardec, em termos da capacidade de expansão do perispírito do médium. Há, pelo contrário, até um reforço, já que a noção de "expansão" é aqui suficientemente abrangente e flexível para permitir ulteriores elaborações e detalhamentos, dentro da natureza eminentemente progressiva do Espiritismo. Podemos compreender, deste modo, a "expansibilidade" do perispírito como a sua faculdade de desvinculação parcial e temporária do corpo físico, passando, nesse estado especial, a partilhar da realidade do mundo espiritual para nela colher impressões diversas, sem no entanto perder a possibilidade de atuação sobre o corpo denso.

É fundamental deixar claro que o que acabamos de expor não corrobora de modo algum a idéia popular de que no processo mediúnico o Espírito do médium "sai" e "dá lugar" ao Espírito comunicante, que passaria então a

servir-se diretamente do corpo do médium. Os Instrutores Espirituais já esclareceram a Kardec, no importante capítulo "Do papel do médium nas comunicações espíritas" de **O Livro dos Médiuns** que essa idéia não corresponde à realidade. A mensagem sempre passa pelo Espírito do médium, mesmo quando ele não guarda disso a consciência ao despertar do transe. Vejamos o que dizem no item sexto do parágrafo 223:

O Espírito que se comunica por um médium transmite diretamente o seu pensamento, ou este tem por intermediário o Espírito do médium?

"É o Espírito do médium que é o intérprete, porque está ligado ao corpo que serve para falar e por ser necessária uma cadeia entre vós e os Espíritos que se comunicam, como é preciso um fio elétrico para comunicar à grande distância uma notícia e, na extremidade do fio, uma pessoa inteligente que a receba e transmita".

Compreendemos então que, em última instância, o comando do veículo físico só pode ser feito pelo seu próprio "dono". Poderíamos dizer que o corpo material é feito "sob medida" para cada Espírito, e que não "serve" para nenhum outro. O Espírito estranho não tem como agir diretamente sobre as células materiais formadas sob a influência de outro Espírito e para o seu próprio uso.

É interessante notar que nas questões seguintes à transcrita os Espíritos frisam mesmo enfrentando uma oposição inicial de Kardec que essa é uma regra absoluta, sem exceções, nem mesmo na mediunidade dita "mecânica", ou ainda nos casos de efeitos físicos onde uma mensagem inteligente é transmitida (tipologia, escrita por meio de pranchetas etc). Vemos, na questão 10 do referido parágrafo, que os Espíritos expressam indiretamente sua desaprovação a esse modo de denominar a mediunidade na qual o médium não guarda consciência do conteúdo da comunicação: o médium jamais atua como máquina, mecanicamente.

Resumindo o conteúdo desta seção:

- O perispírito desempenha papel essencial em todos os processos mediúnicos.
- A faculdade mediúnica liga-se à possibilidade de o perispírito desvincular-se parcialmente do corpo físico durante a vigília.
- A comunicação não se efetiva sem que haja sintonia entre os perispíritos do médium e do Espírito.
- A comunicação espiritual, ainda que de efeitos físicos, sempre passa pelo Espírito do médium.

5. As modalidades mediúnicas

Um aspecto importante dos esclarecimentos de André Luiz é que permitem compreender não somente como se dá o fenômeno mediúnico, mas também o porquê da existência de diferentes modalidades de mediunidade. Observamos, pelos trechos citados, que a faculdade mediúnica será deste ou daquele tipo conforme a região do organismo em que as células do perispírito apresentem maiores possibilidades de desvinculação das que lhe correspondem no corpo físico. Desse modo, segundo o exemplo dado, se for nos órgãos da visão que ocorre a maior liberdade das células do perispírito, a mediunidade assumirá a forma de vidência; se nos órgãos da audição, a de audiência; se nos da fala, a de psicofonia, e assim por diante.

Devemos notar, no entanto, que os órgãos a que se refere André Luiz são, conforme se depreende de outras passagens de sua obra, não tanto os órgãos periféricos olhos, ouvidos, mãos etc., mas fundamentalmente as regiões do cérebro responsáveis por seu comando. De fato, a ciência mostrou que há no cérebro grupos de neurônios (células nervosas) mais ou menos especializados para as diversas faculdades sensoriais e motoras. No caso da visão, por exemplo, tais neurônios recebem, através do nervo óptico, os impulsos elétricos gerados na retina do olho, sinais esses que a alma interpreta como imagens. O mesmo se dá, mutatis mutandis, com os demais sentidos. No caso das funções motoras, ao comando da alma determinados centros cerebrais enviam, através dos diferentes nervos, impulsos elétricos aos músculos, resultando daí os movimentos corporais.

Kardec dividiu os médiuns em duas grandes categorias: os de efeitos físicos e os de efeitos intelectuais. Os primeiros são "aqueles que têm o poder de provocar efeitos materiais, ou manifestações ostensivas"; os segundos, "os que são mais especialmente próprios a receber e a transmitir comunicações inteligentes" (**O Livro dos Médiuns**, parágrafo 187). Para fins didáticos, é conveniente subdividir a categoria de efeitos inteligentes em dois grupos: efeitos sensoriais (percepção da realidade espiritual na forma de uma impressão dos sentidos) e efeitos intelectuais propriamente ditos (transmissão de uma mensagem inteligente pela palavra escrita, oral, por gestos etc.).

Apresentaremos agora um quadro sinótico com os principais tipos de fenômenos mediúnicos, associados às diversas modalidades mediúnicas. Trata-se de uma adaptação do que foi elaborado por Jayme Cerviño em seu livro Além do Inconsciente, reunindo apenas as modalidades mais importantes. Nesse interessante e original livro, o autor infere, a partir de estudos clássicos da psicologia experimental e da neurofisiologia, bem como de investigações sobre os fenômenos espíritas, quais regiões do encéfalo estariam associadas às diferentes categorias de fenômenos espíritas.

EFEITOS INTELECTUAIS **(mediunidade de expressão cortical)**

Efeitos estritamente intelectuais (córtex frontal)
<ul style="list-style-type: none"> • intuição • psicografia • psicofonia • psicopraxia
Efeitos sensoriais (córtex extrafrontal)
<ul style="list-style-type: none"> • vidência • audiência • sensitividade
EFEITOS FÍSICOS (mediunidade de expressão subcortical)
Teleurgia
<ul style="list-style-type: none"> • sons • luzes • odores • movimentos • curas
Teleplastia
<ul style="list-style-type: none"> • materializações
Somatização
<ul style="list-style-type: none"> • transfiguração • estigmatização

6. O exercício da mediunidade

Na seção 2 deste trabalho vimos que se deve fazer uma distinção clara entre a mediunidade, enquanto faculdade, e o seu uso ou exercício. Se a faculdade em si é neutra, o mesmo não vale para o seu uso, que pode ser bom ou mau, dependendo da condição moral do médium.

Na Introdução de **O Livro dos Médiuns** Kardec destaca entre os objetivos da obra a orientação para que a mediunidade seja empregada de modo útil. Um requisito essencial para isso é a compreensão de sua natureza e mecanismos, no que o Espiritismo tem contribuído de forma decisiva. Respeitando a liberdade humana, ele não poderia prescrever normas de conduta para os médiuns de maneira cega, impositiva, sem um esclarecimento racional da sua necessidade. É fácil constatar a justeza da afirmação de Kardec, nessa mesma Introdução, de que **"as dificuldades e os desenganos com que muitos topam na prática do Espiritismo se originam na ignorância dos princípios desta ciência"**.

A preocupação com a compreensão e o exercício corretos da mediunidade vem sendo partilhada pelos espíritas sérios, que se conscientizaram da necessidade do crescimento espiritual do médium para que sua faculdade seja bem empregada. Muitos dos grandes autores espíritas dos dois planos da vida nos têm legado estudos e lições preciosas sobre a mediunidade e seu objetivo. Procuraremos, no que se vai seguir, compilar alguns desses ensinamentos.

Começemos, no entanto, com **O Livro dos Médiuns**, em cujo parágrafo 226 Kardec pergunta aos Espíritos (no 3):

Os médiuns que fazem mau uso de suas faculdades, que não se servem delas para o bem, ou que não as aproveitam para se instruírem, sofrerão as conseqüências dessa falta?

"Se delas fizerem mau uso, serão punidos duplamente, porque têm um meio a mais de se esclarecerem e não o aproveitam. Aquele que vê claro e tropeça é mais censurável do que o cego que cai no fosso."

A questão da responsabilidade moral do uso da mediunidade é semelhante à das demais faculdades do homem. Aquele que emprega mal a inteligência, a palavra, os dotes artísticos ou a força física arcará com as consequências desse emprego, devendo expiar e reparar as faltas cometidas. No caso da mediunidade há um agravante, conforme se salienta na resposta dada, pois ela é poderoso recurso iluminativo.

É por meio da mediunidade que nos certificamos de nossa natureza imortal, fato de suma importância, em torno do qual gira todo o Espiritismo e sua doutrina moral. É ela que nos desvenda a vida futura, possibilitando-nos conhecer de modo abrangente os efeitos de nossas ações. Ajuizaremos então com mais acerto sobre o que nos convém ou não fazer, com vistas à nossa felicidade integral.

Para nós, os encarnados, a mediunidade constitui advertência contra o equívoco de tudo considerarmos do ponto de vista de nossos interesses materiais e imediatos, incentivando-nos a lutar contra o egoísmo, o embrutecimento dos prazeres, a estagnação do conhecimento.

Para os desencarnados sofrendores, revoltados ou aturdidos, representa muitas vezes a via preferencial de despertamento, possibilitando-lhes retomar o progresso espiritual. A maioria das instituições espíritas em nosso país hoje em dia centraliza sua atuação mediúnica precisamente nessa tarefa, tão louvável pelos benefícios que espalha, mas também tão delicada em sua condução, exigindo muito preparo da equipe, quer no que concerne ao conhecimento doutrinário e à disciplina, quer quanto ao espírito fraterno e à devoção incondicional ao bem do próximo.

A esse respeito adverte Emmanuel no capítulo "Examinando a mediunidade" do livro **Encontro Marcado**:

O exercício da mediunidade nas tarefas espíritas exige larga disciplina mental, moral e física, assim como grande equilíbrio das emoções.

Na obra **Educação e Vivência**, lição "**Mediunidade e problemas**", o Espírito Camilo tece as seguintes considerações, ainda dentro desse tópico:

Tristemente, porém, muitas dessas criaturas que se sabem ou se imaginam médiuns não são bafejadas pelos recursos de amadurecido estudo, a fim de que compreendam o que é que se passa nesse vasto território dos fenômenos psíquicos.

Seria de esperar que os indivíduos que se embrenham pelos bosques das percepções mediúnicas fossem caindo em si, aprendendo que todos terão que dar conta desses talentos formidáveis que lhes são concedidos, nas experiências terrenas, na condição de empréstimo, proporcionando liberdade e ventura íntimas, logrando evadir-se dos tormentosos episódios do pretérito culposo ou negligente.

E em Cintilação das Estrelas (capítulo 32) esse lúcido Espírito prossegue no assunto:

Em mediunidade é importante que o médium se aplique em melhorar-se a si próprio, ampliando as percepções, iluminando-se a cada hora, nas lutas que deve enfrentar, na pauta do cotidiano.

O desenvolvimento da mediunidade marcha ladeando o desenvolvimento do médium. Quanto melhor o indivíduo, maior a sua fulgência mediúnica no bem.

Aprimore-se o homem para que se lhe ampliem as posições de sensibilidade mediúnica.

Têm-se infelizmente observado muitos agrupamentos mediúnicos descuidados quanto às superiores finalidades da mediunidade, bem como quanto às diretrizes doutrinárias que devem guiar sua prática. Não raro desenvolvem suas atividades de forma ritualística, tratando os médiuns como simples máquinas de comunicação.

No momento do intercâmbio, os trabalhadores assumem posturas formais, como que denotando concentração e devoção ao bem, mas que nem sempre se fazem acompanhar das atitudes íntimas correspondentes. Manoel Philomeno de Miranda comentou esse tópico no capítulo intitulado "**Mediunidade e viciação**", do livro **Sementeira da Fraternidade** (p. 123):

O médium é filtro por cuja mente transitam as notícias da vida além-da-vida.

Nesse sentido, consideramos a concentração mental de modo diverso dos que a comparam a interruptor de fácil manejo que, acionado, oferece passagem à energia comunicante, sem mais cuidados... A concentração, por isso mesmo, deve ser um estado habitual da mente em Cristo, e não uma situação passageira junto ao Cristo.

Já analisamos na seção 3 a situação na qual o aparecimento da faculdade mediúnica se dá juntamente com desequilíbrios físico-espirituais variados, destacando o erro dos que consideram tais distúrbios como uma consequência da mediunidade em si. Em **Educação e Vivência** (p. 111), Camilo enfoca outro ângulo dessa questão:

A decantada "**mediunidade de provas**" não passa de episódio no qual alguém em provas e sérias expiações recebeu da Divina Misericórdia as excelências da sensibilidade mediúnica, através de cujas portas será chamado ou convocado à assunção de responsabilidades, bem como ao cumprimento dos deveres para com Deus, através do próximo.

Dessa forma a mediunidade, mesmo quando se apresente assinalada por impertinentes padecimentos dos médiuns, representa para eles a mão da Celeste Providência evitando dores maiores e tormentos mais acerbos.

A origem do nosso sofrimento, da nossa aflição, não reside na mediunidade, mas a bagagem de desacertos que ainda trazemos, acumulada nesta e em vidas pregressas. É por isso que nossos recursos mediúnicos, neutros em si

memos, amiúde ainda se ligam aos mundos de sombra. Mal empregada, a mediunidade significará o cultivo da ignorância, a disseminação da dúvida e da mentira, o insuflamento do egoísmo e do orgulho, da vaidade e do personalismo, o verbo e o texto degradantes, a manipulação de forças mentais deletérias, a porta aberta às obsessões.

No capítulo 39 do livro **Sementeira da Fraternidade**, Vianna de Carvalho descreve a mediunidade como "canal cósmico por onde transitam seguras as consolações e esperanças para o atribulado espírito humano" (p. 179), destacando outro aspecto da mediunidade: o consolo que prodigaliza ao homem em sua vida de incertezas e de dores. Que de mais belo existe do que saber que o abismo que se imagina existir entre nós e os entes queridos que já partiram não é intransponível; que os sofrimentos que não conseguimos evitar têm causas justas ligadas ao nosso passado!...

Dádiva com que a misericórdia divina nos favorece, informando-nos de nossa natureza de seres imortais, a mediunidade bem empregada reveste as formas de esclarecimento acerca da vida além-túmulo, de consolo para os que perderam a esperança, de advertência salvadora para os equivocados, de amparo para os que cambaleiam, de recursos terapêuticos para os que enfermaram, de despertar para os sofredores e os trânsfugas do dever que já cruzaram a aduana da morte. Daí a necessidade de desenvolvermos esse abençoado talento, nos trabalhos da caridade, nos exercícios constantes de benevolência para com todos, indulgência para com as imperfeições dos outros, de perdão das ofensas, conforme a questão 886 de **O Livro dos Espíritos**.

Reconheçamos, acima de tudo, que mais importante do que sermos bons médiuns, no que toca à faculdade, é sermos médiuns bons, a serviço de Jesus.

Referências bibliográficas

ANDRÉ LUIZ. **Nos Domínios da Mediunidade**. (Médium Francisco Cândido Xavier.) 13ª ed., Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, 1955. **Evolução em Dois Mundos**. (Médiuns Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira.) 1ª ed., Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, 1959.

CAMILO. **Cintilação das Estrelas**. (Médium José Raul Teixeira.) Niterói, Fráter, 1992. **Educação e Vivência**. (Médium José Raul Teixeira.) Niterói, Fráter, 1993.

CERVIÑO, J. **Além do Inconsciente**. 2ª ed., Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, 1968.

CHIBENI, S. S. "Espiritismo e ciência", **Reformador**, maio de 1984, pp. 144-47 e 157-59. "A excelência metodológica do Espiritismo", **Reformador**, novembro de 1988, pp. 328-333, e dezembro de 1988, pp. 373-378. "O paradigma espírita", **Reformador**, junho de 1994, pp. 176-80.

EMMANUEL. **O Consolador**. (Médium Francisco Cândido Xavier.) 8ª ed., Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, 1940. **Encontro Marcado**. (Médium Francisco Cândido Xavier.) 6ª ed., Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira.

JOANNA DE ÂNGELIS. **Estudos Espíritas**. (Médium Divaldo P. Franco.) 2ª ed., Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, 1982.

KARDEC, A. **Le Livre des Esprits**. Paris, Dervy-Livres, s.d. (dépôt légal 1985). **Instruction Pratique sur les Manifestations Spiritiques**. Paris, La Diffusion Scientifique, 1986. **Le Livre des Médiuns**. Paris, Dervy-Livres, s.d. (dépôt légal 1978). **O Livro dos Médiuns**. Trad. Guillon Ribeiro, 59ª ed., revista, Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, s.d. L'Évangile selon le Spiritisme. (Reprodução fotográfica da 3ª edição francesa.) 1ª ed., Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, 1979. **Oeuvres Posthumes**. Paris, Dervy-Livres, 1978. **Obras Póstumas**. Trad. Guillon Ribeiro, 18ª ed., Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, s.d. **L'Obsession**. (Extratos da **Revue Spirite**.) Farcinnes, Éditions de L'Union Spirite, 1950.

PEREIRA, Y.A. **Devassando o Invisível**. 4ª ed., Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, 1963.

PHILOMENO DE MIRANDA, Manoel. "Mediunidade e viciação", in: **Sementeira da Fraternidade**. (Ditado por Espíritos diversos a Divaldo Pereira Franco.) 3ª ed., Salvador, Livraria Espírita Alvorada Editora, 1979. Capítulo 25, pp. 121-24.

VIANNA DE CARVALHO. "Hipnose e mediunidade", in: **Sementeira da Fraternidade**. (Ditado por Espíritos diversos a Divaldo Pereira Franco.) 3ª ed., Salvador, Livraria Espírita Alvorada Editora, 1979. Capítulo 39, pp. 177-81.

This page is hosted by Geocities. Get your free homepage and e-mail at <http://www.geocities.com>
(Artigo publicado na Revista Internacional de Espiritismo, setembro de 1996, pp. 247-49.)

QUADRO DOS PRINCIPAIS FATOS REFERENTES A ALLAN KARDEC E ÀS ORIGENS DO ESPIRITISMO

SILVIO SENO CHIBENI

1. Introdução

Neste trabalho procuraremos reunir alguns dados importantes da história do Espiritismo, especialmente os referentes a Allan Kardec e ao Espiritismo nascente. Nossa fonte básica será a obra Allan Kardec, em três volumes, da autoria de Zéus Wantuil e Francisco Thiesen, dada a público pela Federação Espírita Brasileira em 1979/80. Qualquer estudioso do Espiritismo reconhecerá prontamente que ela representa o mais completo e rigoroso estudo já publicado sobre a vida e a obra de Kardec. Os volumes 2 e 3, da autoria de Thiesen, contém ainda análises e comentários de grande justeza e profundidade sobre muitos tópicos referentes à doutrina e ao movimento espíritas.

Os três volumes dessa obra apresentam uma massa de informações bastante densa. Dispõem de índices antroponímicos, mas não trazem índices analíticos. Nos dois últimos volumes, os capítulos são de amplas proporções, contendo muitas seções. Thiesen optou, certamente com razões ponderáveis, por não fazer uma apresentação cronológica dos fatos. Tudo isso dificulta sobremodo a localização dos assuntos. Por tais motivos, julgamos útil compilar aqui, de forma mais simples e direta, alguns dos acontecimentos mais importantes. Fomos motivados por nossa experiência pessoal, de muitas vezes quisermos citar datas e lugares precisos e não conseguirmos encontrar de pronto as referências. Também pode ser de alguma utilidade dispor de um painel sucinto dos fatos, que permita sua visualização global.

Naturalmente, sabemos que o que mais importa não são os nomes, as datas e os lugares, mas a sua significação histórica, científica e filosófica. O pesquisador cuidadoso não poderá dispensar a respeitável obra de Thiesen e Wantuil. Também deve-se lembrar que a segunda parte das **Obras Póstumas** de Allan Kardec consiste de textos de enorme relevância para a história do Espiritismo, repletos, como não poderia deixar de ser, de preciosas considerações doutrinárias. O mesmo vale para os volumes da **Revue Spirite** editados por Kardec.

Há algumas outras fontes sobre o Espiritismo e sua história, que podem ser consultadas, embora nem de longe se aproximem, em abrangência e precisão, da que nos legaram Thiesen e Wantuil. Entre elas encontram-se:

Moreil, André. **La vie et l'Œuvre d'Allan Kardec**. Paris, Vermet, sem data. (Wantuil menciona outra edição parisiense, Éditions Sperar, de 1961; Thiesen se refere a uma tradução para o vernáculo, de Miguel Maillet, publicada sem data pela Edicel. Ver Allan Kardec, vol. I, pp. 79 e 26, respectivamente.)

Sausse, Henri. **Biographie d'Allan Kardec**. 4a ed., Paris, Éditions Jean Meyer, 1927. A Federação Espírita Brasileira faz figurar uma tradução dessa biografia em sua edição de **O que é o Espiritismo**, sem indicação do tradutor. ⁽⁴⁰⁾

Para facilidade de referência, adotaremos as seguintes abreviaturas:

AK I, AK II e AK III respectivamente volumes I, II e III da obra Allan Kardec.

OP **Obras Póstumas**

RS ou **Revue Spirite**

SPES Societé Parisienne des Études Spirités

FEB Federação Espírita Brasileira

Os números que aparecerão diante desses símbolos referem-se a páginas das obras, salvo indicação em contrário. Utilizamos a 1ª edição de Allan Kardec e a 18ª edição da tradução febian de **Obras Póstumas**, traduzida por Guillon Ribeiro (confrontada com o original francês: Paris, Dervy-Livres, 1978).

2. Hippolyte-Léon Denizard Rivail

1804 - (3/10) - Nascimento de Hippolyte-Léon Denizard Rivail, o futuro Allan Kardec, em Lyon, a segunda maior cidade francesa depois de Paris. Seus pais foram Jean-Baptiste Antoine Rivail, homem de leis, e Jeanne Louise Duhamel, residentes à Rue Sale, 76; essa casa foi demolida ainda em meados do século XIX. (AK I 29)

1815 - Rivail segue para o Instituto de Johann Heinrich Pestalozzi para continuar seus estudos. O Instituto ficava na cidade de Yverdon, Suíça, e funcionava em regime de internato. Os alunos recebiam ali educação integral esmerada, segundo inovador método pedagógico do famoso professor, baseado na convicção de que o amor é o eterno fundamento da educação. (AK I caps. 2 a 11 e 15)

1822 - Rivail deixa Yverdon e instala-se em Paris. Não há certeza plena sobre essa data. Sabe-se que em janeiro de 1823 já residia à Rue de la Harpe, 117. Confirma-se também que pelo menos de 1828 a 1831 morou na Rue de Vaugirard, 65. (AK I caps. 12 e 21)

1824 - Rivail publica o seu primeiro livro didático, o Cours pratique et théorique d'arithmétique, concebido segundo o método pestalozziano. Foi publicado em Paris na Imprimerie de Pillet Ainé, Rue Christine, 5. (AK I caps. 14 e 16)

1825 - Rivail funda a sua primeira escola, a École de Premier Degré. (AK I cap. 18)

⁽⁴⁰⁾ A primeira edição dessa biografia data de 1896 e aparecia traduzida na coletânea **O Principiante Espírita**, que a FEB publicava no passado; a quarta edição foi prefaciada por Leon Denis (ver Allan Kardec, vol. I, pp. 200, 198 e 29; vol. II, p. 15). Há referências a uma "nouvelle édition", de 1910, com prefácio de Gabriel Delanne (ver *ibid.*, vol III, p. 117 e vol II, p. 15).

1826 - É fundada a Institution Rivail, instituto técnico, sito à Rue de Sèvres, 35; funcionou até 1834. Neste mesmo local existiria depois o Lycée Polymathique, dirigido também por Rivail, até 1850, quando foi cedido a A. Pilotet. A partir dessa data o Prof. Rivail não mais exerceria atividades didáticas. (AK I cap. 19 e pp. 131, 145 e 146)

1828 - Rivail dá a público o "**Plan proposé pour l'amélioration de l'éducation publique**", sugerindo diretrizes para a educação pública. (AK I cap. 21)

1831 - Aparece, da autoria de Rivail, a Grammaire Française Classique sur un nouveau plan. (AK I cap. 22)

1832 - Casa-se com Amélie-Gabrielle Boudet (1795-1883), que seria sua dedicada companheira e apoio de todos os momentos, até a sua desencarnação. Conhecida mais tarde entre os espíritas como "Madame Allan Kardec", Amélie-Gabrielle era professora e colaborou com o esposo em suas atividades didáticas. Nunca tiveram filhos, conforme explicitamente se lê na Revue Spirite de 1862. (AK I cap. 20, III 45)

Rivail e sua esposa foram pessoas dignas, de moralidade inatacável, dedicando-se integralmente ao cultivo dos ideais superiores da cultura, da educação, do bem. Lutaram a favor das causas da liberdade de ensino e da educação para meninas. Rivail ministrou por muitos anos cursos gratuitos para crianças pobres. Além de mestre, foi sempre amigo dos alunos. (AK I cap. 23 a 29)

Do ponto de vista material, o casal Rivail levou vida simples, não raro enfrentando dificuldades econômicas. Na fase espírita, seus poucos recursos seriam empregados na publicação das obras iniciais e em outras despesas referentes ao Espiritismo. Nos anos de maiores limitações, Rivail complementou sua receita com empregos temporários modestos, como o de contador. (AK I cap. 33) á referências seguras de cerca de 21 textos publicados pelo Prof. Rivail, entre livros didáticos e opúsculos diversos referentes à educação. (AK I cap. 37)

Rivail possuía sólida erudição, conhecendo bastante bem as diversas ciências, a filosofia e as artes. Traduziu obras alemãs e inglesas para o francês, e vice-versa. Foi membro de diversas academias culturais, possuindo vários diplomas. (AK I caps. 22, 30, 35)

Contrariamente ao que afirmou Henri Sausse, e alguns mantêm até hoje, Rivail não foi médico (AK I cap. 31). Também não há evidência de que tenha sido maçom, sendo mais razoável assumir que não o foi (AK I cap. 32).

3. Das observações iniciais à primeira edição de O Livro dos Espíritos

1848 - Início dos famosos fenômenos espíritas que envolveram a família Fox, em Hydesville (EUA). A 28 de março verificam-se as primeiras manifestações físicas; três dias após, estabeleceu-se a primeira comunicação tiptológica. Em poucos anos, fenômenos semelhantes passaram a chamar a atenção pública não somente nos Estados Unidos, mas também na Europa. Foi a fase das chamadas "**mesas girantes**". (AK II 49-60; ver também **As Mesas Girantes e o Espiritismo**, de Zeus Wantuil, publicado pela FEB.)

1854 - Rivail é informado pelo Sr. Fortier, magnetizador seu conhecido, acerca da ocorrência dos fenômenos das mesas girantes. Embora estranhando-os, não os julgou impossíveis, já que poderiam ter alguma causa física ainda não bem determinada. No entanto, algum tempo depois esse mesmo Sr. Fortier lhe disse que as mesas também "falavam", isto é, davam sinais de inteligência. A reação agora foi cética: "**Só acreditarei quando o vir e quando me provarem que uma mesa tem cérebro para pensar, nervos para sentir e que possa tornar-se sonâmbula.**" (OP 265; AK II 62)

1855 - No início desse ano, o Sr. Carlotti faz-lhe longo relato dos singulares fenômenos. Embora Rivail o conhecesse há 25 anos, mais uma vez expressa reservas, dado o temperamento exaltado do amigo, tão em oposição ao seu. (OP 266; AK II 124)

1855 - Em maio, Rivail vai, em companhia de Fortier, à casa da Sra. Roger, sonâmbula, onde conhece o Sr. Pâtier e a Sra. Plainemaison. Este lhe fala dos fenômenos, mas com seriedade e frieza, o que o predispõe, finalmente, a observar os fatos. (OP 266)

1855 - Assim foi que, ainda em maio, a convite de Pâtier, Rivail assiste a algumas experiências na casa da Sra. Plainemaison, sita à Rue Grange-Batelière, 18. Rivail impressiona-se com os fenômenos, que se verificavam em condições "**que não deixavam lugar para qualquer dúvida. [...] Havia ali um fato que necessariamente decorria de uma causa. Eu entrevia naquelas aparentes futilidades [...] qualquer coisa de sério, como que a revelação de uma nova lei, que tomei a mim estudar a fundo.**"(OP 267; AK II 64)

1855 - Numa dessas reuniões, conhece a família Baudin, então residente à Rue Rochechouart (a partir de 1856 iria para a Rue Lamartine; ver AK 64). Convidado pelo Sr. Baudin, passou a freqüentar assiduamente as sessões semanais que se realizavam em sua casa. Os médiuns eram as filhas do casal, Caroline e Julie, que no início escreviam com o auxílio de uma cestinha. ⁽⁴¹⁾ De numerosas e frívolas que eram, sob a influência de Rivail as reuniões passaram

⁽⁴¹⁾ Em **Obras Póstumas**, p. 271, há uma comunicação atribuída à mediunidade da Senhora ("Mme") Baudin; teria sido uma falha tipográfica, ou ela também era médium? Embora na página 67 Kardec diga que os médiuns eram "as duas senhoritas Baudin", nas comunicações mediúnicas transcritas nunca especifica qual serviu de médium, escrevendo simplesmente "Mlle Baudin". Na **Revue Spirite** de 1858 (ver AK II 64-65) Kardec refere-se explicitamente a uma série de comunicações transmitidas por Caroline, notando, incidentalmente, que "mais tarde o médium se serviu da psicografia direta". Em **OP 271** Kardec relata que em fins de 1857 ambas se casaram e a família se dispersou, ficando implícito que não pôde mais contar com sua mediunidade. Em seus controversos comentários à edição bilingüe da primeira edição de **O Livro dos Espíritos** (p. viii), Canuto Abreu avança que Caroline e a irmã tinham, em agosto de 1855, 16 e 14 anos, respectivamente, e que a mais velha era o médium principal; não pudemos confirmar essas informações em fontes independentes.

a reservadas e sérias, dedicadas à pesquisa racional e metódica do novo domínio. "Compreendi, antes de tudo, a gravidade da exploração que ia empreender; percebi, naqueles fenômenos, a chave do problema tão obscuro e tão controvertido do passado e do futuro da humanidade [...]. Era, em suma, toda uma revolução nas idéias e nas crenças; fazia-se mister, portanto, andar com a maior circunspeção, e não levemente; ser positivista e não idealista, para não me deixar iludir" (OP 267-68; AK II 64). Rivail submetia aos Espíritos séries de questões visando a elucidar problemas relativos à filosofia, à psicologia e à natureza do mundo invisível. Um grupo de intelectuais encarregou-o de analisar e joear cerca de 50 cadernos com comunicações espirituais diversas. (AK II 71, 68 e 125)

1856 - Nesse ano passou a freqüentar também as reuniões espíritas da casa do Sr. Roustan, na Rue Tiquetonne, 14. O médium era a Srta. Japhet, sonâmbula. As anotações de Rivail, provenientes em grande parte das comunicações obtidas pelas Srtas. Baudin, tomaram as proporções de um livro, embora se saiba que por volta de abril ainda não estava claro para ele que deveria ser um dia publicado (OP 276). Depois que isso se tornou evidente, foi por intermédio da Srta. Japhet que os Espíritos auxiliaram Rivail a fazer uma revisão completa do texto já elaborado. Era o "**O Livro dos Espíritos**". (OP 270, 276 e 277; AK II 72)

1856 - A 30 de abril, pela mediunidade da Srta. Japhet, Rivail tem a primeira notícia de sua missão, em linguagem bastante alegórica. Outras se seguiram, de cunho mais positivo. O conjunto dessas comunicações e, principalmente, os comentários de Rivail indicando sua reação, constitui leitura obrigatória para todo espírita, por sua beleza e elevada significação. (OP 277-87; AK II 69 e 72)

1857 - No início desse ano o texto manuscrito de O Livro dos Espíritos está concluído; o editor, E. Dentu, envia-o à Imprimerie de Beau, em Saint-Germain-en-Laye, que dista 23 km de Paris, a oeste (AK II 73 e 75). As despesas correm inteiramente por conta de Rivail (AK II 257). O casal Rivail residia então à Rue des Martyrs, 8, no segundo andar, nos fundos do pátio, onde estava pelo menos desde março de 1856 (OP 273).

1857 - A 18 de abril, vem à luz a primeira edição de o "**O Livro dos Espíritos**" (**Le livre des Esprits**). Contendo os princípios da doutrina espírita sobre a natureza dos Espíritos, suas manifestações e suas relações com os homens; as leis morais, a vida presente, a vida futura e o porvir da humanidade; escrito sob o ditado e publicado por ordem de Espíritos Superiores por Allan Kardec. Paris, E. Dentu, Libraire, Palais Royal, Galerie d'Orléans, 13. ⁽⁴²⁾

Essa primeira edição contém 501 questões, distribuídas em 3 partes (176 pp.). Afora a tábuca dos capítulos, há um útil índice analítico ("**Table alphabétique**"). Não há conclusões; apenas um Epílogo, de menos de uma página. As notas de Rivail, em número de 17, vêm todas no final, ocupando 12 páginas. Ao longo de toda a primeira parte ("**Livre premier. Doctrine spirite.**") adota-se uma forma de exposição dupla: na coluna da esquerda, perguntas e respostas; na da direita, o texto corrido equivalente. É nesta obra que Rivail adota o pseudônimo de Allan Kardec nome que teria tido em antiga encarnação entre os druidas, sacerdotes do povo celta, que ocupou a Gália, a Grã-Bretanha e a Irlanda (AK II 74-80). No Epílogo, anuncia-se para breve a publicação de um suplemento, contendo novos ensinamentos. No entanto, Kardec acaba desistindo da idéia, elaborando, em seu lugar, uma segunda edição "**inteiramente refundida e consideravelmente aumentada**", que viria a público em março de 1860 (ver seção 6 deste nosso trabalho). Em 1957 Canuto Abreu publicou edição bilíngüe da primeira edição de **O Livro dos Espíritos**, sob o título **O Primeiro Livro dos Espíritos** (São Paulo, Companhia Editora Ismael).

4. A Revista Espírita (Revue Spirite)

1858 - A 1º de janeiro Kardec lança o primeiro número da **Revista Espírita (Revue Spirite)**, jornal de estudos psicológicos. Contendo o relato das manifestações materiais ou inteligentes dos Espíritos, aparições, evocações, etc., assim como todas as notícias relativas ao Espiritismo. O ensino dos Espíritos sobre as coisas do mundo visível e do mundo invisível; sobre as ciências, a moral, a imortalidade da alma, a natureza do homem e seu porvir. A história do Espiritismo na Antigüidade; suas relações com o magnetismo e o sonambulismo; a explicação das lendas e crenças populares, da mitologia de todos os povos, etc. Paris; bureau à Rue des Martyrs, 8.

O primeiro número, com 36 páginas, foi impresso na Imprimerie de Beau, em Saint-Germain-en-Laye, a mesma que já imprimira **O Livro dos Espíritos**; as despesas, como no caso desse livro, também ficaram por conta e risco de Kardec (AK III 21-33; II 76). A Revista era de periodicidade mensal e durante a vida de Kardec funcionou em sua própria residência, ou seja:

1º /1/1858 - Rue des Martyrs, 8.

15/7/1860 - Passage Ste.-Anne (Rue Ste.-Anne, 59).

1/4/1869 - Nessa data estava programada a transferência dos Escritórios e do Expediente para a Librairie Spirite,* Rue de Lille, 7, que também sediaria provisoriamente a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas; a Redação iria para a Villa Ségur (Av. de Ségur, 39), casa de propriedade de Kardec pelo menos desde 1860, para a qual se mudaria com a dedicada esposa. (AK III 21-24, 35-37, 118-19; II, pp. 24-25)

⁽⁴²⁾ Esses dizeres que se seguem ao título são os que constam da página de rosto da obra (ver fac-símile à p. 75 de AK II). Observações semelhantes valem para os demais livros de Kardec mencionados nas seções seguintes.

Era Kardec quem redigia integralmente a revista e cuidava de toda sua correspondência e expedição, trabalho hercúleo suficiente para consumir todo o tempo de uma pessoa ordinária. E isso era apenas uma parte de seus trabalhos, havendo ainda os livros, a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos, as centenas de visitantes anuais, as viagens... ⁽⁴³⁾

A **Revue Spirite** constitui rico manancial doutrinário, pouco explorado pelos espíritos. Os originais franceses, ainda necessários para pesquisas cuidadosas, são raríssimos em todo o mundo. Kardec discorre sobre a idéia da criação da Revista em OP 293-94. Em suas próprias palavras, ela tornou-se-lhe "**poderoso auxiliar**" na elaboração da doutrina e na implantação do movimento espírita (AK III 22; OP 294). Seus objetivos principais eram (AK III 21-33; II 24-25):

1. Veicular relatos e análises espíritos de fenômenos espíritos, psicológicos, sociológicos etc.;
2. Publicar produções mediúnicas selecionadas, obtidas na SPES ou enviadas por correspondentes;
3. Sondar a opinião dos homens e dos Espíritos sobre princípios em elaboração;
4. Comentar, à luz do Espiritismo, artigos de jornais, obras literárias, filosóficas e científicas.

Kardec editou a Revue até o número de abril de 1869, inclusive. Após a morte de Kardec (31/3/69) ela continuou sendo publicada, graças ao idealismo da Senhora Allan Kardec, de Pierre-Gaëtan Leymarie e de Jean Meyer, principalmente (AK III 153-57; Reformador, 09/1990, p. 286). A partir de 1913, adotou-se ao título da revista o artigo 'la' ('a'), que ficou, desde então '**La Revue Spirite**' (AK III 32 e 47). Em lamentável decisão, foi extinta em 1976 por André Dumas, junto com a Union Spirite Française, ⁽⁴⁴⁾ para dar lugar a Renaître 2000 e a Union des Sociétés Francophones pour l'Investigation Psychique et l'Étude de la Survivance (USFIPES), ambas de cunho não-espírita. Sob a lúcida e firme direção de Francisco Thiesen, a FEB emvidou esforços para salvá-la em 1977, não obtendo sucesso (AK III 45-57). Felizmente, em 11 de maio de 1989 a Union Spirite Française et Francophone, com sede em Tours, conseguiu judicialmente recuperar o título, retomando a publicação da Revue, com periodicidade trimestral. ⁽⁴⁵⁾

5. A Société Parisienne des Études Spiritiques (SPES)

1857 - Por volta de outubro desse ano iniciaram-se reuniões espíritos na residência do casal Allan Kardec, à Rue des Martyrs, 8. Aconteciam às terças-feiras à noite, e o médium principal era a Srta. Ermance Dufaux. Com o número crescente de freqüentadores, fez-se indispensável encontrar um local mais amplo. A solução encontrada foi alugar uma sala, cotizando-se as despesas entre as pessoas. (OP 294-95; AK III 34)

1858 - A 1^o de abril é fundada legalmente a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos, ou, em francês, Société Parisienne des Études Spiritiques, cujo título Kardec freqüentemente abreviava para 'Société Spirite de Paris', 'Société des Études Spiritiques', ou mesmo 'Société de Paris'.

Foi nas reuniões semanais da Société que boa parte das atividades mediúnicas e de estudo supervisionadas por Kardec se desenvolveram. As portas da SPES não eram abertas ao público, conquanto houvesse "**reuniões gerais**" em que visitantes apresentados por membros da Société podiam ser admitidos; essas reuniões se alternavam, semanalmente, com as "**reuniões particulares**", às quais somente os sócios tinham acesso. Isso se compreende perfeitamente, dados os objetivos das reuniões, ligados essencialmente à pesquisa teórica e experimental dos fenômenos. A Société era, assim como a Revue, um terreno de elaboração da doutrina espírita. (OP 294-95; AK III 34-44; II 36-37)

Durante a vida de Kardec, a Sociedade Espírita de Paris ocupou três endereços (OP 295; AK III 35-37 e 118):

1^o /4/1858 - Galerie de Valois, 35, no Palais Royal. As reuniões eram às terças-feiras. O Palais Royal é importante edifício histórico situado ao lado do Louvre. Foi construído pelo Cardeal Richelieu no século XVII. Suas elegantes galerias externas, que circundam o jardim (Montpensier, de Beujolais e de Valois), foram mandadas construir por Louis-Philippe d'Orléans, na segunda metade do século seguinte. Na Galerie d'Orléans (do séc. XIX) ficavam as livrarias de Dentu (no 13) e Ledoyen (no 31), que editaram várias das obras espíritos de Kardec (ver adiante).

1^o /4/1859 - Galerie Montpensier, 12, no Palais Royal (num salão do restaurante Douix). Nesse local SPES reunia-se às sextas-feiras.

⁽⁴³⁾ Em 1866 sofreu séria crise de saúde, conseqüente à sobrecarga de trabalho e de preocupações, sendo assistido pelo Dr. Demeure, que o advertiu quanto aos limites das forças corporais. Por insistência desse Espírito, Kardec passou a contar, para a correspondência comum e a parte mais material das tarefas, com a ajuda de um secretário, o Sr. A. Desliens, médium e membro da SPES (*** AK III 111, 286, 301, 302 e 42). Com a desencarnação do mestre em março de 1869, Desliens ficou como secretário-gerente da Revue, até junho de 1871 (AK III 157, 136).

⁽⁴⁴⁾ A Union Spirite Française foi fundada por Jean Meyer e Gabriel Delanne em 1919, não tendo relação direta com a antiga SPES, que encerrou suas atividades ainda no século passado, bem pouco tempo após a morte de Kardec. (AK II 16 e 17; III 156)

⁽⁴⁵⁾ Notícia veiculada em **Reformador**, abril e maio de 1990, pp. 128 e 130, respectivamente; ver também **La Revue Spirite**, janeiro de 1997 (no 30), p. 7. Assinaturas podem ser feitas escrevendo-se para o endereço da USFF: 1, Rue du Docteur Fournier, 37000 Tours, France. Além de editar **La Revue Spirite**, a Union, promove o intercâmbio entre os grupos espíritos da França (pouco mais de uma dezena, a maioria de criação recente), e tem representado o movimento espírita francês no plano internacional. Segundo se depreende de artigo da autoria de Affonso Soares publicado em **Reformador** de novembro de 1986 (p. 341), a USFF teria sido fundada em fins de 1985, junto com uma publicação oficial, a **Revue des Spiritiques**. No entanto, no número de junho de 1989 do periódico febiano, o mesmo autor diz que a fundação da Union ocorreu em 1987; essa informação parece-nos incorreta. Neste artigo mais recente assevera-se ainda que a publicação trimestral se chama **La Nouvelle Revue Spirite**. Desse modo, antes de conseguir recuperar o título '**La Revue Spirite**' o valoroso grupo espírita de Tours teria dado dois outros nomes à sua revista.

20/4/1860 – Passage Ste.-Anne (Rue Ste.-Anne, 59). Nesse mesmo endereço, a partir de 15 de julho, passa a residir Kardec, que levou consigo a Revue Spirite. Embora por essa época já possuísse a casa da tranqüila Villa Ségur, Allan Kardec viu-se na contingência de se alojar nesse apartamento com a abnegada esposa, dividindo espaço com a Revue e a SPES, para economizar seu minguado tempo.

1/4/1869 – Estava programada para essa data a transferência provisória da Sociéte para a Librairie Spirite, Rue de Lille, 7.

6. As outras obras importantes de Allan Kardec

Fornecemos a seguir alguns dados sobre as principais obras de Allan Kardec (além de **O Livro dos Espíritos**, de que já tratamos; para uma lista possivelmente completa, ver AK III 15, 18 e 19). Algumas das informações referentes a dias e meses das publicações foram colhidas nas edições da FEB. Quanto às edições em francês atuais, indicamos as que pessoalmente possuímos; em alguns casos, há nas livrarias outras edições. Abreviaremos os dados referentes aos editores originais segundo estas convenções (note-se que várias das obras saíram por mais de um editor):

- **Dentu E. Dentu, Libraire. Palais Royal, Galerie d'Orléans, 13.**
- **Ledoyen Ledoyen, Libraire. Palais Royal, Galerie d'Orléans, 31.**
- **Didier Didier et Cie., Libraires-Éditeurs. Quai des Augustins, 17.** ⁽⁴⁶⁾

1858 - **Instrução Prática sobre as Manifestações Espíritas (Instruction pratique sur les manifestations spirites)**. Contendo a exposição completa das condições necessárias para se comunicar com os Espíritos, e os meios de se desenvolver a faculdade mediadora nos médiuns. Bureau de la Revue Spirite, Rue des Martyrs, 8; Dentu; Ledoyen.

Com a publicação de **O Livro dos Médiuns**, em 1861, Kardec não mais fez imprimir a Instruction (152 pp.), à época já esgotada, considerando-a superada, quanto à abrangência, pela nova obra. É, porém, de significativo valor histórico; hoje está novamente disponível em francês (Paris, La Diffusion Scientifique) e em português, em tradução de Cairbar Schutel (in: **Iniciação Espírita**, 6ª ed., São Paulo, Edicel, 1977; também publicado pela Casa Editora O Clarim, de Matão, em 1987).

1859 – **O que é o Espiritismo (Qu'est-ce que le Spiritisme)**. Introdução ao conhecimento do mundo invisível pelas manifestações dos Espíritos, contendo o resumo dos princípios da doutrina espírita e respostas às principais objeções. Ledoyen. [100 pp.] ⁽⁴⁷⁾

Edição francesa corrente: Paris, Dervy-Livres. Tradução brasileira recomendada: Rio, FEB (não se indica o tradutor).

1860 – (março) - Segunda edição de **O Livro dos Espíritos**. Contendo os princípios da doutrina Espírita sobre a imortalidade da alma, a natureza dos Espíritos e suas relações com os homens; as leis morais, a vida presente, a vida futura e o porvir da humanidade. Segundo o ensino dado pelos Espíritos Superiores com o auxílio de diversos médiuns, recolhidos e ordenados por Allan Kardec. Segunda edição, inteiramente refundida e consideravelmente aumentada. Didier; Ledoyen.

Acima do título, aparece agora a frase "**Filosofia espiritualista**". Essa nova edição, que se tornou definitiva, tem 1019 questões, distribuídas em quatro partes. São acrescentadas as Conclusões; não há mais índice alfabético, infelizmente. A forma de exposição dupla não aparece em nenhuma das partes. As notas vêm agora logo após as respostas dos Espíritos, sendo muitíssimo mais numerosas; é fácil ver que muitas delas provêm do texto corrido da primeira parte da primeira edição. ⁽⁴⁸⁾

1861 – (15 de janeiro) - **O Livro dos Médiuns (Le livre des médiums)**, ou guia dos médiuns e dos evocadores. Contendo o ensino especial dos Espíritos sobre a teoria de todos os gêneros de manifestações, os meios de se comunicar com o mundo invisível, o desenvolvimento da mediunidade, as dificuldades e os escolhos com que se pode deparar na prática do Espiritismo. Para fazer seqüência ao "**O Livro dos Espíritos**". Didier; Ledoyen. [498 + iv pp.; AK III 173]

⁽⁴⁶⁾ Pierre-Paul Didier foi um dos mais dedicados colaboradores de Kardec, membro fundador da SPES, tendo nela atuado como médium (AK III 377, 79, 323 e 82); desencarnou em 2/12/1865, mas como Espírito continuou diretamente envolvido nas atividades de Kardec (ibid. 85, 92, 289).

⁽⁴⁷⁾ Não vimos a primeira edição; nas edições a que tivemos acesso, há divergência quanto ao texto que segue ao título. O que traduzimos consta da edição atual da Dervy. Nas notícias da segunda edição de **O Livro dos Espíritos** (ver fac-simile no **Reformador** de abril de 1989, p. 105) está do seguinte modo: "Introduction à la connaissance du monde invisible ou des Esprits, contenant les principes fondamentaux de la doctrine spirite et la réponse à quelques objections préjudiciables." O que se encontra em AK III 13 corresponde aproximadamente a esse texto.

⁽⁴⁸⁾ Constatou-se, em época relativamente recente (ver **Reformador**, abril de 1989, pp. 104-107), que Kardec anexou à segunda edição algumas notas e erratas, destinadas a complementar e corrigir o texto. Pôde-se também verificar que na oitava edição elas ainda apareciam; não se sabe a partir de qual edição deixaram de figurar, nem por que Kardec não conseguiu inserir as correções e acréscimos refundindo o texto. Lamentavelmente, nem as edições francesas atuais nem as traduções para o vernáculo incorporam ou sequer mencionam as modificações, que o próprio Kardec considerava imprescindíveis. Parece-nos de suma importância que esse material venha a público de forma completa, e que seja incorporado nas novas edições.

1861 – Segunda edição de **O Livro dos Médiuns**. Revista e corrigida com o concurso dos Espíritos, e acrescida de grande número de instruções novas. Didier; Ledoyen. [510 + viii pp.] Edição francesa corrente: Paris, Dervy-Livres. Edição brasileira recomendada: FEB, tradução de Guillon Ribeiro, inteiramente revista a partir da 59ª edição.

1862 – (fevereiro) – **O Espiritismo na sua Expressão mais simples (Le Spiritisme à sa plus simple expression)**. Exposição sumária do ensino dos Espíritos e de suas manifestações. Ledoyen. [36 pp.]

Em 1994 esse opúsculo foi reeditado pelo Centre d'Études Spiritistes Allan Kardec, de Paris. Existem várias traduções para o vernáculo, sendo hoje disponíveis as de Dafne R. Nascimento, publicada pela Federação Espírita do Estado de São Paulo em 1984, e a de Joaquim da Silva Sampaio Lobo (in: **Iniciação Espírita**, 6ª ed., São Paulo, Edicel, 1977).⁽⁴⁹⁾

1862 – **Viagem Espírita** em 1862 (**Voyage spirite** em 1862). Contendo: 1. As observações sobre o estado do Espiritismo; 2. As instruções dadas por Allan Kardec nos diferentes grupos; 3. As instruções sobre a formação dos grupos e das sociedades, e um modelo de regulamento para o uso deles e delas. Ledoyen. [64 pp.]

Esse livro é atualmente publicado em Paris pela Éditions Vermet; no Brasil, em Matão, pela Casa Editora O Clarim, em tradução de Wallace Leal Rodrigues. Em nenhuma dessas edições constam dizeres após o título; tomamos de AK III 18, onde não se esclarece se estavam nas edições originais. Afora as mencionadas instruções e regulamento, o corpo da obra consiste de três discursos proferidos por Kardec aos espíritas de Lyon e Bordeaux em sua famosa viagem.

1864 – (abril) – **Imitação do Evangelho segundo o Espiritismo (Imitation de l'Évangile selon le Spiritisme)**. Contendo a explicação das máximas morais do Cristo, sua concordância com o Espiritismo e sua aplicação às diversas posições da vida. Por Allan Kardec, autor do **“O Livro dos Espíritos”**. Fé inabalável só o é a que pode encarar frente a frente a razão, em todas as épocas da Humanidade. Paris, os editores do Livro dos Espíritos; Ledoyen, Dentu, Fréd. Henri, livreiros, no Palais Royal, e no escritório da **Revue Spirite**, Rue e Passage Sainte-Anne, 59.

Essa obra, impressa na Imprimerie de P.-A. Bourdier et Cie, Rue Mazarine, 30, possui 444 + xxxvi páginas. É precursora de **O Evangelho segundo o Espiritismo**, e não mais seria impressa por Kardec após a publicação deste, em 1866. No entanto, é de grande valor histórico, sendo essa a razão pela qual em 1979 a FEB reeditou-a em reprodução fotográfica. Não temos notícia de outras edições recentes, nem de traduções. Naturalmente, 'imitação' aqui não se deve entender no sentido hoje popular, de 'cópia', mas no de 'prática' (ver a introdução de Hermínio Miranda à edição febianiana para esclarecimentos adicionais).

(1ª de agosto) – **O Céu e o Inferno**, ou a Justiça Divina segundo o Espiritismo (**Le ciel et l'enfer**, ou la justice divine selon le Spiritisme). Contendo o exame comparado das doutrinas sobre a passagem da vida corporal à vida espiritual, as penas e recompensas futuras, os anjos e os demônios, as penas eternas, etc.; seguido de numerosos exemplos acerca da situação real da alma durante e depois da morte. **"Por mim mesmo juro, disse o Senhor Deus, que não quero a morte do ímpio, senão que ele se converta, que deixe o mau caminho e que viva."** (Ezequiel, 33:11). Paris; os editores de O Livro dos Espíritos, Librairie Spirite.

Em nossos dias, está disponível edição belga da Éditions de l'Union Spirite. A tradução da FEB é, neste caso, de Manuel Quintão. (AK III 108 faz menção à 21ª edição, revista, 1974.)

1866 – **O Evangelho segundo o Espiritismo (L'Évangile selon le Spiritisme)**.

Os dizeres da página de rosto são idênticos aos de L'Imitation, exceto pela data e pela frase **"Terceira edição, revista, corrigida e modificada"**. Vê-se, portanto, que Kardec considerava esta obra uma nova edição da anterior, apesar da simplificação do título. Segundo se lê no prefácio de Thiesen à edição da FEB de L'Imitation, a segunda edição, de 1865, seria apenas outra tiragem do primeiro livro. No entanto, em AK III 18 esse mesmo autor escreve: **"Da 2ª ed. – 1865 – em diante, essa obra tomou novo título..."**. Para que esta última informação seja compatível com a anterior, deve-se entender aqui **'2ª edição exclusiva'**. * De qualquer modo, é a terceira edição que se tornou definitiva, servindo de base para as edições posteriores em francês e nos vários idiomas em que foi traduzida. Também devido à sua raridade e seu valor histórico, a FEB lançou, em 1979, uma reprodução fotográfica dessa edição. Na França, é hoje em dia publicada por La Diffusion Scientifique. Em português, a tradução clássica recomendada é a de Guillon Ribeiro (FEB), inteiramente revista a partir da 104ª edição.

1868 – (6 de janeiro) – **A Gênese**, os milagres e as predições segundo o Espiritismo (**La genèse**, les miracles et les prédictions selon le Spiritisme). Paris, Librairie Internationale. * Esse foi o último livro publicado por Kardec. Pode ser encontrado hoje em edição da La Diffusion Scientifique, de Paris. A corrente edição da FEB foi traduzida por Guillon Ribeiro.

1890 – (janeiro) – **Obras Póstumas** (Œuvres Posthumes). Paris, Société de Librairie Spirite. [450 pp.]

⁽⁴⁹⁾ Em AK III 18, 176 e 353-54 informa-se acerca de três traduções antigas: uma por Alexandre Canu, colaborador da SPES, que se achava à venda com J.P. Aillaud, Monlon e C..., em Lisboa, Rio de Janeiro e em Paris (1862); outra publicada em São Paulo, sem indicação de tradutor, pela Typographia Litteraria (1866); e finalmente outra da FEB, traduzida e anotada por Guillon Ribeiro (não se menciona a data da primeira edição, dizendo-se apenas que ainda há nos arquivos exemplares de 1921 e 1933).

Editado por Pierre-Gaëtan Leymarie, esse livro reúne importantes textos de Kardec, quer de caráter teórico, sobre diversos assuntos, quer sobre fatos relativos às atividades espíritas do mestre. Em AK III 19 lê-se que uma segunda edição veio a lume ainda no mesmo ano de 1890. Guillon Ribeiro traduziu o livro para a FEB, a partir da primeira edição francesa. A edição atual da Dervy-Livres conta com controversos comentários, introdução e notas de André Dumas.

Consoante ao objeto deste nosso trabalho, a lista acima contém apenas os textos mais importantes e, sobre eles, apenas algumas informações básicas. O volume III da obra Allan Kardec é de consulta obrigatória para o estudioso que queira acerrar-se da fonte mais extensa e segura de dados sobre o conjunto da produção de Kardec.

7. A partida de Allan Kardec e alguns acontecimentos posteriores

1869 – (31 de março) - Desencarna subitamente Allan Kardec, enquanto atende a um caixeiro de livraria, no seu apartamento da Rue Ste.-Anne, muito provavelmente vitimado pela ruptura de um aneurisma de aorta (AK III 110, 116 e 119). No dia seguinte, deveria desocupar esse imóvel, indo para a casa da Villa Ségur; os escritórios da Revue iriam para a Rue de Lille, Librairie Spirite, que sediaria também a SPES.

O corpo foi sepultado ao meio-dia de 2 de abril, no cemitério de Montmartre. Estima-se que mais de mil pessoas acompanharam o cortejo, que seguiu pelas ruas de Grammont, Laffitte, Notre-Dame-de-Lorette, Fontaine e pelo Boulevard de Clichy. À beira da sepultura, Camille Flammarion, astrônomo e médium da SPES, pronunciou o seu importante discurso, que a FEB fez figurar na sua edição de **Obras Póstumas**. Na primeira reunião da SPES após esse fato, os membros presentes lançaram a idéia de se levantar um monumento ao mestre, que logo recebeu adesão de espíritas de muitas cidades. Foi assim que se fez construir o famoso dólmen do cemitério Père-Lachaise, para onde os restos mortais de Kardec foram transladados a 29 de março de 1870.

1870 – (31 de março) - Inaugura-se o monumento druida do Père-Lachaise. Esse famoso cemitério é considerado museu, tendo sido ali sepultados inúmeros dos grandes vultos franceses e mesmo de outros países. O de Kardec é o túmulo mais visitado e o mais florido de todos. ⁽⁵⁰⁾

Quando de sua inauguração, o dólmen não registrava a célebre frase "**Nascer, morrer, renascer ainda e progredir continuamente, tal é a lei**", que foi insculpida ainda em 1870. Ao contrário do que muitas vezes se afirma, essa frase não se deve textualmente ao próprio Kardec, não obstante represente corretamente o pensamento espírita (AK III 118-152).

1871 – (junho) – Pierre-Gaëtan Leymarie assume a gerência da Revue e da Librairie Spirite (AK III 157).

1875 – Vêm à público as primeiras edições brasileiras de livros de Kardec (excetuando-se o já citado opúsculo **O Espiritismo na sua Expressão mais simples**, publicado em São Paulo em 1862; ver nota no 10, acima): **O Livro dos Espíritos**, **O Livro dos Médiuns** e **O Céu e o Inferno**, traduzidos por Fortúnio, pseudônimo do Dr. Joaquim Carlos Travassos. No ano seguinte também apareceria, pelo mesmo tradutor, **O Evangelho Segundo o Espiritismo**. O Editor dessas obras foi B. L. Garnier, do Rio de Janeiro. (AK III 175-80)

1883 – (21 de janeiro) – Morre Madame Allan Kardec. Dois dias após seu corpo é sepultado junto ao do esposo, no Père-Lachaise, saindo o féretro de sua casa na Villa Ségur. Amélie-Gabrielle Boudet nascera em 1795, a 23 de novembro, e não a 21, como se insculpiu no túmulo. (AK III 158-60)

1883 – (21 de janeiro) – Fundação da revista **Reformador**, por Augusto Elias da Silva.

1884 – (2 de janeiro) – Fundação da Federação Espírita Brasileira, também por Augusto Elias da Silva.

1898 – A Revue muda-se da Rue du Sommerard, 12 para a Rue St.-Jacques, 42, onde permaneceu por algumas décadas; no local existe hoje a Librairie Leymarie, que pertenceu a Pierre-Gaëtan Leymarie. (AK III 226-27)

1923 – Jean Meyer funda a Maison des Spirites, na Rue Copernic, 8 (AK I 172; cf. porém AK III 203 *). Continha arquivos importantes que foram destruídos pelos nazistas. Sediou a Éditions Jean Meyer (B.P.S), que publicou muitas das obras clássicas do Espiritismo, bem como a Revue, de 1923 a 1971, quando morreu Hubert Forestier (AK III 227).

8. Relação dos endereços:

Fornecemos abaixo uma relação dos principais endereços ligados ao Espiritismo na França, destinada a facilitar visitas e a localização em mapas:

1.Rue Sale, 76 (Lyon) – Local onde nasceu Rivail.

2.Rue de la Harpe, 117 – Rivail estava nesse endereço em janeiro de 1823.

3.Rue Vaugirard, 65 – Rivail esteve nesse endereço pelo menos de 1828 a 1831.

4.Rue Christine, 5 – Imprimerie de Pilet-Ainé, que em 1824 publicou o primeiro livro de Rivail.

5.Rue de Sèvres, 35 – Institution Rivail, de 1826 a 1834; Lycée Polymathique, até 1850.

⁽⁵⁰⁾ Destaca-se esse ponto no próprio mapa do cemitério. Na madrugada 2 de julho de 1989 o túmulo sofreu um atentado a bomba, que o danificou parcialmente, sendo posteriormente restaurado pela Prefeitura de Paris. (Reformador, julho de 1989, p. 194, e setembro de 1990, p. 284.)

- 6.Rue Grange-Batelière, 18 – Casa da Sra. Plainemaison, onde Rivail fez as primeiras observações, em maio de 1855.
- 7.Rue Rochechouart – Família Baudin, 1855. Aqui começaram as pesquisas sistemáticas de Rivail.
- 8.Rue Lamartine – Novo endereço dos Baudin, a partir de 1856. Grande parte do trabalho inicial de Kardec desenvolve-se nas reuniões dessa família.
- 9.Rue Tiquetonne, 14 – Casa do Sr. Roustan. Com a médium Srta. Japhet, Rivail desenvolveu importantes trabalhos, incluindo a revisão do **“O Livro dos Espíritos”**.
- 10.Rue des Martyrs, 8 (segundo andar, ao fundo do pátio) – Residência de Rivail pelo menos desde março de 1856, ficando até 14/7/1860. Em outubro de 1857, começaram aí as reuniões de estudo que dariam origem à SPES. No local foi publicada 1ª ed. de **O Livro dos Espíritos** (18/4/57) e lançada a **Revue Spirite** (1/1/58). 1.Saint-Germain-en-Laye (23 km oeste de Paris) – Imprimerie de Beau, que imprimiu a 1ª ed. de **O Livro dos Espíritos** e a **Revue Spirite**.
- 11.Galerie d'Orléans, 13 (Palais Royal) – Dentu, editor da 1ª ed. do **O Livro dos Espíritos**, da **Instrução Prática**, da **Imitação e do Evangelho**.
- 12.Galerie d'Orléans, 31 (Palais Royal) - Ledoyen, editor da 2ª ed. do **O Livro dos Espíritos**, da Instrução, do **O Livro dos Médiuns**, do **Espiritismo em sua Expressão mais simples**, da **Viagem Espírita**, da **Imitação, do Evangelho** e do **O Céu e o Inferno**.
- 13.Galerie de Valois, 35 (Palais Royal) – primeiro endereço da SPES, a partir de 1/4/58 (reuniões às terças-feiras)
- 14.Galerie de Montpensier, 12 (Palais Royal; restaurante Douix) - segundo endereço da SPES, a partir de 1/4/59.
- 15.Quai des Augustins, 35 – Didier et Cie, editor da 2ª ed. do **O Livro dos Espíritos**, do **O Livro dos Médiuns** e do **O Céu e o Inferno**.
- 16.Rue Mazarine, 30 – Imprimerie de P.-A. Bourdier et Cie, que imprimiu **L'Imitation de l'Évangile**, em abril de 1864.
- 17.Passage Sainte-Anne (Rue Sainte-Anne, 59) – SPES, a partir de 20/4/60; domicílio de Kardec e **Revue Spirite**, a partir de 15/7/60;
- 18.Villa Ségur (Av. de Ségur, 39) – casa de propriedade de Kardec pelo menos desde 1860, para a qual se mudaria definitivamente em 1/4/1869. O casal por vezes usava a casa para receber visitas e para realizar trabalhos que exigiam recolhimento. Amélie-Gabrielle ficou nela até sua morte, em 1883. Era desejo de Kardec que a casa se transformasse, quando não mais estivessem encarnados ele e a esposa, em abrigo para espíritas desvalidos.
- 19.Rue de Lille, 7 – Revue e SPES depois da morte de Kardec (31/3/69); aí já funcionava a Librairie Spirite.
- 20.Rue du Sommerard, 12 – Sediou a Revue por breve período, de 1897 (quando foi liquidada a Librairie Spirite *) a 1898 (AK III 202, 227 e 262).
- 21.Rue Saint-Jacques, 42 – Librairie Leymarie, que abrigou a Revue de 1898 até 1923 (AK III 227); existe ainda hoje como livraria espiritualista.
- 22.Rue Copernic, 8 – Maisondes Spirites, fundada em 1923 por Jean Meyer (AK I 172), funcionou até a década de 1970. *
- 23.Rue Jean-Jacques Rousseau, 15 – Union Spirite Française, fundada em 1919 Jean Meyer e Gabriel Delanne; substituída em 1976 pela U.S.F.I.P.E.S.
- 24.Rue du Docteur Fournier, 1, 37000 Tours – Union Spirite Française et Francophone, que atualmente publica La Revue Spirite.
- 25.Rue de Flandre, 131, Résidence Île de France, bâtiment E1, 75019 Paris, tel.: (01)42090869 – Centre d'Études Spirites Allan Kardec (em funcionamento).
- 26.Cemitério de Montmartre (região norte de Paris) – Sepultamento de Kardec a 2/4/69.
- 27.Cemitério do Père-Lachaise (região leste de Paris) - Sepultura definitiva de Kardec, a partir de 29/3/70; o dólmen é inaugurado dois dias depois.

This page is hosted by Geocities. Get your free homepage and e-mail in <http://www.geocities.com>

Kardec, obrigado!

Irmão X

(Texto psicografado por F. C. Xavier e publicado em Reformador de outubro de 1985, p. 298.)

Kardec, enquanto recebes as homenagens do mundo, pedimos vênia para associar o nosso preito singelo de amor aos cânticos de reconhecimento que te exalçam a obra gigantesca nos domínios da libertação espiritual.

Não nos referimos aqui ao professor emérito que foste, mas ao discípulo de Jesus que possibilitou o levantamento das bases do Espiritismo Cristão, cuja estrutura desafia a passagem do tempo.

Falem outros dos títulos de cultura que te exornavam a personalidade, do prestígio que desfrutavas na esfera da inteligência, do brilho de tua presença nos fastos sociais, da glória que te ilustrava o nome, de vez que todas as referências à tua dignidade pessoal nunca dirão integralmente o exato valor de teus créditos humanos.

Reportar-nos-emos ao amigo fiel do Cristo e da Humanidade, em agradecimento pela coragem e abnegação com que te esqueceste para entregar ao mundo a mensagem da Espiritualidade Superior. E, rememorando o clima de inquietações e dificuldades em que, a fim de reacender a luz do Evangelho, superaste injúria e sarcasmo, perseguição e calúnia, desejamos expressar-te o carinho e a gratidão de quantos edificaste para a fé na imortalidade e na sabedoria da vida.

O Senhor te engrandeça por todos aqueles que emancipaste das trevas e te faça bendito pelos que se renovaram perante o destino à força de teu verbo e de teu exemplo!...

Diante de ti enfileiram-se, agradecidos e reverentes, os que arrebataste à loucura e ao suicídio com o facho da esperança; os que arrancaste ao labirinto da obsessão com o esclarecimento salvador; os pais desditosos que se viram atormentados por filhos insensíveis e delinquentes, e os filhos agoniados que se encontram na vala da frustração e do abandono pela irresponsabilidade dos pais em desequilíbrio e que foram reajustados por teus ensinamentos, em torno da reencarnação; os que renasceram em dolorosos conflitos da alma e se reconheceram, por isso, esmagados de angústia nas brenhas da provação, e os quais livraste da demência, apontando-lhes as vidas sucessivas; os que se acharam arrasados de pranto, Tateando a lousa na procura dos entes queridos que a morte lhes furtou dos braços ansiosos, e aos quais abriste os horizontes da sobrevivência, insuflando-lhes renovação e paz, na contemplação do futuro; os que soergueste do chão pantanoso do tédio e do desalento, conferindo-lhes, de novo, o anseio de trabalhar e a alegria de viver; os que aprenderam contigo o perdão das ofensas e abençoaram, em prece, aqueles mesmos companheiros de Humanidade que lhes apunhalaram o espírito, a golpes de insulto e de ingratidão; os que te ouviram a palavra fraterna e aceitaram com humildade a injúria e a dor por instrumentos de redenção; e os que desencarnaram incompreendidos ou acusados sem crime, abraçando-te as páginas consoladoras que molharam com as próprias lágrimas...

Todos nós, os que levantaste do pó da inutilidade ou do fel do desencanto para as bênçãos da vida, estamos também diante de ti!... E, identificando-nos na condição dos teus mais apagados admiradores e como os últimos dos teus mais pobres amigos, comovidamente, em tua festa, nós te rogamos permissão para dizer: Kardec, obrigado!...

M u i t o o b r i g a d o ! . . .

This page is hosted by Geocities. Get your free homepage and e-mail at <http://www.geocities.com>

Notícias e Eventos

Lançamento de Human Nature

Foi recentemente lançada na Europa a revista Human Nature - International Journal for the Study of Spirituality, Psychical Research and Survival of Death.

Embora não especificamente espírita, a publicação é de interesse para os espíritas, na medida em que representa um espaço de discussão de temas ligados ao Espiritismo, sob uma perspectiva independente de doutrinas particulares.

A revista apresenta três seções. A principal - Psychical Research - está voltada à publicação de textos sobre investigações acerca da questão da sobrevivência do ser; as outras duas tratam de temas morais e filosóficos.

Ao lado de artigos originais, o primeiro número transcreve um interessante debate entre Charles Richet e Oliver Lodge sobre a evidência para a sobrevivência do homem ao fenômeno da morte.

Mais informações podem ser obtidas no site: <http://home.t-online.de/home/sommer.a/hn.htm> .

This page is hosted by Geocities. Get your free homepage and e-mail at <http://www.geocities.com>

Algumas páginas de interesse para o Espiritismo

Federação Espírita Brasileira – FEB. Versões digitalizadas das obras de Kardec e outros autores reconhecidos, revista Reformador (download e assinatura), livraria virtual, etc.

Centre d'Études Spirites Gabriel Delanne -

* Está colocando na Web a Revue Spirite dos anos de Kardec. Não perca!

* Link para a assinatura da Revue Spirite atual (com pagamento no Brasil).

Union Spirite Française et Francophone- USFF

Grupo de Estudos Avançados de Espiritismo - (GEAE) - Pioneira da divulgação do Espiritismo na Web. Textos, comentários, entrevistas, links, etc.

Spiritism to the World – A pioneering page on Spiritism in the Web.

Human Nature – International Journal for the Study of Spirituality, Psychical Research and Survival of Death

Dezenas de outros links espíritas, organizados por categoria, podem ser encontrados em:

- Apontador de Páginas Espíritas